

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH**

HÉLIO CAMILO ROSA

**CULTURA JOVEM, ESPAÇO ESCOLAR E CIRCUITOS URBANOS NA
CIDADE DE PALHOÇA – 2000-2008**

FLORIANÓPOLIS, SC

2012

HÉLIO CAMILO ROSA

**CULTURA JOVEM, ESPAÇO ESCOLAR E CIRCUITOS URBANOS NA
CIDADE DE PALHOÇA – 2000-2008**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em História – História do Tempo Presente, no Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Dr. Rafael Rosa Hagemeyer.

FLORIANÓPOLIS – SC

2012

HÉLIO CAMILO ROSA

**CULTURA JOVEM, ESPAÇO ESCOLAR E CIRCUITOS URBANOS NA
CIDADE DE PALHOÇA– 2000-2008**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre,
no curso de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Orientador _____

Dr. Rafael Rosa Hagemeyer
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro: _____

Dr. Emerson César de Campos
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro: _____

Dr. Henrique Pereira de Oliveira
Universidade Federal Santa Catarina – UFSC

Suplente: _____

Dra. Márcia Ramos de Oliveira
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Florianópolis, 15 de agosto de 2012

A todas as pessoas que compartilharam desse sonho e que em algum momento contribuíram para realização do mesmo.

A Maria Tomé, Renato Camilo, Maria Gorethe Rosa, Nilton Camilo e André Camilo.

A meus amigos e amigas. Meus professores e professoras. Meus alunos e alunas.

A Rafael Soares, parceiro de viagens, estilo oposto, amizade sempre.

AGRADECIMENTOS

A escrita dessa dissertação foi construída através da labuta, de trajetos árduos. Horas de angústias, enfrentamentos e embates comigo mesmo. Entretanto, nesses momentos de fragilidade emergiram o apoio de pessoas dedicadas e que me estimularam a ir adiante. Aqui quero expressar minha gratidão todas as pessoas que compartilharam de todos os momentos do meu curso de Mestrado.

Agradeço meu orientador Dr. Rafael Rosa Hagemeyer pela dedicação e paciência durante a realização dessa dissertação.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina pela competência e dedicação ao longo do curso.

Ao Professor Dr. Emerson César Campos e a Professora Dra. Márcia Ramos de Oliveira pela imensa contribuição através das críticas e sugestões.

A minha família: meu pai, minha mãe, minha irmã e meus irmãos que mesmo distante me apoiaram e incentivaram.

Os meus colegas de curso: Daniel Boeira, Daniel Bronstrup, Edgar de Souza, Elaine Cristina, Eric Allen, Fábio Garcia, Juliana Krauss, Maicon Mariano, Michel Goulart, Misael Costa, Pedro Eurico, Rochelle Cristina, Rosângela Storck pelos momentos que compartilhamos nessa caminhada.

A Vanessa Muniz, pela amizade construída ao longo do caminho. Por contribuir na leitura do texto e nas observações pertinentes.

A Adriana, Brenda, Bruno, Diego, Edemilson, Emerson, Edu, Felipe, Frantiescole, Jefferson, João Paulo, Juliano, Kleiton, Lázaro, Natália, Paula, Priscila e Rafael por contribuírem imensamente na escrita dessa dissertação por compartilhar lembranças e momentos de suas vidas.

Ao diretor, auxiliares de direção, professores, professoras, secretárias e assistentes de educação da Escola de Educação Básica Irmã Maria Teresa pelo carinho, compreensão e amizade.

Ao Lauro, a Daiana e o Edson...

A todos meus amigos, obrigado por fazerem parte da minha vida.

“Desconfio de todos os criadores de sistema e deles me afasto. A vontade de construir sistemas é uma falta de retidão.”

Friedrich Nietzsche

*“Eu sempre sonho que uma coisa gera,
nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera.”*

Adélia Prado

RESUMO

Os avanços tecnológicos vêm transformando as relações entre os indivíduos nas sociedades contemporâneas, emergem novas formas de sociabilidades. Estamos todos inseridos neste processo de mudanças contínuas e aceleradas, entretanto, é a juventude que a vive mais intensamente. Nesse sentido, a escola como um espaço onde há presença massiva de jovens passa por um processo semelhante. Na tentativa de compreender essas mudanças nosso trabalho investiga as práticas culturais juvenis através da apropriação dos espaços urbanos e escolares na cidade de Palhoça SC. Através de entrevistas mapeamos os circuitos, as preferências musicais e o comportamento juvenil dentro e fora da escola e estabelecemos relações com produção, consumo e circulação de produtos culturais. Também apresentamos os discursos produzidos sobre a cidade a partir de uma produção jornalística enfatizando aspectos culturais da cidade.

Palavras Chave: juventude, escola, memória, cidade, tecnologias da informação e comunicação

ABSTRACT

Technological advances are transforming the relationships between individuals in contemporary societies, emerging new forms of sociability. We all entered into this process of continuous and rapid changes, however, is the youth that live more intensely. In this sense, the school as a place where there are massive presence of young people going through a similar process. In an attempt to understand these changes our work investigates the cultural practices juveniles through the appropriation of urban spaces and school in the city of Palhoça SC. Through interviews mapped the circuits, musical preferences and behavior of youth in and out of school and established relations with production, consumption and circulation of cultural products. We also present the speeches made on the city from a journalistic production emphasizing cultural aspects of the city.

KEY WORDS: youth, school, memory, city, information and communication technologies

SUMÁRIO

CONSTRUINDO UMA NARRATIVA SOBRE A JUVENTUDE.....	10
1 HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E CULTURA JOVEM.....	18
1.1 CULTURA JOVEM E CULTURA DE MASSA.....	22
1.2 MEMÓRIA, MÍDIA E ESCOLA.....	36
2 DECIFRANDO OS SENTIDOS DO URBANO: CULTURA, LUGARES E ESPAÇOS NA CIDADE.....	44
2.1 A FORMAÇÃO DA CIDADE, SEUS TERRITÓRIOS E CIRCUITOS CULTURAIS...	45
2.2 FRAGMENTOS DO URBANO: CULTURA DILUÍDA.....	53
2.3 ENTRE LUGARES E ESPAÇOS: PRÁTICAS CULTURAIS NA CIDADE	59
2.3.1 Palhostock: música pop ao ar livre.....	64
2.3.2 Rock e luau na Barra do Aririu.....	67
2.3.3 Bar do Professor, Avohai e outros espaços.....	69
3. VISUAL, ESTILO, GOSTO E INFORMAÇÕES: MEIOS DE CIRCULAÇÃO DE CULTURA NO ESPAÇO ESCOLAR	76
3.1 VISUAL E ESTILO.....	79
3.2 MÚSICA: ELEMENTO DE IDENTIFICAÇÃO JUVENIL.....	83
3.3 CIRCULAÇÃO DE PRODUTOS CULTURAIS NA ESCOLA.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
FONTES.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98

CONSTRUINDO UMA NARRATIVA SOBRE A JUVENTUDE

A escrita da narrativa histórica percorreu, desde Herótodo, longos e sinuosos caminhos. Subiu montanhas, caminhou por vales sagrados, viajou por desertos escaldantes, trilhou planícies verdejantes, navegou por rios caldalosos, assentou-se em catédras confortáveis e embrenhou-se em diversas aventuras por vilas, campos, cidades, países e continentes. Durante séculos, Clio a musa da história, guardou teorias, protegeu segredos, iluminou pesquisas e canonizou conceitos. Mas, o que essa protetora não previa, supostamente aconteceu: debaixo de suas enormes asas, o pós-moderno, um discípulo de Prometeu veio a roubar-lhe as chaves dos arquivos históricos. Misturando e fragmentando tudo - porções de literatura, vozes esquecidas de camponeses, grupos suburbanos - ele trocou os recortes e adicionou novos temas. O que antes era falta, tornou-se excesso: fontes inesgotáveis e, em grande parte, moventes, transitórias, fragmentárias, vulneráveis e mutáveis. A Musa já não nos proporciona caminhos tão nítidos, seu canto, antes lembranças seguras para o aedo, nos guia pelo rastro do esquecimento. Hoje, ela nos lança ao turbilhão dos acontecimentos, da movência, do nomadismo e do hibridismo pós-moderno. É nessa trilha sinuosa que proponho indentificar os indícios e seguir os rastros da narrativa sobre a temática da juventude.

Escrever a História é um processo artesanal, lidar com as palavras é como lidar com o barro, o oleiro constrói seu vaso, o historiador o seu texto. Por isso é importante resgatar a capacidade de narrar, tal qual Walter Benjamin as elucidou em seu elogio a Leskov:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo.¹

Na trilha desse caminho sinuoso, venho tecendo a narrativa, tentando contar uma História, juntando cacos e fragmentos. “Este trabalho de tecitura é, no entanto, obra da mão de quem tece, da imaginação e habilidade de quem narra.”² Escrever é a arte de inventar, criar

¹ BENJAMIM, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.

² ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007, p. 31.

um texto, uma ficção, dialogando o real com o fictício, frutos de nossa imaginação, o arcabouço de fatos e ideias gravadas na memória das pessoas e nas memórias eletrônicas.

A narrativa que se tece daqui em diante é fruto de minha atuação como professor na Educação Básica desde 1995, ora lecionado a disciplina História, ora Filosofia ou Sociologia, às vezes trabalhando em duas dessas ou nas três concomitantemente. Tendo trabalhado em diversas regiões do Brasil - pois lecionei em escolas dos Estados de Minas Gerais, Rondônia e, atualmente, em Santa Catarina, pude ter uma gama de contatos e experiências que me motivara a pesquisar a cultura juvenil. Experiências que me levou à pensar essa temática e construir um objeto: dissertar sobre as manifestações juvenis contemporâneas no espaço escolar e urbano e a relação com as tecnologias da informação.

Para a concretização deste objetivo foi preciso percorrer um caminho, sinuoso e árduo. O trabalho que fiz e que venho realizando - afinal sou professor e convivo diariamente com a vida escolar - tem me dado subsídios suficientes, experiência e legitimidade para tratar os assuntos que discuto aqui. Afinal, são quarenta horas semanais (excetuando o tempo para preparação de aulas e correção de provas) de um trabalho realizado com muito afincio.

Como professor na educação básica, minha percepção, embora talvez nem todos os professores concordem com ela, é de que a escola encontra-se em uma situação de crise, frente às inúmeras transformações no campo da informática e comunicação. A estrutura escolar ainda continua arcaica, a divisão de carga horária e as estruturas funcionais e curriculares não correspondem aos anseios da juventude contemporânea.

Desde então, travei uma luta comigo mesmo para superar as séries de dificuldades provenientes do ofício de professor. Ampliei minhas leituras e passei a observar os estilos e o comportamento dos jovens, tanto no espaço escolar quanto nas minhas caminhadas pela cidade - seja na praça, nas ruas ou dentro dos ônibus. Nessas observações, percebia que muitos não abandonavam seus celulares, sempre ouvindo música, usando o fone-de-ouvido ou não, às vezes incomodando os demais passageiros. Isso me fez pensar em uma citação de Bloom utilizada por Bill Green e Chris Bigum em seu texto *Alienígenas na sala de aula*³: “Embora os estudantes não tenham livros, eles com certeza têm música. Nada é mais singular a respeito dessa geração que sua compulsão pela música. Esta é a era da música e dos estados de alma que a acompanham.”⁴ Essa questão é significativa para o desenvolvimento de minha pesquisa, pois pretendo exatamente analisar as preferências musicais, maneiras de vestir e as

³ GREEN, Bill & BIGUM, Chris. *Alienígenas na sala de aula*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. 8 ed. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 208-243.

⁴ *Ibidem*, p. 224.

relações estabelecidas no espaço escolar e urbano. Acredito que essa análise pode trazer significativas contribuições para a História do tempo presente.

De início tínhamos o objetivo de pesquisar a documentação dos arquivos escolares para perceber como aconteciam as trocas referentes ao consumo de produtos culturais no espaço escolar no fim dos anos oitenta e início dos anos noventa para contrapô-las às do início do século XXI, com o advento das tecnologias da informação e comunicação, tais como computadores, celulares e internet. Porém a documentação necessária não pode ser encontrada. Trata-se aqui de uma prática anti-histórica que sempre reinou nos denominados “arquivos mortos” de várias escolas públicas: toda documentação acabava sempre em uma salinha empoeirada e na medida em que documentos mais recente vão chegando outros vão sendo descartados. Os livros de anotações dos procedimentos indisciplinar; livros e revistas antigas; o famoso “livro da capa preta” onde se anotavam as advertências aos alunos; foram todos para o lixo.

Devido a esse desencontro com as fontes escritas optamos pelo processo de entrevistas. O objetivo foi entrevistar alunos e ex-alunos de duas escolas públicas de Ensino Médio⁵ da cidade de Palhoça. Novamente esbarrei em burocracias e empecilhos para o andamento da pesquisa. O projeto demorou-se no conselho de ética, devido a realização de entrevistas com adolescentes e, depois de várias idas e vindas e quase três meses, foi aprovado com ressalvas, sendo permitido apenas entrevistar maiores de dezoito anos. Surgiu assim mais uma dificuldade: eliminar todos os nomes já listados e levantar outros, ficando mais difícil o encontro com aqueles alunos que já haviam deixado o ensino médio.

A narrativa histórica é construída nesses pormenores, nessas nuances que envolve as relações entre os sujeitos no cotidiano. “É somente a partir da mais elevada força do presente que tendes o direito de interpretar o passado; é somente na extrema tensão das vossas faculdades mais nobres que adivinhareis o que é grande do passado, o que é digno de ser conhecido e conservado.”⁶ Essas palavras do filósofo Friedrich Nietzsche nos aproxima de dois conceitos históricos proposto por Reinhart Koselleck⁷, espaço de experiências e horizonte de expectativas, equivalentes a espaço e tempo: “a experiência é passado atual”⁸ e a

⁵ Refiro-me aqui às: Escola de Educação Básica Irmã Maria Teresa, onde leciono Filosofia e Sociologia nas três séries do Ensino Médio e a Escola de Educação Básica Governador Ivo Silveira.

⁶ NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre História**. Apresentação, tradução e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 126.

⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006.

⁸ Ibidem, p. 309.

expectativa “é futuro presente.”⁹ Ou seja, através do presente acionamos o passado que é nosso campo de experiências, e a partir de então construímos um horizonte de expectativa para o futuro.

Na juventude as expectativas aparecem de formas distintas. Sem querer negar que elas estejam ausentes nas outras fases da vida, é fato que na juventude elas afloram com intensidades e maneiras diferentes; seja nos momentos de descoberta da sexualidade, nos namoros ou na corrida para conseguir um emprego ou passar no vestibular: “Não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa.”¹⁰ Estudar esse processo nos coloca diante dos jovens com seus estilos, seus modos de falar da vida e de suas histórias como um ser inserido no tempo histórico presente.. Inserimos nesse contexto nossas indagações, narramos a História de maneira envolvente para que “o conhecimento do passado seja sempre desejado somente para servir ao futuro e ao presente, não para enfraquecer o presente ou para cortar as raízes de um futuro vigoroso.”¹¹ Que a história esteja a serviço da vida.

Para coletar os testemunhos, duas escolas foram escolhidas por se tratarem de escolas centrais que recebem um grande número de alunos dos diversos bairros da cidade. Foram realizadas dezessete entrevistas, com homens e mulheres, somando mais ou menos quatro horas de gravação em gravador digital. Pela indisponibilidade de tempo, e não sendo possível o encontro, três entrevistas foram realizada através do site de relacionamento *Facebook*. Como a pesquisa refere-se à circulação de produtos culturais através das novas tecnologias, foi relevante o contato pela internet. As perguntas giraram em torno dos seguintes temas: relação entre música e escola, bandas preferidas e influências musicais, contatos na cidade com outros grupos, organização de eventos, uso de aparelhos móveis em sala de aulas, compras de adereços, aquisição de produtos culturais, pertencimento a determinados grupos. Deixamos bem claro que o interesse da pesquisa não era a historia das escolas ou de suas práticas pedagógicas ou curriculares, mas a escola, situada no espaço urbano, como lugar de encontros, passagens e circulação de produtos culturais.

Dos entrevistados¹²: Adriana e Edemilson cursaram o ensino médio em meados dos anos noventa; Diego Felipe, Jefferson Thiago, Priscila, Lázaro, Edu, Felipe, Rafael, Juliano, João Paulo e Paula concluíram o ensino médio entre 2007 e 2010; Brenda e Emerson,

⁹ Ibidem, p. 310.

¹⁰ Ibidem, p. 307.

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre História**. Apresentação, tradução e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2005. p. 99.

¹² Os entrevistados serão apresentados no decorrer do texto na medida em que aparecerem seus depoimentos.

concluíram em 2011; Frantiescole e Kleiton abandonaram os estudos no primeiro ano do ensino médio em 2008 e 2009 respectivamente; e Bruno abandonou o segundo ano do ensino médio em 2009. A partir dessas entrevistas percebemos as permanências e continuidades de determinadas maneiras de consumir e produzir cultura, as manifestações e a circulação de produtos culturais dentro e fora da escola. Sustento que a escola é uma entrefronteira entre a cidade e a mídia, é o local de referência para jovens, onde estes encontram possibilidades de mostrar, serem e serem vistos. Para quem passou pela escola há sempre o que contar, afinal é comum passarmos ao menos dez anos de nossas vidas em um ambiente escolar.

É possível que haja um questionamento sobre a credibilidade das fontes dessa pesquisa – por sua atualidade – pensando não ser viável escrever história sem um certo distanciamento do objeto de pesquisa. Outro questionamento pode ser direcionado à pouca idade dos entrevistados, pois são jovens e ainda frequentam a escola ou saíram desse ambiente recentemente, – pode-se alegar que suas lembranças ainda encontram-se misturadas ao momento vivido. Embora seja preciso enfrentar as diversas discussões e questionamentos a respeito das fontes históricas orais, acreditamos que para nosso objeto de estudo “A História Oral legitima a história do presente, pois a história foi, durante muito tempo, relegada ao passado.”¹³

As entrevistas com alunos, alunas, ex-alunos e ex-alunas nos mostram essa legitimação, pois tomando a música como tema central é possível reviver momentos marcantes, associando até mesmo um ambiente memorial que ainda não é parte da sua própria vida, pois a música o faz pensar em tempos que foram vividos por seus pais ou avós. Isso devido aos três critérios adotados: primeiro participar de um grupo musical ou tocar algum instrumento; segundo ter preferência pelo rock e suas variações; e terceiro, esses jovens deveriam ter cursado o ensino médio nos anos noventa e iniciaram os estudos entre os anos de 2000 e 2008 em uma das escolas citadas abaixo.

Duas escolas públicas de educação básica foram pesquisadas: Escola de Educação Básica Irmã Maria Teresa e Escola de Educação Básica Ivo Silveira, ambas localizadas na cidade de Palhoça. A primeira situada no bairro Ponte do Imaruim, seu registro de funcionamento data do ano de 1955¹⁴, desde então ao longo dos anos, através de portarias e decretos estaduais foi regularizando seu funcionamento. Atualmente a escola possui “aproximadamente 60 profissionais, entre especialistas, professores, pessoal administrativo e

¹³ FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. p. 46.

¹⁴ Para maiores informações acesse o site: <http://www.eebimt.xpg.com.br/2.html> Acesso em 04/02/2012.

de serviços gerais.”¹⁵ Atende cerca de 1500 alunos nos períodos matutino, vespertino e noturno, esses alunos são provenientes de diversos bairros, ou seja, muitos atravessam a cidade para realizar seus estudos. Leciono nessa escola as disciplinas de Filosofia e sociologia desde o ano de dois mil e sete (2007), conhecendo bem o corpo docente e discente, bem como a proposta de ensino dessa instituição.

A segunda escola a que me refiro é a Escola de Educação Básica Ivo Silveira, localizada à Rua Barão do Rio Branco, bem no centro de Palhoça, próximo à Praça. Essa escola foi construída durante o governo de Celso Ramos, por meio do então deputado Ivo Silveira. Foi criada a partir do decreto 3.332 de quatro de dezembro de mil novecentos e sessenta e três como Colégio Normal com o objetivo de formação para o exercício do magistério. Atualmente a escola recebe diversos alunos nos três turnos: matutino, vespertino e noturno, tanto no ensino fundamental de quinta a oitava série, quanto no ensino médio. Lecionei nessa escola apenas no ano de dois mil e sete (2007).

Além da coleta de depoimentos via entrevistas, pesquisei os jornais - *Palavra Palhocense, Zero Hora, Folha da Manhã, O Estado* - notícias e informações sobre Palhoça; como anúncios que se referiam a bares que tocavam rock e foram fechados. Outras importantes fontes de pesquisas foram os sites de relacionamento e compartilhamento *orkut, Facebook e youtube*.

A divisão textual do trabalho compõe-se em três capítulos. No primeiro, *História Oral, Memória e Cultura Jovem*, descrevo a necessidade do ser em viver das lembranças e esquecimento, introduzindo uma discussão sobre a memória, tendo como suporte de pesquisa os procedimentos, técnicas e metodologias da História Oral. Durval Muniz e Sônia Maria de Freitas nos fez pensar sobre as possibilidades da pesquisa e das fontes orais e os procedimentos de realização de entrevistas. Confesso que não tinha práticas com esse tipo de pesquisa, principalmente devido minha formação acadêmica em filosofia. Minhas primeiras entrevistas foram curtas, resultando em pouca informação, mas aos poucos fui aperfeiçoando. O texto: *Histórias dentro da História*¹⁶ de Verena Alberti contribuiu para o avanço das entrevistas. Entrevistas que foram muito importantes para adentrarmos no universo da cultura jovem e entender como eles constroem suas lembranças. Identificamos que, em tempos pós-modernos a mídia funciona como instrumento de recordação, pois o desenvolvimento da memória eletrônica dos computadores e da internet permite através do acesso a determinados

¹⁵ Disponível em: <http://www.eebimt.xpg.com.br/4.html>. Acesso em 04/02/2012.

¹⁶ ALBERT, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKI. Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

sites encontramos uma infinidades de arquivos de áudio e vídeo: músicas, shows, palestras, entrevistas, imagens e filmes.

Sou fascinado pela diferença e meu olhar é seduzido pela variedade de manifestações que integram o cenário urbano. Cabelos coloridos e tatuagens, roupas pretas e coloridas, brincos e piercings, moicanos e rastafari, coturnos militares e tênis all star, óculos e bonés, moletons e jaquetas, bermudas coloridas e jeans, dentre outras infinidades de acessórios que se mostram e compõem os corpos que circulam pela cidade. Punks? Góticos? Emos? Rappers? Roqueiros? Nerds? Surfistas? Patricinhas? Infinidades de definições e classificações. Essa é a proposta do nosso segundo capítulo, *Decifrando os sentidos do urbano: cultura, lugares e espaços na cidade*, que pretende pensar a circulação dos produtos culturais e dos próprios jovens, ou seja, de que maneira esses jovens circulam pelas praças, bares e shoppings. Tentamos entender como a música, os filmes contribuem na formação do gosto, das maneiras de vestir ao uso de adereços. Porém é necessário lembrar que diante da variedade dos estilos nossas entrevistas deu atenção aos adeptos do rock e suas variações.

Por fim, o terceiro capítulo, *Visual, estilo, gosto e informações: meios de circulação de cultura no espaço escola* procura identificar as mudanças ocorridas no espaço escolar a partir do advento das TIC's (tecnologias da informação e comunicação). Mostramos como acontece a circulação de produtos culturais no espaço escolar, procurando apontar as mudanças e permanências nas formas de circulação de produtos culturais na década de noventa e primeira década do século XXI, ou seja, antes da internet e após o advento da internet. Discutimos a música como elemento característico de identificação juvenil levando a construção do gosto e do estilo, manifesto através dos adereços e maneiras de vestir. Essa manifestação do gosto converge para sala de aula, fazendo com que esses produtos circule pelo espaço escola, seja pelos aparelhos celulares, pelo violão e adereços corporais.

A escola é um espaço por onde circulam os jovens, local onde se vê e pode ser visto, ambiente de socialização e de conflitos. Os estudantes trazem em seus corpos o colorido, o brilho, algo diferente do que estamos acostumados em nosso olhar rotineiro. Algo instigante e desafiador ao mesmo. Talvez por passar grande parte do tempo inserido em meio a estas “entidades”¹⁷ corpóreas flutuantes que se denominamos jovens. Nesse instante de observação é preciso aguçar o olhar, estar atento para perceber tais “entidades” em qualquer “lugar

¹⁷ CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. O conceito Entidade, “entity”, embora não pretendendo ser um conceito, inspirado e copiado de Massimo Canevacci, indica um rompimento com qualquer definição. “Entidade está além de qualquer faixa etária, além do dualismo macho-fêmea, jovem-velho, público-privado, individual-coletivo, Estado-sociedade.” p. 38.

praticado”. O simples caminhar pela cidade nos faz deparar com as diversas maneiras, estilos e modos de sentir e viver na cidade; mas na escola a convivência é mais próxima, as trocas são possíveis, na medida em que se constrói um diálogo entre professor e aluno.

1 HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E CULTURA JOVEM

“É portanto possível viver, e mesmo viver feliz, quase sem qualquer lembrança, como demonstra o animal; mas é absolutamente impossível viver sem esquecimento.”

Friedrich Nietzsche

Nossas vidas são marcadas pelas lembranças e esquecimentos. Seleccionamos os momentos importantes, dignos de serem lembrados e os registramos através da assinatura de contratos, do preenchimento de atas, das lentes de uma câmera fotográfica ou uma filmadora. Assim acontece durante o casamento, o nascimento do filho, a formatura, as viagens, etc. Com o desenvolvimento tecnológico e o advento aparelhos portáteis, fáceis de transportar e possuidores de funções variadas, a exemplo dos celulares, cada vez mais ampliou-se essas possibilidades de registro. É interessante observar que o registro tornou-se uma obsessão, registra-se tudo, pois basta um click. Nas cidades câmeras nos vigiam e em diversos lugares que entramos, deparamos com a placa: “sorria, você está sendo filmado.”

Seja para qual finalidade for, registra-se aquele momento para comprovar que esteve ali, aquilo de fato aconteceu, deve ser lembrado. Essa é uma necessidade puramente humana. Pensando nessa particularidade do humano, Nietzsche, em sua *II Consideração Intempestiva*, compara o homem ao animal, o primeiro vive historicamente, mergulhado em suas lembranças; o segundo vive a-historicamente, mergulhado em seu esquecimento. Assim, o filósofo nos convoca a refletir sobre de que “o elemento histórico e o elemento a-histórico, ambos são igualmente necessários à saúde de um indivíduo, de um povo, de uma cultura.”¹⁸ Ele nos incomoda e questiona de forma irônica o nosso desejo de sentido histórico. Faz pensar sobre a utilidade e conveniência da História para a vida. Diferentemente do animal, o ser humano possui a habilidade de contrapor lembrança e esquecimento, é graças à capacidade de memória que organizamos nossa forma de pensar. As novas tecnologias da comunicação e informação nos ajudam a seleccionar aquilo que deve ser guardado nas lembranças e as coisas que devem ser legadas ao vazio do esquecimento.

É comum nos depararmos com a palavra memória, seja para falar sobre seu excesso ou a sua falta. O termo é bastante usado, tornou-se modismo e “se repete como um leitmotiv nas

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre História**. Apresentação, tradução e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Puc-Rio: São Paulo: Loyola, 2005. p. 74.

campanhas publicitárias dos editores.”¹⁹ A “memória não é mais o que era.”²⁰ Na mitologia grega ela é uma deusa. Memória (*Mnemosyne*) uniu-se a Zeus e gerou as nove Musas. Para Jaa Torrano,²¹ em estudo sobre a Teogonia de Hesíodo, a Memória possui a função do não esquecimento (*a-létheia*), são as Musas, suas filhas, que fazem as revelações. Entretanto essa revelação é feita através da palavra cantada, ou seja, através da linguagem. Somos conscientes que nesse processo acontecem a fragmentação, as omissões, as mentiras, os atos falhos, as lacunas e o esquecimento. Há uma estreita relação entre memória e história, Clio é a musa que representa a história. A história é filha da memória.

Essa relação maternal mitológica entre memória e história me fez pensar nos processos de articulação do próprio conceito e como propor entremeio a esse debate a categoria juventude. Elaborando de outra forma, em que ponto a memória seria útil á pesquisa? Na busca pelas fontes, o historiador encontra certas dificuldades. Percebi isso quando me deparei com a ausência de documentos no arquivo escolar, quando estava procurando documentos que pudessem ser úteis à pesquisa etc. Muitos documentos foram legados ao lixo ou perdidos durante alguma reforma escolar. As escolas encontram uma série de dificuldades para arquivar seus documentos, falta um local adequado e mesmo pessoas capacitadas e disponíveis para organizar o arquivo. Muito desse material foi perdido, substituído. Tal prática, ou seja, não arquivamento dos documentos, dificultou nosso processo de pesquisa, sendo necessário estabelecer como fonte o testemunho. Partindo da concepção proposta por Paul Ricoeur que “o testemunho é originalmente oral; ele é escutado, ouvido. O arquivo é escrita; ela é lida, consultada. Nos arquivos, o historiador profissional é um leitor.”²² Nesse sentido tornei-me um ouvinte, através de entrevistas coletei informações sobre as práticas culturais juvenis e as fontes orais foram a base de nossa pesquisa, porém essa escolha não impediu o uso de outras fontes, no caso de jornais impressos ou disponíveis em sites na *internet* e outras informações coletadas em *blogs* e sites de relacionamento.

Segundo Aristóteles, a “memória é do passado”.²³ No entanto, esse passado pode ser apreendido de duas formas. No primeiro momento a memória funciona como “faculdade de

¹⁹ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 94. Ainda segundo Henry Rousso “são incontáveis o número as obras que o empregam no título ou subtítulo, mesmo quando são de história, no sentido mais clássico do termo.” p. 94’.

²⁰ Ibidem, p. 93.

²¹ TORRANO, Jaa. O mundo como função de musas. In: HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Estudo e tradução Jaa Torrano. 7 ed.. São Paulo: Iluminuras Ltda, 2009. p. 13-95.

²² RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et al.. Campinas: Unicamp, 2007. p. 176.

²³ Ibidem, p. 35.

conservar o passado”²⁴ e no segundo, atua como “faculdade de evocar voluntariamente esse passado por esforço intelectual.”²⁵ Nesse processo acontece uma reinterpretação do passado a partir do presente. Assim, foi perceptível nas diversas entrevistas realizadas, quando entremeio a perguntas, respostas, risos, sorrisos e uma xícara de café, as pessoas nos contaram um pouco de suas histórias, evocando a memória e narrando fatos do passado a partir do presente. Natália de Souza Kaminski, 19 anos, por exemplo, ao comentar sobre suas preferências musicais, contou-me um momento de sua infância, quando dançou em cima da coleção de discos de seu pai.

Aaaah, (risos) meu pai quando começou a namorar com a minha mãe, ou até antes, desde jovem assim, quando tinha a minha idade, ele já fazia coleção de discos, ele casou com minha mãe, eu nasci, e ele ainda tinha a coleção, aí uma vez ele me flagrou dançando em cima dos discos dele, tirei das capas coloquei no chão e pisoteei os discos, mas eu era pequena, estraguei um monte de relíquias. E agora eu queria ter aquelas relíquias pra mim.(risos).²⁶

Para Natália, hoje esse acontecimento é motivo de risos quando lembrado, pois não sabia da importância de conservar aqueles discos, mas também vê aquela ação com pesar por estragar as relíquias de seu pai. Na época, segundo me informou, tinha uns dois anos de idade. Seu pai ficou indignado, mas não a castigou, pois sabia que ela não tinha culpa, se tratava de uma criança. Natália reinterpreta aquela experiência a partir do presente, modifica-a, acrescenta elementos novos, que não estavam ali, incorpora novas experiências que são sobrepostas umas às outras. Segundo Koselleck “a experiência é passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados.”²⁷ Ao dizer que queria aquelas relíquias que havia estragado compartilha de um sentimento comum com o pai e com todos aqueles que valorizam a conservação dos discos de vinil, na medida em que não são mais fabricados e foram substituídos por outras mídias, como por exemplo o CD (*compact disc*). Em seu depoimento encontramos experiências de outros que foram associadas aquilo que era

²⁴ FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidades e Procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 53.

²⁵ Ibidem, p. 53.

²⁶ Natália de Souza Kaminski, 19 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2012. Cursou o ensino médio na EEB Irmã Maria Teresa entre os anos de 2008 a 2010. Mais conhecida pelos familiares e amigos por Nathy. Conheci-a em 2008, cabelos colorido, com cores impactantes, estilo punk, adorava usar braceletes ou Spikes, pulseiras com arrebites pontiagudos. Nessa fase disse que foi influenciada por Ozzy Osborne e Brody Dalle da banda The Distillers. Perfil no Facebook: <http://www.facebook.com/profile.php?id=100001836588300>.

²⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006. p. 309.

importante para ela, “a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias.”²⁸

Para que possamos compreender a relação entre o fato ocorrido e o fato narrado, apropriamo-nos da distinção estabelecida por Pierre Nora, na qual ele nos alerta que as palavras memória e história possuem sentidos opostos, ou seja, essas palavras não são sinônimas. Segundo esse historiador a “memória é vida,” é um fenômeno atual, é afetiva e mágica, é múltipla, coletiva, plural e individualizada, é um absoluto, enquanto a história é uma representação do passado, é uma construção incompleta e problemática, uma operação intelectual e demanda análise e discurso crítico. A memória está sempre sujeita a manipulação, deformação, alimenta-se de lembranças vagas, simbólicas, particulares, censuras e projeções, ao passo que a história vincula-se “às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas.”²⁹

Entender essa distinção é fundamental, pois nos auxilia no momento em que escolhemos escrever a história a partir dos depoimentos orais. Nesse contexto uso a expressão “fontes orais,” devido a posição de Philippe Joutard, segundo o qual, a “expressão ‘fontes orais’ é metodologicamente preferível à expressão ‘história oral’, pois essa é terrivelmente ambígua, para não dizer inexata.”³⁰ Entranto o próprio Philippe Joutard nos adverte que não podemos descartar a expressão “história oral”, pois Jean-Pierre Wallot diz que essa expressão serve “para designar ‘um método de pesquisa baseado em depoimentos orais concedidos em entrevistas.’”³¹

Todavia a história oral não é uma mera expressão, é muito mais que um método e um conjunto de técnicas. Vai além da realização de entrevistas, gravar os depoimentos, fazer os recortes, análises e depois transformar em texto. Há de se levar em consideração os processos históricos, as relações sociais, a visão de mundo e as experiências dos indivíduos.

Diria que é antes um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos históricos-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas

²⁸ Ibidem, p. 310.

²⁹ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/51219446/Entre-Memoria-e-Historia-a-Problematica-Dos-Lugares-Pierre-Nora>. Acesso em: 07 ago. de 2012. p. 9. A construção desse parágrafo tomou como base a distinção apresentada por Pierre Nora no texto aqui citado. Para não transcrever literalmente o trecho do autor optei por escrever da forma apresentada.

³⁰ JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Tradução: Denilza da Silva Oliveira, Eliane da Silva Torres et.al). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998. p. 56-57.

³¹ Ibidem, p. 56. JOUTARD, Philippe apud WOLLOT, Jean-Pierre.

precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão* e *versão* que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais.³²

As fontes orais nos oferecem inúmeras possibilidades, desde estabelecer relações com outras áreas do conhecimento a entender a construção dos processos históricos e sociais através da análise do testemunho dos indivíduos. Como nos informa Pierre Nora, é um testemunho individualizado, mas sua memória é coletiva, pois outros sujeitos estão envolvidos na ação, é uma versão do ocorrido. Apesar de ser “uma história que se diz oral, mas que se faz por escrito,”³³ seu método e suas técnicas são importantes para coletar os depoimentos e preencher lacunas que os demais documentos não fornecem. Porém é preciso manter cuidado, pois não podemos cometer o erro de escrever a história a partir de uma “fonte única, o que é dramático para a história.”³⁴ Esse cuidado deve ser tomado como qualquer outra fonte pesquisada. As fontes orais nos dão pistas e indícios assim como as outras fontes históricas, que devem ser interpretadas, pois se trata de escrever um texto.

1.1 CULTURA JOVEM E CULTURA DE MASSA

“Juventude não é uma idade e sim uma estética da vida cotidiana.”

Beatriz Sarlo.

No período contemporâneo, especialmente a partir das últimas décadas do século XX e início do XXI, há uma enorme preocupação com as etapas da vida humana. As fases em que os indivíduos encontram-se mais vulneráveis (infância e adolescência) vem chamando a atenção de pesquisadores e instituições políticas. Podemos citar a título de exemplo a elaboração, na legislação brasileira, do estatuto da criança e do adolescente através da lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que garante os direitos aos indivíduos que se encontram nessas

³² LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Tradução: Denilza da Silva Oliveira, Eliane da Silva Torres et.al). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998. p. 16.

³³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007. p. 229.

³⁴ BECKER, Jean-Pierre. O handicap do a posteriori. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Tradução: Denilza da Silva Oliveira, Eliane da Silva Torres et al. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998, p. 31.

fases da vida. Segundo esse estatuto, “considera-se criança, para os efeitos dessa lei, a pessoa até doze anos incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”³⁵ Entretanto, para além dos efeitos da lei, fica cada vez mais difícil a divisão de grupos juvenis por faixa etária. Há uma elasticidade, sendo que alguns estudos tendem a considerar jovens as pessoas entre doze e vinte e nove anos³⁶. Nesses termos a epígrafe que dá início a esse capítulo nos interessa particularmente, quando em entrevista Kleiton, 20 anos diz,

que ser jovem na verdade é ser aventureiro, porque as pessoas mais velhas ficam em casa, vendo tv, curtindo o dia de descanso, e jovem não consegue ficar em casa, ele é movido por adrenalina, de repente você está em casa e dá vontade de tomar uma cerveja, ai sai, já encontra os amigos, não sei, não tem explicação, na verdade, só vivendo pra saber.”³⁷

As expressões “ser aventureiro,” e “movido por adrenalina” contidas na fala de Kleiton, fazem parte de um discurso incorporado pelos meios de comunicação, que associam essas expressões e tantas outras ao estilo jovem de viver, ao passo que a velhice está ligada ao descanso e a sala de TV. A tendência que predomina nos meios mídiacos é a super valorização da juventude. Isso não significa que as outras etapas deixam de ser importantes, mas talvez a juventude seja uma das fases em que mais a pessoa quisesse permanecer por toda a vida. “Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa.”³⁸ Kleiton incorporou esse *slogan*, à maneira das campanhas publicitárias das indústrias cervejeiras, que apresentam a roda de amigos e as mulheres com seus corpos malhados.

Nesse sentido, a indústria estética desenvolveu e vem desenvolvendo um enorme aparato de produtos para os cuidados com o corpo que envolve desde a utilização de cremes antienvelhecimento às cirurgias plásticas e tratamento antiemagrecimento. Enfim, uma série de cuidados médicos, estéticos e higiênicos que nos informam que a juventude é uma fase privilegiada da vida. Para Francisco Ortega essa “ obseção pelo corpo bronzeado, malhado,

³⁵BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 25 de julho de 2012.

³⁶ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, Juventudes**: pelos outros e por elas mesmas. Disponível em: http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=6&Itemid=3. Acesso em 25 de julho de 2012. Nesse texto os autores apresentam algumas informações sobre os estudos que discutem essa questão.

³⁷ Keiton, 20 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, novembro de 2011. Mais conhecido como Mad, Keliton tem 20 anos, é marceneiro, gosta de ir a praia, tocar violão, gosta de curtir uma balada e andar de skate. Seus estilos de música preferidos são: Rock n’ Roll, todas as variações do rock, reggae e MPB. Estudou na EEB Irmã Maria Teresa, mas desistiu dos estudos no primeiro ano do ensino médio.

³⁸ KEHL, Maria Rita. **A juventude como sintoma**. In: Outro Olhar revista de debates mandato vereador Arnaldo Godoy(PT) ano V nº Belo Horizonte novembro de 2007 WWW.arnaldogodoy.com.br/2009/pdf/revista_2007.pdf Aceso em 25 de julho de 2012. p. 46.

siliconado”³⁹, produz um ideal de corpo perfeito, levando ao preconceito que exclui todos aqueles que fogem às padronizações. Assim os indivíduos buscam no consumo de bens estéticos a satisfação de suas necessidades, como nos revela a psicanalista Maria Rita Kehl,

a juventude se revela um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres, e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existencial, de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais para a nossa felicidade.⁴⁰

No período contemporâneo as manifestações juvenis são diversas, são plurais. E é justamente nesse ponto que atua o mercado, despejando a “enxurrada de mercadorias” para que seja consumida, dando uma suposta liberdade de escolha aos indivíduos que as consomem. A cada dia ele cria um novo produto, alimenta os desejos, produz sonhos e promete a felicidade. Para Beatriz Sarlo o mercado produz dois mitos, são eles: a beleza e a juventude. “numa corrida contra o tempo, o mercado propõe uma ficção consoladora: a velhice pode ser adiada e possivelmente – não agora mas talvez em breve – para sempre vencida.”⁴¹ Dilatam-se as idades e a juventude é prolongada até os trinta anos, quiçá os quarenta. Continua-se jovem ao apropriar-se de certos comportamentos e consumir determinados produtos. Por isso muitos filhos permanecem por mais tempo morando com os pais, pois tornar-se adulto significa assumir responsabilidades, entrar para o mundo sério e responsável do trabalho. Para Canevacci, “o jovem é tal por que consome,”⁴² criando um fenômeno que espalha para toda sociedade, dando início a “sociedade do consumo.”

Essa sociedade emerge a partir das transformações culturais nos Estados Unidos em meados do século XX, mais especificamente na década de 1950.⁴³ Nesse período toma impulso a cultura jovem no sentido em que discutimos, caracterizando-se por ser um

³⁹ ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 45.

⁴⁰ KEHL, Maria Rita. **A juventude como sintoma**. In: Outro Olhar revista de debates mandato vereador Arnaldo Godoy(PT) ano V nº Belo Horizonte novembro de 2007 WWW.arnaldogodoy.com.br/2009/pdf/revista_2007.pdf **Aceso em 25 de julho de 2012**. p. 46.

⁴¹ SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, artes e vídeo-cultura na Argentina**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 27.

⁴² CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 23.

⁴³ Para um estudo sobre o tema ver: MORIN, Edgar MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo II: Necrose; com a colaboração de Irene Nahoum**, tradução de Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro, Florense-Universitária, 1977. P. 131-155. Ver também: CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 20-25.

fenômeno tipicamente urbano, configurando “a formação de um mercado consumidor constituído basicamente por jovens de diferentes classes sociais.”⁴⁴

Para Edgar Morin⁴⁵ a “escolaridade prolongada” e a “condição de estudante” são fatores fundamentais para o advento de uma cultura adolescente-juvenil. Na condição de estudante ele liberta-se da condição de trabalhador. Esse período coincide com o lançamento no cinema de filmes com os atores James Dean e Marlon Brando mostrando novas posturas juvenis e posteriormente um novo estilo de música começa a fazer a cabeça daquela juventude, ou seja, o rock. Para Beatriz Sarlo, a partir dos anos sessenta o rock representou muito mais que uma música, pois se tornou um elemento de contracultura e impregnou a vida cotidiana das pessoas.

Embora essa temática esteja presente nos estudos de sociólogos, psicólogos e antropólogos, é recente a tentativa dos historiadores em aventurar-se por esses meandros. Uma grande contribuição começa com Philippe Áries em seu livro: *História Social da Criança e da Família*, apontando que os temas “criança, juventude, família” são recentes na historiografia⁴⁶. Outra importante contribuição vem dos dois volumes organizados por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt intitulados: *História dos Jovens*⁴⁷, e contendo textos de diversos historiadores que investigam o tema “juventude” desde a antiguidade clássica à época contemporânea. Essas obras inspiram e nos ensinam a percorrer nosso caminho, revelando interessantes propostas para nos guiar pelas veredas das histórias sobre a juventude. Essas veredas são sinuosas, e é preciso não ser ingênuo e nem acreditar na simplicidade ao lidar com os grupos etários. O ser jovem é diferente no tempo, no espaço e na cultura.

Mais apropriadamente, os indivíduos não pertencem a grupos etários, eles os atravessam. É justamente o caráter essencial de liminidade, típico da juventude, conjugado com a maior ou menor brevidade de passagem pela condição de jovem, que caracteriza em última análise (porém de maneiras diversas nas diferentes sociedades) a juventude, determinando tanto as atitudes sociais, atitudes dos ‘outros’ no seu confronto, quanto a visão que os jovens tem de si mesmo.⁴⁸

⁴⁴ BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais da Juventude**. 4 ed. São Paulo: Moderna, 1991. p. 12.

⁴⁵ MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo II: Necrose**. Colaboração de Irene Nahoum, tradução de Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Florense-Universitária, 1977. p. 138.

⁴⁶ ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1981.

⁴⁷ LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens: da Antiguidade à Era Moderna**. Tradução: Claudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, 1996.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 9.

Não permanecemos na juventude, mas atravessamos essa faixa etária. Como nos indica o pensamento do filósofo Heráclito, tudo flui, tudo é um eterno devir, um vir-a-ser: “no mesmo rio entramos e não entramos, somos e não somos”⁴⁹. Assim como não podemos entrar duas vezes no mesmo rio, não podemos passar duas vezes pela juventude. Atravessamos essa fase assim como as águas atravessam o leito do rio. Mas como dissemos antes, muitos desejam permanecer, isto é, viver sempre na juventude. Para essas pessoas seria um prejuízo ultrapassar esses limites. Elas adorariam congelar o tempo, permanecer nas mesmas águas, como em uma piscina onde a água, parada, se evapora lentamente. Seria preferível ser constantemente jovem, como Dorian Gray, personagem da famosa obra de Oscar Wilde, onde podemos encontrar ainda o personagem lorde Henry Wotton e “seu estranho louvor à juventude”⁵⁰ e sua repugnância à velhice.

Nós, porém, jamais revivemos a nossa juventude. O arrebatamento da alegria que palpita em nós aos vinte anos vai-se enfraquecendo. Os nossos membros se cansam, os nossos sentidos se embotam. Todos nós nos convertemos em horrorosos fantoches, alucinados pela lembrança das paixões das quais tivemos demasiado temor, e das estranhas tentações a que não tivemos coragem de ceder. Juventude! Juventude! Não há absolutamente nada no mundo, senão a juventude!⁵¹

Nesse discurso, Lorde Henry Wotton, elogia eloquentemente a juventude e associa-a ao belo e maravilhoso, contrapondo à velhice, locus do feio e do horrível, instante em que Dorian Gray exalta: “se acontecesse o contrário! Se eu ficasse sempre jovem, e se este retrato envelhecesse! Por isso... (...) Daria até minha alma!”⁵² Eis o desejo de o corpo permanecer jovem e o envelhecimento ficar a cargo do seu retrato. O pedido concretizou e Dorian Gray viveu anos a fio sua juventude, mas cansou de ser sempre jovem, de forma que aquela situação lhe trouxe angústia e desespero, então preferiu a morte. Desejos semelhantes são trilhados e povoam a mente de homens e mulheres, que trocam, não a alma, mas dinheiro e tempo em academias de ginásticas, clínicas estéticas, farmácias e tantas coisas mais que possam perpetuar sua beleza e juventude. Talvez também trocariam até a alma, se pudessem, mas pelo contrário substituem fragmentos do corpo como gorduras e ossos por próteses de silicone e cosméticos que prometem adiar velhice.

⁴⁹ HERÁCLITO DE ÉFESO. In: **Os Pré-socráticos: Fragmentos, doxografia e comentários**. Traduções: Wilson Regis, José Cavalcante de Souza e Ernildo Stein. São Paulo, Nova Cultural Ltda, 1999. p. 92.

⁵⁰ WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Tradução: Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova cultural, 2003. p. 28.

⁵¹ *Ibidem*, p. 30.

⁵² *Ibidem*, p. 31.

Para além do ideal estético, uma outra maneira de perceber a juventude é através de suas performances. José Machado Pais no texto - *Busca de si: expressividades e identidades juvenis*, procura entender as culturas juvenis através das “socializações” e “expressividade”. Ele toma por empréstimo os dois conceitos de Deleuzianos: “espaço liso” e “espaço estriado”.

Há duas diferentes maneiras de olharmos as culturas juvenis: através das socializações que as prescrevem ou das suas expressividades (performances) cotidianas. A distinção entre estas duas perspectivas pode ser aclarada tomando a “dualidade primordial” proposta por Deleuze ao contrapor “espaço estriado” a “espaço liso”. O espaço estriado é revelador da ordem, do controle. Seus trajetos aparecem confinados às características do espaço que os determinam. Em contraste, o espaço liso abre-se ao caos, ao nomadismo, ao devir, ao performativo. É um espaço de patchwork: de novas sensibilidades e realidades.⁵³

Adoto metodologia semelhante, embora procuro uma adaptação viável aos meus objetivos. Em sentido e proposta diferente, essa dualidade pode ser comparada à mesma proposta de Friedrich Nietzsche em *A Origem da Tragédia*, pois nesse texto o filósofo apresenta o Apolíneo e o Dionisíaco. Sou simpatizante tanto do modelo Deleuziano apresentado por Machado Pais, quanto ao modelo Nietzscheano, mas proponho como base a metáfora de Guimarães Rosa em a “terceira margem do rio”, ou seja, não apontar as dualidades, mas mostrar que as culturas juvenis transitam entre os dois espaços.

Os jovens circulam entre o espaço liso e o estriado, entre o apolíneo e o dionisíaco, permanecendo em algum deles por maior ou menor tempo, ou mesmo fazendo parte de um e de outro. A família, a igreja, o Estado, o local de trabalho e a escola são instituições que representam o espaço estriado ao passo que a praça, os bares e a internet são representantes do espaço liso. Quero dizer que os jovens transitam por esses espaços, eles adotam táticas para burlar a ordem estabelecida no espaço estriado. Eles escapam a certas regras de acordo com as circunstâncias. Por exemplo, apesar da proibição, fazem usos dos celulares em sala de aula, muitas alunas se maquiam durante as aulas, chegam a escola sem uniforme, falsificam declarações de trabalho, falsificam assinaturas dos pais na agenda escolar. Dentre outras séries de táticas que escapam ao controle institucional.

Assim vão construindo suas performances cotidianas. Elas são fluídas, vão se estruturando ao longo de suas vidas. A título de exemplo, tomamos a construção e formação das preferências musicais juvenis. Diante dos diversos estilos musicais o gosto vai se estruturando, aberto ao devir e as novas possibilidades.

⁵³ PAIS, José Machado. *Busca de si: expressividades e identidades juvenis*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 7.

Bom antes eu ouvia bastante rock, só rock, eu era bem mais preconceituosa com outros estilos de música, mas hoje em dia eu estou aprendendo a ouvir de tudo. (...) Em 2008, naquela época que eu estava no ensino médio, eu só escutava um tipo de música, ouvia Black Sabbath, ouvia Misfits, Cazusa e Led Zeppelin, os mais antigos eu gostava mais...Beatles. (..) Hoje eu escuto reggae, rock ainda escuto também, e até música eletrônica. (..) É sertanejo, que eu evito, não é uma coisa que eu escuto, e funk. Até Samba eu gosto, samba de raiz, eu acho bom, é cultura.⁵⁴

Através da entrevista com Natália percebemos que ela compõe seu gosto musical através de suas vivências. Ela se refere ao ano de 2008, época que cursava o ensino médio e período que ouvia apenas rock. Com o passar do tempo foi incluindo outros estilos bem diferentes, a exemplo do samba, o que considera cultura. Ao longo de muitos anos o samba foi legado à marginalidade, hoje é considerado um elemento importante da cultura brasileira, passou por um processo de aceitação e construção social e Natália também se apropria dessa construção.

Para alguns teóricos, esse um fenômeno típico da contemporaneidade. Diversas transformações vêm acontecendo no campo das artes, da economia, das teorias filosóficas e principalmente na vida cotidiana dos seres humanos. As novas tecnologias, os avanços na biomedicina, na biotecnologia e na robótica, alteraram e vêm alterando de maneira proeminente as sociedades a partir da segunda metade do século XX. Segundo Stuart Hall,

“Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.”⁵⁵

Em tempos pós-modernos, muitas categorias, antes sólidas e unificadas, fragmentaram-se, tornaram-se móveis e voláteis. Isso trouxe enorme grau de incompreensão e complexidade, pois estamos inseridos nesse turbilhão de desconstrução. Ao longo do século XX e início do XXI emergem novas formas de viver, de pensar e interpretar a realidade⁵⁶. Uma dessas novas formas de pensar o mundo é o pós-modernismo, denominado por Fredric Jameson de “a lógica cultura do capitalismo tardio.”⁵⁷ Momento em que vários elementos culturais, estilos bem diferentes disputam por espaço, ou seja, “um campo de forças em que vários tipos bem diferentes de impulsos culturais (...) de formas “residuais” e “emergentes” de produção

⁵⁴ Natália de Souza Kaminski, 19 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2012.

⁵⁵ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. DP&A Editora, 2001.

⁵⁶ FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. IN: BUARQUE de Holanda, H (org) **Pós-modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 218.

⁵⁷ Refere-se ao subtítulo do livro de Fredric Jameson, Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio.

cultural – têm que encontrar um caminho.⁵⁸ Vejamos a emergência dessas “formas residuais” e a estética contemporânea que compõe o cenário urbano.

Um estudante com correntes no pescoço, boné com abas para trás, calças largas e moletom com capuz ouve, em seu celular, um rap (Racionais MC’s) dentro do ônibus, no caminho para a escola em seu celular. Em outro momento, esse mesmo estudante ouve reggae (Edson Gomes) no pátio da escola. Outro estudante, com bermuda colorida, boné com aba para frente e um tênis *Nike* ouve e canta um reggae romântico (Armadinho) emitido pela rádio escolar durante o recreio. Duas garotas criticam as músicas tocadas durante um festival escolar (pagode e música pop, temas melódicos e românticos). Uma delas se diz gótica a outra roqueira. Uma garota, no início do ano letivo aparece com cabelos pintados de vermelho, vários piercings, calça xadrez, tênis all star, porém poucos meses depois aparece com o cabelo preto, sem os *piercings* e com uma calça jeans azul. Um garoto, com corte de cabelo ao estilo moicano, correntes e adereços de couro ao estilo punk, em outro momento, vestido de caipira, dança quadrilha.

Parafrazeando Beatriz Sarlo, essas cenas da vida cotidiana pós-moderna, fruto de observações empíricas e conversas informais, tanto a caminho quanto dentro da escola, são frutos dessa estética pós-moderna. Podemos encará-las como sendo as diversas maneiras de sentir, viver e pensar o mundo. Tanto nas práticas quanto nos discursos se desconstruem valores, criam-se outros e misturam-se tudo. Trata-se desse “campo de forças”, que mescla diferentes “impulsos culturais.”

Os elementos culturais apontados acima integram-se aos discursos pós-modernos. Segundo Jane Flax,⁵⁹ esses discursos “são todos “desconstrutivos”⁶⁰; pois não podemos utilizar de determinadas categorias como sujeito, razão e linguagem. Essas categorias precisam ser repensadas e discutidas. Um trecho do livro *Tudo que é Sólido desmancha no ar: as aventuras da modernidade* Marshall Berman sintetiza essas transformações e ambivalências em que vivemos:

“Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhado por homens e mulheres em todo mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça

⁵⁸ JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**. Tradução: Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2007. p. 31.

⁵⁹ Psicoterapeuta e Professora de Teoria Política na Universidade de Howard.

⁶⁰ FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. IN: BUARQUE de Holanda, H (org) **Pós-modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 217.

destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo que é sólido desmancha no ar’.⁶¹

Berman não concorda em nomear esse processo de mudança como pós-modernidade, ao contrário dos outros teóricos prefere modernidade, mas o sentido é o mesmo. As ambigüidades, as contradições e as descontinuidades fazem parte deste cenário. Inúmeras manifestações culturais que seduzem nosso olhar são características de um ambiente tipicamente urbano. Cabelos coloridos e tatuagens, roupas pretas e ou coloridas, brincos e piercings, moicanos e rastafari, coturnos militares e tênis all star, óculos e bonés, moletons e jaquetas, bermudas coloridas e jeans, dentre outras infinidades de acessórios que se mostram e compõem os corpos que circulam pela cidade e pela escola. Punks? Góticos? Emos? Rappers? Roqueiros? Nerds? Surfistas? Patricinhas? Outra infinidade de definições e classificações. Como extensão do espaço urbano, a escola também absorve esses elementos culturais, embora se exija o uniforme para o adolescente tenha acesso ao seu interior na condição de aluno. Entretanto os estudantes usam determinadas táticas, fazem adaptações em seus uniformes, usam adereços que os diferenciam quando circulam pelo pátio da escola, pelas salas de aula e pelo caminho que percorrem de suas casas até a escola. Essas experiências povoam a “modernidade”⁶², um ambiente de transformações profundas, delirante, excitante e ameaçadora ao mesmo tempo. Mudanças ainda incompreendidas e que nos colocam em um turbilhão de desintegração. Nesses momentos de incertezas os pós-modernos proclamam com veemência a morte da história⁶³, outros anunciam a morte do sujeito. “*O cogito, ergo sum*” está desalojado, despejado de sua cobertura central. Agora habita o subúrbio esburacado e empoeirado, na periferia. E não há nenhum pensador, ou um corretor imobiliário, capaz de abrigá-lo, nem que seja em um apartamento no antigo centro. Esse sujeito antes capaz de

⁶¹ MARSHALL, Berman. **Tudo que é Sólido desmancha no ar**: as aventuras da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras. 1986. p. 15.

⁶² Há aqui uma questão a ser explicada. Alguns teóricos preferem usar o termo pós-modernidade, como é o caso de Fredric Jameson, já Berman prefere usar o termo modernidade, embora suas análises abarcam um maior período histórico.

⁶³ JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo**: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. Tradução: Maria Elisa Cevalco. São Paulo. Ática. 2007. Jameson aponta para “uma nova falta de profundidade” “um consequente enfraquecimento da historicidade”, uma estrutura esquizofrênica. (p. 31) denominada “intensidades de pesquisar o próprio presente. O que Lyotard denomina de fim das metanarrativas (p. 15).

abarcando a totalidade, construtor da história, hoje caminha a procura de um chão firme em meio ao turbilhão.

Entendemos a cultura jovem dentro desse campo de vivências. Caminhando pela cidade percebemos essa “experiência vital” compartilhada “por homens e mulheres” em nosso mundo contemporâneo, basta direcionar um simples olhar aos diversos ambientes que compõem o cenário urbano. Verificamos que aquele sujeito unificado do racionalismo cartesiano nunca existiu, sempre foi fragmentado. Contribuindo com esse debate, Stuart Hall⁶⁴ em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, apresenta um esboço dos cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas que contribuíram para a descentralização desse sujeito cartesiano: as novas interpretações do pensamento marxista a partir da década de sessenta com o pensador Louis Althusser; a descoberta do inconsciente por Freud, destacando a releitura de Freud feita por Lacan; o trabalho do linguista estrutural Ferdinand Saussure, tratando a linguagem como um sistema social e não individual; o trabalho do filósofo e historiador Michel Foucault que fez uma “genealogia do sujeito moderno”, destacando um novo tipo de poder, o “poder disciplinar” e o impacto do feminismo, tanto como teoria crítica como movimento social.

Penso, e logo desisto de fazer um mapeamento da construção e desconstrução do sujeito cartesiano e moderno, pois Stuart Hall já o fez no capítulo *Nascimento e morte do sujeito moderno*⁶⁵ de forma sucinta e compreensível. Não é compensatório trazer essa discussão à tona, pois “o sujeito é obsoleto, [e] foi arquivado.”⁶⁶ e a “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”⁶⁷.

Entretanto, é bastante comum a ideia que supõe que os jovens que viveram em épocas passadas faziam parte de um grupo coeso, e que eram coerentes em suas ações. Essa percepção é comum entre os próprios jovens que percebem a dilatação e fluidez nos grupos juvenis atuais. Segundo Brenda W., 18 anos, aluna do ensino médio,

Até porque antigamente os jovens eram mais revolucionários, quando eles participavam de um grupo, eles defendiam mais fortemente, e hoje em dia acho que os adolescentes estão mais preguiçosos nessa questão. Então surge uma moda e eles seguem, cada hora vemos uma pessoa vestida de maneira diferente.⁶⁸

⁶⁴ Hall, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. DP&A Editora, 2001.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 23.

⁶⁶ CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 37.

⁶⁷ HALL, op. cit., p. 13.

⁶⁸ Brenda W., 18 anos. Entrevista concedida, gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa, novembro de 2011. Brenda toca piano e possui projeto de apresentação musical (voz e violão) em bares na cidade de Florianópolis.

Brenda identifica essa tendência através do modismo, aponta uma falta de autenticidade no comportamento juvenil, pois são como marionetes seguindo a moda do momento. Segundo ela, os jovens atuais não são mais revolucionários, pelo contrário são acomodados e preguiçosos. Sua forma de pensar remonta principalmente aos anos sessenta e setenta, quando grupos juvenis engajaram-se em lutas por direitos políticos, realizaram passeatas através dos movimentos estudantis, no Brasil e outros países da América Latina, especialmente contra as ditaduras militares.

Ou seja, os jovens parecem dispersos, “as culturas juvenis mais inovadoras estão desinteressadas em contrastar os fantasmas que sobreviveram à catástrofe de todas as hegemonias culturais.”⁶⁹ Por essa razão a pesquisadora Beatriz Sarlo estuda a juventude em sua “estética da vida cotidiana.”⁷⁰ Os jovens marcam seus corpos e em suas vestimentas o colorido, o brilho, os adereços, as tatuagens. Nessa perspectiva de análise desconstruem-se as demais visões sobre a “juventude”, não há “uma visão unitária e global das culturas juvenis que seja possível de resumir a um número, a um código ou uma receita.”⁷¹

O simples caminhar pela cidade nos faz deparar com as diversas maneiras, estilos e modos de sentir e viver a vida. Precisamos aguçar o olhar, estar atentos para perceber tais “entidades”⁷². Esta, é a categoria proposta por Canevacci para entender as manifestações juvenis, pois segundo ele: a “entidade está além de qualquer faixa etária, além do dualismo macho-fêmea, jovem-velho, público-privado, individual-coletivo, Estado-sociedade.”⁷³ A partir do rompimento com o dualismo, a quebra da identidade, eliminamos os rótulos atribuídos aos jovens, e assim sempre queremos enquadrá-los em uma ou outra “tribo” ou “estilo”. Rotular enfraquece. Quando observamos a vestimenta ou adereços⁷⁴ como: piercing, tatuagens, bonés etc; temos que ter em mente que tais elementos não são maneiras seguras de classificação na contemporaneidade, podendo nos fornecer uma visão errônea e formulações ou opiniões incoerentes. Ouvindo as palavras de alguns desses jovens podemos constatar que, apesar de seus comportamentos os diferenciam das demais pessoas - que buscam seguir a maneira “normal” da sociedade - nem todos gostam de serem rotulados. Alguns consideram

⁶⁹ CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 15.

⁷⁰ SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, artes e vídeo-cultura na Argentina. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 36.

⁷¹ CANEVACCI, op. cit., p. 8.

⁷² Ibidem, p. 38.

⁷³ Ibidem, p. 38.

⁷⁴ Os adereços referem-se a tudo que completam suas vestimentas e interligando-as com seus corpos: piercings, brincos, anéis, bonés, chapéus, gravatas, tatuagens, correntes, pulseiras, instrumentos musicais etc.

que “ser jovem é muito aleatório, um dia você gosta de uma coisa, outro dia gosta de outra, você não sabe muito bem o que quer da vida, você faz certas escolhas sem pensar, e depois acaba dando a volta por cima, acho que é o jeito jovem de ser.”⁷⁵

“As identidades, dizem, quebraram. Em seu lugar não ficou o vazio, mas o mercado.”⁷⁶. Se isso é verdade, precisamos então adentrar, no universo da cultura jovem pelas mãos do mercado, nosso realizador de sonhos, nosso mundo encantado - com seus anúncios em neon, letras e imagens luminosas, magia e sedução - nesse espaço pós-moderno de efervescência onde cada vez mais se produz e reproduz objetos destinados a um público “jovem”. “O mercado ganha relevo e coteja a juventude, depois de instituí-la como protagonista da maioria de seus mitos.”⁷⁷ Não é de se espantar que a juventude protagonize as construções simbólicas e propagandistas do mercado. Tanto para Beatriz Sarlo quanto para Massimo Canevacci há três elementos indispensáveis para podermos compreender as transformações ocorridas na cultura a partir da segunda metade do século XX: Segundo Sarlo, esses elementos são: a cidade, o mercado e os jovens. Já para Canevacci é a escola de massa, mídia e metrópole. “Escola, mídia e metrópole constituem os três eixos que suportam a constituição moderna do jovem como categoria social.”⁷⁸ Eixos semelhantes que articulam entre si, Sarlo entrelaça jovens e mercado inserindo a temática escola no contexto. Canevacci articula tema jovem, mídia e consumo ligando-os com a escola de massa. “Os jovens como faixa etária autônoma da modernidade nascem entre os fios que os ligam à escola de massa, à mídia, à metrópole.”⁷⁹

Há uma cultura produzida para os jovens, ela circula na metrópole e conseqüentemente nas escolas. Os vetores principais que possibilitam essa circulação são os meios de comunicação e informação. A cultura jovem está inserida na cultura de massa. No entanto, para fazer parte desse universo, adentrar a esse cenário teatral, onde corpos estilizados circulam, é preciso um passaporte ou uma senha. Os anúncios luminosos os levam à “catedral do consumo” ao shopping center, ao mercado que celebra a possibilidade de realizar sonhos. Independente do potencial de consumo, o jovem necessita de seus apetrechos para compor sua indumentária. “O mercado promete uma forma do ideal de liberdade e, na sua contraface, uma garantia de exclusão.”⁸⁰

⁷⁵ Kleiton, 20 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2011.

⁷⁶ SARLO, op. cit., p. 40.

⁷⁷ Ibidem, p. 40.

⁷⁸ CANEVACCI, op. cit., p. 23.

⁷⁹ Ibidem, p. 23

⁸⁰ SARLO, op. cit., p. 41.

A cidade é por excelência o local do consumo. Ao andar por ela estamos rodeados pela propaganda. A cada rua, a cada esquina há um convite para as compras, outdoors, painéis luminosos, vitrines coloridas, anunciando e mostrando as últimas novidades do mercado. “A cidade é o lugar geométrico da escalada e ‘reação em cadeia’ diferencial, que sanciona a ditadura total da moeda.”⁸¹

Para chegar até a escola os jovens realizam um percurso pela cidade. Caminhos traçados a pé, de bicicleta, ônibus ou qualquer outro meio de transporte que permita o deslocamento. Alguns vêm direto de casa, enquanto outros saem de casa, vão ao trabalho e depois chegam à escola. São caminhos tortuosos, íngremes, a alguns proporciona aventura, e a outros o cansaço. Tentando compreendermos melhor esse caminhar pela cidade, adoto a expressão: “*circuitos de jovens*”, utilizada por Magnani ao realizar seus estudos sobre comportamento dos jovens nas grandes metrópoles. Essa categoria contribui com a articulação que faço entre a circulação de produtos culturais de massa em ambientes escolares e no espaço virtual, ou seja, o consumo de produtos culturais como: músicas, fotografias, vídeos e mensagens pela internet.

Os “*circuitos de jovens*” nos indica certos espaços urbanos percorridos pelos jovens, levando-nos a perceber uma aproximação com ideia de Michel de Certeau. Para este autor, os espaços urbanos são cruzamentos de móveis, são lugares praticados.⁸² Lugares estes praticados pelos jovens que estabelecem seus circuitos, locais de encontro: as praças, os pórticos de igrejas, a escola, os bares, lojas e shopping centers que costumam frequentar. Consideramos a cidade “(...) como um conjunto de lugares públicos e privados que são palco da ação dos sujeitos - ação de consumir, produzir e dar sentido aos bens materiais e simbólicos.”⁸³

Dentro da cidade a escola se configura como um lugar público, embora não seja acessível a muitos indivíduos em nossa sociedade. Por essa razão, observei durante algum tempo e indaguei sobre os percursos e circuitos urbanos da cidade de Palhoça possíveis de serem trilhados por diversos jovens.

Ao longo desses anos de trabalho e convivência conversei com diversos estudantes sobre seus estilos de vida e preferências musicais; também sobre sexo, namoros, drogas, filmes, esportes, dentre outros temas e assuntos. Muitas dessas conversas surgiram durante os

⁸¹ LIPOVESTSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 64.

⁸² CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Ver o capítulo IX, Relato de espaço.

⁸³ RONSINI, Veneza V. Mayora. **Mercadores de Sentido**: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 70.

intervalos do recreio e mesmo durante as discussões em sala de aula, quando determinado conteúdo possibilitava oportunidades de expor suas ideias e experiências. Através desses diálogos verifiquei as preferências musicais, as maneiras de vestir e o relacionamento escolar e social desses jovens entrevistados, levando em conta a “categoria da juventude” como uma questão histórica e a relacionando com o ambiente escolar. Com isso identificamos alguns pontos específicos como: gostos musicais, maneiras de vestir, lugares que frequentam, táticas para buscar novidades sobre o estilo e pensamentos sobre moda.

Ao consultar a memória de diversos momentos vividos por esses jovens, mapeamos os diversos espaços que possibilitaram momentos de auto-afirmação e identificação, seja dentro ou fora do ambiente escolar. Espaços onde compartilharam ou ainda compartilham alegrias e tristezas. Em suas lembranças falam dos espaços urbanos que permitiram encontros e desencontros.

Mas esse permanecer e sair da juventude é diferente para os diversos jovens que circulam por uma cidade como Palhoça, Florianópolis ou qualquer outra do país. Existem diversas maneiras de estar no mundo. Viver a juventude não é a mesma coisa para ricos e pobres, homens e mulheres, estudantes e não-estudantes. O jovem que mora em um bairro nobre, num condomínio fechado com todo seu aparato de segurança e conforto é diferente do jovem que mora na periferia, mesmo que esse tenha a possibilidade de circular pelos mesmos espaços públicos da cidade. Mais diferente ainda é a vivência de um jovem que mora em uma pequena cidade do interior do mesmo Estado. Muito embora os equipamentos midiáticos - lançados a todo momento - possibilitem que os jovens desses diversos lugares assistam e escutem seus vídeos e suas músicas preferidas: seja ela um rap, um sertanejo universitário, um *rock* ou um *funk*. São esses mesmos equipamentos que permitem circular entre esses jovens produtos culturais diversos, rompendo as barreiras do local e do global.

Não sejamos tão otimistas ao generalizar que todos possuem acesso a celulares e internet. Alguns desse jovem têm acesso à internet em casa, em um computador mais rápido, com melhor acessibilidade, ao passo que outros podem ter acesso a uma internet pela rede de *lan houses*. Essas diferenças de acesso a tecnologia e informações estiveram presentes em diferentes momentos da história e continuam existindo na contemporaneidade. Os produtos midiáticos ao mesmo tempo em que tem o poder de unir podem separar, isso devido às diferentes formas de acessos às novas tecnologias, suas mutações e modificações, ressaltando que os mais ricos são aqueles que primeiramente têm acesso às inovações e às tecnológicas de ponta.

Para além das diferenças de classe, é preciso pensar as diferenças de gênero, as relações estabelecidas entre homens e mulheres. É muito diferente ser homem ou mulher, ser heterossexual ou homossexual durante a juventude. Há uma série de peculiaridades que envolvem o corpo feminino: preconceitos e tabus. “Ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferenças nas possibilidades de ‘viver a juventude’.”⁸⁴ Mas as diferenças não ficam por aí e muita coisa pode fazer diferença, mesmo para um jovem que está inserido em um mesmo grupo social, racial e de gênero: suas opções, suas escolhas, seus desejos - como já mencionamos acima, o fato de frequentar uma escola ou uma universidade - faz toda a diferença.

1.2 MEMÓRIA, MÍDIA E ESCOLA.

“Esses alunos não têm interesse. Veja que absurdo: o aluno X não tira o fone do ouvido. Já o aluno Y não abandona o celular.” Frases como essas e inúmeras outras fazem parte do cotidiano de professores e professoras que lecionam na educação básica⁸⁵. Elas colocam em questão algo já bastante evidente para os indivíduos que viveram ou vivem nas últimas décadas do século XX e primeira década do século XXI: o avanço das tecnologias de comunicação. Esses pequenos aparelhos eletro-eletrônicos parecem parte essencial do corpo de muitos indivíduos, de modo que, não é raro encontrá-los em todos os lugares. Tanto nos centros urbanos quanto no meio rural, homens e mulheres fazem uso dessas novas tecnologias.

Embora seja algo comum e corriqueiro, a exemplo do celular, que se transformou em algo indispensável para a maioria das pessoas, inclusive para as crianças, o uso dessas tecnologias no ambiente escolar vem suscitando debates entre educadores e educadoras. As questões centrais desse debate giram em torno de dois eixos: de um lado, tais aparelhos tiram a atenção dos alunos e das alunas, causando assim déficit na aprendizagem; por outro, esses aparelhos constituem em novas ferramentas pedagógicas, podendo contribuir para o processo de ensino-aprendizagem.

⁸⁴ Ibidem. p. 106.

⁸⁵ Ultimamente essas reclamações não se restringem apenas aos professores que lecionam no ensino básico (fundamental e médio), mas também são feitas por professores que lecionam no ensino superior.

Minha experiência profissional como professor em escolas mineiras, rondonienses e catarinenses possibilitou desenvolver a seguinte hipótese: o desenvolvimento dos meios de comunicação, em especial os celulares e a internet modificaram o comportamento dos estudantes em sala de aula devido ao acesso de um vasto material disponível nos arquivos eletrônicos. Esses novos aparelhos permitem que indivíduos em cidades diferentes do país, embora de maneiras diversas, possam ouvir a mesma música ou assistir o mesmo filme, ou melhor dizendo, conversar e debater sobre assuntos semelhantes. Tomo com pressuposto que esses meios eletrônicos exercem o papel de Clio, guardiões da memória, Musas pós-modernas.

Para nosso prazer ou desprazer, pôs-se em marcha ao longo dos tempos, em especial no nosso mundo contemporâneo diversas mudanças na forma de conservar arquivos e fontes que serviram para pesquisas históricas. Os instrumentos inventados e construídos pelos humanos hoje desempenham o papel que as Musas desempenhavam na época de Hesíodo. Esses equipamentos conservam a memória e os produtos culturais tornando-os disponíveis aos indivíduos. No entanto, assim como no mito da invenção da escrita, apresentado por Platão no diálogo Fedro, que provocaria o enfraquecimento da memória, que deixaria de ser exercitada em função do escrito, aqui os equipamentos midiáticos também possuem o papel de arquivar e evocar a memória, principalmente os computadores e a internet.

O advento dessas novas tecnologias vêm modificando nossa noção de espaço e tempo, transformando a paisagem cultural. “Parece cada vez mais provável que a cultural ocidental esteja no meio de uma transformação fundamental: um ‘modo de vida’ está envelhecendo.”⁸⁶. Esse envelhecimento é perceptível no comportamento dos indivíduos, principalmente nos grandes centros urbanos. A rapidez da informação, o fluxo constante de notícias compõe esse cenário midiático. Na escola não é diferente, pois é um ambiente repleto de jovens antenados aos avanços tecnológicos, ávidos pelo consumo de tudo que é novo.

A escola, uma das instituições que determinam certos modos de vida está envelhecendo. O texto: *Escola, culturas e saberes* da doutora em educação Anne-Marie Chartier, apresenta dois fatores que foram fundamentais para compreender esse envelhecimento: primeiro, a crise que a escola começou a enfrentar a partir da indústria cultural massiva, pois após o advento das tecnologias da comunicação e informação foram colocados novos dilemas em relação ao que se ensina e como se ensina; segundo, esses dilemas levam ao enfrentamento entre duas margens, de um lado a cultura escolar embasada

⁸⁶ FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. IN: BUARQUE de Holanda, H (org) **Pós-modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 217.

na tradição histórica e clássica, antes destinada apenas à elite e agora estendida a todos, por outro lado a cultura massiva que em seu fluxo constante apresenta sempre novidades desde equipamentos eletrônicos aos bens culturais de consumo.

Ao se discutir cultura escolar, colocamos em questão a noção de currículo. Ele define o que deve ou não ser ensinado, que vozes são ou não autorizadas a falar, ou seja quem detém o conhecimento. “As narrativas contidas no currículo trazem embutidas noções sobre quais grupos sociais podem representar a si e aos outros e quais grupos sociais podem apenas serem representados ou até mesmo serem totalmente excluídos de qualquer representação.”⁸⁷ Embora tenha acontecido uma massificação da escola, estendendo o direito a educação ao demais cidadãos, os processos de ensino continuam privilegiando certos conhecimentos como válidos. Algumas manifestações culturais são silenciadas, Jurjo Torres Santomé⁸⁸ destaca algumas dessas culturas negadas dos currículos: etnias minoritárias, crianças, jovens e idosos, o mundo feminino, classes trabalhadoras, pessoas pobres e deficientes físicas e psíquicas.

Ultimamente um dos dilemas que tem tirado a tranquilidade de muitos professores, quebrando com o ritmo das aulas é o uso dos aparelhos eletrônicos móveis nas salas de aulas, especialmente o telefone celular. No Estado de Santa Catarina tentou-se resolver esse dilema com a assinatura, no dia vinte e cinco de janeiro de dois mil e oito, da Lei n° 14.363, que estabelece em seu artigo 1°: “Fica proibido o uso de telefone celular nas salas de aulas das escolas públicas e privadas do Estado de Santa Catarina.”⁸⁹ De autoria do deputado Antônio Aguiar, que ao menos na teoria, pretendia sanar o problema de muitos professores e professoras, a falta de atenção e concentração dos alunos e alunas. Na justificativa do projeto lei verificamos a intenção. “O presente Projeto de Lei visa assegurar o aprendizado escolar, onde a atenção do aluno deve estar direcionada aos estudos, na fixação do conteúdo escolar passado pelos professores, sem que nada possa competir ou desviá-lo desse objetivo.”⁹⁰

Além do argumento de que o celular tira a concentração e provoca dispersão o projeto do Deputado apresenta outras justificativas embasadas em depoimentos de professores e pedagogos. Atribui-se ao uso do aparelho que ele corrompe o desenvolvimento do aluno, pois

⁸⁷ SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 8 ed. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 195.

⁸⁸ SANTOMÈ, Jurjo Torres. Culturas negadas e silenciadas no currículo. GREEN, Bill & BIGUM, Chris. **Alienígenas na sala de aula**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 8 ed. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 161-162.

⁸⁹ A Lei n° 14363, de 25 de janeiro de 2008 está disponível no site: <http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/legislação>.

⁹⁰ http://www.deputadoantonioaguiar.com.br/?page_id=459 Proibição do uso de celulares nas escolas de Santa Catarina. Acesso 30 de julho de 2012.

permite a troca de torpedos entre os colegas, receber ligações e atendê-las “sussurrando”, além dos jogos e colar em provas, também leva ao exibicionismo, pois para alguns pedagogos o celular é um objeto de status social. Em nenhum momento de fala em um bom uso do aparelho celular como instrumento de integração e conhecimento. No entanto, na prática parece que pouca coisa ou quase nada mudou, exceto o fato de podermos relatar ou mesmo mostrar para o aluno que o uso do celular é proibido por lei em sala de aula.

É interessante observar que a lei proíbe apenas o uso do celular, isto significa que os demais aparelhos eletrônicos, como *mp3* e *mp4*, *notebooks*, *iphone* e *ipod*, câmeras digitais, entre outros, podem ser usados tranquilamente. Diante a justificativa apresentada verificamos que a lei pretende inibir o uso do celular devido a efetuação ou recebimento de chamadas, envio de torpedos, cola nas provas jogos, e exibicionismo, mas o uso do celular vai além dessas funções. Na maioria dos casos usa-se o aparelho para ouvir músicas, assistir vídeos ou fotografar. Essas funções permitem que alunos e alunas adotem certas táticas para camuflar o seu uso e fazer com que o professor ou professora não veja, por exemplo, escondendo-o nos bolsos, colocando o fone-de-ouvido por entre os cabelos (nos casos das meninas ou mesmo meninos com cabelos compridos) ou dentro da blusa, principalmente durante o inverno quando se usam as blusas de moletons ou casacos. Na maioria das vezes o aparelho está ali, em cima da mesa, ao lado dos outros materiais escolares, quase sempre dando algum sinal de sua existência, seja pela cor em destaque, pelo modelo, ascendendo ou piscando alguma luz.

Levantei esses argumentos justamente porque a polêmica não se resolve apenas pela assinatura de uma lei. O uso dessas tecnologias tornou-se uma constante não apenas no ambiente escolar, mas em todos os ambientes por onde circulamos pela cidade. Mesmo proibindo, o celular está ali escondido, camuflado, esperando qualquer momento para ser usado. Podemos observar, que a maioria dos alunos e alunas⁹¹ possuem acesso a esses equipamentos, mesmo não sendo proprietário de um aparelho, é possível compartilhar com o colega o uso, refiro-me aqui a casos exemplares em que o colega compartilha o fone de ouvido para ouvir uma música, ou mesmo assistir um vídeo. O aparelho celular pode passar de mão em mão, por ser móvel ele circula pela sala de aula, ou por um simples toque envia-se um arquivo para o colega. Compartilhar músicas, vídeos, fotografias e mensagens de texto são práticas constantes no cotidiano dos alunos e alunas das diversas escolas espalhadas pelo país.

⁹¹ Refiro-me aqui à experiência de trabalho em uma escola pública, EEB Irmã Maria Teresa, onde a maioria dos alunos tem acesso ao celular. (o levantamento do número de alunos possuidores desses aparelhos móveis em sala de aula ainda está em fase de cálculo para identificação das diversas maneiras de uso).

Esse ambiente virtual provocante e sedutor atrai cada vez mais os jovens, há uma infinidade de possibilidades e descobertas. Seduz e parece ser bem mais interessante que o mundo da aula, geralmente repetitiva, em forma de oratória, usando de elementos arcaicos como o quadro e o giz. Existe uma competitividade entre a escola e as novas mídias. O uso dessas tecnologias provocou mudanças nas maneiras de ser e pensar dos indivíduos, que não mais se orientam pelos caminhos das clássicas instituições sociais como família, igreja e escola, mas tomam como modelos os diversos aparatos apresentados pelos meios de comunicação. Anne-Marie Chartier nos informa sobre a influência da mídia sobre os jovens e a “crise da escola”:

desde os anos 1960, a escola concerne cada vez mais toda a juventude, mas não é mais ela quem dita as normas no que diz respeito à cultura e às práticas sociais. As mídias tornaram-se múltiplas ‘escolas paralelas’ que, melhor que os professores, impõem suas normas e seus valores. O cinema, a televisão e a imprensa destinada aos jovens ensinam como eles devem comportar-se e vestir-se, quais são os costumes, os sonhos, as aspirações das stars. Os jovens aprendem com eles o que devem provocar emoção ou cólera, lágrimas ou riso e quem se deve querer ser.⁹²

A Escola sempre funcionou como parte de um projeto de construção de identidades estáveis. O Estado enquanto entidade mantenedora, prioriza em suas matrizes curriculares a constituição de um sujeito centralizado, através da aquisição de uma cultura formal. Desde os gregos, cito aqui Platão em seu livro *A República*, quando propõe o ensino de música e ginástica. “Depois da música, é na ginástica que se devem educar os jovens”⁹³, música para a alma e ginástica para o corpo. Como já discutimos anteriormente, a escola representa o *espaço liso* ou *apolíneo*, e dessa forma cabe à escola a transmissão dos cânones de nossa cultura, ou seja os clássicos: grandes mestres da literatura, artes e história, grandes pensadores e cientistas, os saberes produzidos ao longo dos séculos.

Anne-Marie Chartier indica que está ocorrendo uma crise da escola, associada a também uma crise da cultura. Segundo ela, isso ocorre quando a escola passa a oferecer os conteúdos clássicos a todos, antes destinados apenas às elites. Porém essa mudança da perspectiva escolar em oferecer aos alunos provenientes das camadas sociais mais baixas - aquilo que antes apenas os ricos tinham acesso acontece em uma situação de crise.

⁹² CHARTIER, Anne-Marie. Escola, Culturas e Saberes. In: XAVIER Libânia Nacif; CARVALHO Marta Maria Chagas de; MENDONÇA, Ana Waleska; CUNHA Jorge Luiz da. (Orgs). **Escola, Culturas e Saberes**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 14.

⁹³ PLATÃO. **A República**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2006. p. 96.

entre 1960 e 1975, o mundo tinha mudado. As crianças do povo assistiam à televisão, iam ao cinema, aos shows de rock e telefonavam mais do que escreviam. Depois de 1968, a leitura dos clássicos poderia parecer uma tradição arcaica e elitista; segundo os professores, o teatro em verso de Corneille tinha se tornado ilegível para os alunos dos meios populares que chegavam aos liceus da mesma forma que os estados de alma do Cid dividido entre o amor e a honra, produziam nos alunos das periferias mais espanto e tédio do que qualquer entusiasmo.⁹⁴

Se nas décadas de sessenta e setenta tais mudanças eram perceptíveis, o que pensar dos alunos que chegam às nossas salas de aulas nesse início do século XXI, após a ocorrência de uma verdadeira revolução tecnológica nos meios de comunicações e nos aparelhos eletroeletrônicos? O uso do celular tornou-se uma constante. O advento da internet e conseqüentemente o *boom* das redes sociais e dos jogos eletrônicos online, o aumento excessivo dos canais televisivos e as diversas possibilidades e facilidades de acesso a músicas, filmes e vídeo-clips através de sites especializados na temática como o youtube, por exemplo, acelerou veementemente esse processo.

Concordo com a autora quando ela diz que a escola tornou-se “marginalizada”, pois a grande quantidade de alunos dentro do ambiente escolar e as salas lotadas não significam prestígio para a escola, afinal, isso não quer dizer que ela aumentou sua influência sobre os jovens. Entretanto no nosso caso brasileiro há uma contradição da obrigatoriedade do ensino que pune pais que deixam seus filhos fora da escola e presenteia com um salário mensal e bolsas aqueles que os enviam para a sala de aula. Não é raro ouvir os alunos dizendo que está ali na sala por causa dos pais, pois se isso não ocorrer serão encaminhados para o conselho tutelar.

Encontram-nos em uma via de mão dupla, na direita o caminho está pavimentado, mas a pavimentação está gasta, antiga, por ele caminha a “cultura escrita, exigente, patrimonial, que se apega ao passado e é imposta pela escola”, e pela esquerda há uma pavimentação recente, com faixas coloridas, é uma “outra cultura, hedonista, efêmera, emocional, visando a juventude antes de tudo.” [referência P. 15]

Ao contrário da escola que desempenha o papel centralizador, formando identidades coesas, a mídia funciona como algo contrário, fragmentando o sujeito e oferecendo-lhe uma enorme variedade de opções. Estamos dizendo que ela, a mídia, representa o espaço estriado, o dionisíaco. Ela permanece do lado da mudança, do caótico, da efervescência. Como nos referimos anteriormente, a juventude tende para a margem midiática, no entanto, exige-se que

⁹⁴ CHARTIER, op. cit., p. 13.

os jovens, por via das regras sociais, freqüentem uma escola. Porém, para muitos professores, esse jovem é cada vez mais um estranho, o que levou os australianos Bill Green e Chris Bigunm a indagar: “Existem alienígenas em nossas salas de aula?”⁹⁵ Seguindo o raciocínio desses dois autores, esses estranhos entram em nossas salas de aulas com seus aparelhos eletrônicos, provocando desarmonia e caos ao ambiente escolar.

Em contrapartida, os mais otimistas propõem pensar as diversas maneiras de integrar esses aparelhos à alguma atividade em sala de aula. Um documento denominado Informe Horizon, publicado em 2010, fruto do trabalho de vários pesquisadores nos países iberoamericanos aponta para esse caminho. De acordo com os resultados das pesquisas, os aparelhos celulares, dentre outros aparelhos, podem servir de instrumento para o processo educativo, desde que sejam usados com funções específicas.

Los dispositivos móviles permiten imaginar diseños pedagógicos innovadores transformadores de los procesos de enseñanza y aprendizaje tradicionales. Para ello, es necesario impulsar líneas de investigación que exploren las posibilidades de aplicación a través de proyectos piloto basados en la utilización selectiva de estos dispositivos en distintas condiciones y disciplinas, y, a partir de ahí, definir qué y el cómo debe aprenderse mediante los móviles en función de perfiles de usuarios y de las necesidades de cada contexto. En este sentido, estudiar los usos asociados al aprendizaje informal por parte de los jóvenes o otros usuarios “avanzados” puede ser muy inspirador⁹⁶

Quer seja para auxiliar ou promover o caos, eles chegaram para ficar. Nós professores, educados na era dos impressos, ainda desconfiamos, até porque também desconhecemos muitas de suas funções e utilidades. O que o documento nos informa é a capacidade que temos para explorar as possibilidades desses dispositivos eletrônicos.

Segundo esse informe os aparelhos móveis permitem aos estudantes realizar pesquisas através da internet, gravar aulas dos professores, elaborar trabalhos extraclases, tais como gravações de vídeos, vozes e fotografar. Além do mais, os aparelhos móveis podem ampliar o processo de interação entre docente e aluno, através da troca de informações via mensagens textuais, de voz ou audiovisuais. Nessa perspectiva os professores devem incentivar⁹⁷ o uso

⁹⁵ GREEN, Bill & BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. 8 ed. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 211.

⁹⁶ JOHNSON, L., Smith, R., Levine, A., Stone, S. (2010). **Informe Horizon**: Edición Iberoamericana. Austin, Texas: The New Media Consortium, 2010. p. 25. Disponível em: <http://www.nmc.org/publications/horizon-report-2010-edici%C3%B3n-iberoamericana>. Acesso abril de 2011.

⁹⁷ Nas palavras do Professor de Geografia Gerffeson Sbruz, um dos adeptos das novas tecnologias, muitos alunos não acessam os matérias disponibilizados por ele na rede. Não é tanto pela falta de computadores, pois a Escola possui um amplo laboratório de informática, mas pela falta de costume de usar essas ferramentas para o estudo.

adequado dessas tecnologias, promovendo a interação entre escola e alunos por meio dos aparelhos eletrônicos. A escola sempre foi um ambiente de encontros, propício à interação entre os indivíduos, como por exemplo o estabelecimento dos laços afetivos de amizades e namoros. Milhares de jovens aproveitam das tecnologias para estreitar esses laços, sendo assim a escola também, através das tecnologias poderá desenvolver práticas pedagógicas que possam estreitar as relações entre os alunos e o processo de ensino e aprendizagem.

2 DECIFRANDO OS CIRCUITOS URBANOS: CULTURA E JUVENTUDE NA CIDADE [DE PALHOÇA]

“Tenho saudade da Palhoça do passado e medo da Palhoça do futuro.”

Vilson Francisco de Farias

Às vésperas da comemoração dos cento e dezoito anos da cidade de Palhoça, o Professor e Historiador Vilson Francisco de Farias, em entrevista concedida ao jornal Palavra Palhocense, expressa seu saudosismo e sua preocupação com o futuro da cidade. Na condição de quem viveu parte de sua infância na Enseada do Brito, Distrito de Palhoça, o historiador parece representar o que Walter Benjamin analisa no quadro de Klee, *Angelus Novus*, em sua nona tese sobre o conceito de História: “seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés.”⁹⁸ O historiador recolhe os fragmentos do passado para construir seu texto histórico, “uma tempestade sopra do paraíso”⁹⁹ impelindo o para o futuro. “Essa tempestade é o que chamamos progresso.”¹⁰⁰ Esse é o futuro que amedronta Vilson de Farias, segundo a jornalista Ana Paula Flores:

Na avaliação do Professor, a Cidade de tempos antigos era tranquila e privilegiava o ser humano. Já a do futuro vai priorizar os automóveis e empreendimentos e, por isso, segundo ele, ‘tende a virar um aglomerado urbano com sérios problemas sociais e de mobilidade urbana caso não haja planejamento’.¹⁰¹

A preocupação não é exclusiva apenas do historiador, mas de diversos habitantes de Palhoça e das cidades que compõe a região metropolitana da grande Florianópolis, onde a mobilidade urbana tem se tornado um problema endêmico. Partindo dessas preocupações, ou mesmo do medo do futuro, escrevemos esse capítulo. Em primeiro plano fazemos um breve histórico sobre a cidade de Palhoça, remontando sua origem, explicando o processo de ocupação territorial e as controvérsias sobre essa ocupação. Em segundo plano analisamos os

⁹⁸ BENJAMIM, Walter. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 226.

⁹⁹ Ibidem, p. 226.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 226.

¹⁰¹ FLORES, Ana Paula. “Tenho saudade da Palhoça antiga e medo da Palhoça do futuro.” **Palavra Palhocense**, Palhoça, n. 328, 19 abr. 2012. p. 63.

aspectos culturais, lembrando o festival de música pop que aconteceu no ano de 1974, enfocando como esse festival foi visto pelas pessoas daquela época, servindo de ligação para apresentar o “rock luau”, um evento organizado por jovens do bairro Barra do Aririú. Mostramos um pouco da cidade, seus lugares públicos: escolas, as praças, os cinemas, alguns bares e clubes. E, finalmente, através desse passeio, evidenciamos os contrastes, o crescimento populacional, a vinda de pessoas de fora e as práticas culturais ditas tradicionais (em oposição às práticas culturais contrastantes, como por exemplo o comportamento juvenil).

2.1 A FORMAÇÃO DA CIDADE, SEUS TERRITÓRIOS E CIRCUITOS CULTURAIS

Há poucos livros e dissertações sobre a história de Palhoça, segundo Claudir Silveira “Palhoça é muito pobre de registro, mas muito rica de material, não existe quase nada trabalhado.”¹⁰² Em nossas pesquisas bibliográficas para levantar dados históricos sobre Palhoça deparamo-nos com a escassez de trabalhos sobre a história de Palhoça. Não há quase nada registrado. Dentre os livros que encontramos, alguns merecem as devidas considerações. *A Monografia sobre o Município de Palhoça*, de José Lupércio Lopes¹⁰³ é uma obra do início do século XX que destaca alguns aspectos interessantes a respeito de Palhoça - desde seu processo de fundação até sua elevação a qualidade de comarca - apontando fatos políticos, religiosos e culturais como, por exemplo, a criação da primeira escola, do primeiro jornal e as eleições realizadas no período. Esse trabalho tem servido de base para diversas outras pesquisas.

O livro *Palhoça: natureza história e cultura*, do historiador Vilson Francisco de Farias¹⁰⁴, destinado ao ensino fundamental e médio (como informado em sua capa), traz uma coletânea de textos, fotografias e depoimentos coletados pelo autor. Como o próprio título menciona, trata dos aspectos naturais, da ocupação da região onde se localiza a cidade, do desenvolvimento econômico, político e administrativo e dos traços culturais populares com ênfase na cultura açoriana. Também focando nessa linha, mas concentrando-se na história de

¹⁰² Disponível em: www1.an.com.br/ancapital/2001/abr/22/ult.htm. Claudir Silveira em entrevista concedida Ana Cláudia Menezes do jornal a Notícia. Acesso em 10 de julho de 2012.

¹⁰³ LOPES, José Lupércio. **Monografia sobre o Município de Palhoça**. Florianópolis: Livraria Cysne. 1919.

¹⁰⁴ Vilson Francisco Faria, professor aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina, onde lecionou Metodologia e Prática do Ensino de História. Nasceu em Palhoça no distrito da Enseada do Brito em 1950. Escreveu vários, artigos, crônicas e livros sobre a cultura açoriana nas cidades do litoral catarinense: Florianópolis, Itapema, Penha, Palhoça, São Jose, etc. Informações retiradas do livro do autor. FARIAS. Vilson Francisco de. **Palhoça: natureza, história e cultura**. Florianópolis: Editora do autor, 2004, capa do livro.

um bairro, o historiador Marcos João de Matos¹⁰⁵ em um livro intitulado *Barra do Aririú como você nunca viu* apresenta a Barra do Aririú através de sua natureza, folclore e lazer. Em suas páginas o livro traz diversas fotos, destacando principalmente uma galeria de fotos das primeiras famílias de moradores desse bairro.

Já em *Retratos de Palhoça*¹⁰⁶, de Giancarlo Philippi Zachi não encontramos muitas novidades. O título já diz tudo, pois o livro apresenta pouco texto, preenchendo a maior parte de suas páginas com uma série de retratos de ex-prefeitos, tendo abaixo do retrato apenas o nome e o período de governo de cada um. Algo semelhante ao que encontramos no hall principal da prefeitura.¹⁰⁷ No mais, o livro *Retratos de Palhoça* traz a transcrição de algumas fontes primárias, como o decreto de elevação da freguesia de Palhoça à categoria de vila, um atestado de óbito, uma certidão de casamento e uma escritura pública de um escravo, considerados os primeiros documentos registrados em Palhoça. Por fim, encontramos o livro *Município de Palhoça*¹⁰⁸, escrito por Claudir Silveira em cujo prefácio o autor define a intenção de seu livro: “fizemos uma síntese dos aspectos mais expressivos dos diversos seguimentos, sem nos aprofundarmos em nenhum deles.” Esses aspectos a qual o autor se refere dão conta da história, geografia, estrutura político-administrativa, economia, cultura e natureza, entre outros.

Podemos dizer que esses historiadores possuem um perfil que corresponde ao que Nietzsche denomina de tradicionalista¹⁰⁹ “tem o gosto pela conservação e pela veneração (...) se volta com amor e fidelidade para o mundo de onde veio e no qual foi formado (...)”¹¹⁰ Eles prestam um “serviço à vida”¹¹¹ conservando para os que virão o mundo onde eles nasceram.

Embora não constitua nosso objetivo dissertar sobre a história da cidade de Palhoça, optamos por discutir algumas informações sobre os aspectos históricos do município, para compreender as características do lugar, as transformações na demarcação do território do município, o tipo de atividades que nele se desenvolveram e o lugar da cultura na atribuição de uma identidade aos seus habitantes.

¹⁰⁵ MATOS, Marcos João de. **Barra do Aririú como você nunca viu**. Florianópolis: Gráfica Life, 2010.

¹⁰⁶ ZACHI, Giancarlo Philippi. **Retratos de Palhoça**. Florianópolis: Classic, 1991.

¹⁰⁷ Essa lista de ex-prefeitos também está disponível no site oficial da prefeitura de Palhoça: <http://www.palhoca.sc.gov.br/?page=YWNpZGFkZQ==&id=Nw==>. Acesso em 15 de agosto de 2012.

¹⁰⁸ SILVEIRA, Caludir. **Município de Palhoça-SC**. Florianópolis: edição do autor. Imprensa Artymagem, 1999.

¹⁰⁹ NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre História**. Apresentação, tradução e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Puc-Rio, São Paulo: Loyola, 2005. Para Nietzsche são três as razões que a história interessa aos seres vivos e dessas razões derivam três formas de história: História monumental (monumentalische), “eles agem e perseguem um fim”; história tradicionalista (antiquarische), “eles conservam e veneram o passado”; e história crítica (kritische), “eles sofrem e têm necessidade de libertação”. p. 82.

¹¹⁰ Ibidem p. 91.

¹¹¹ Ibidem, p. 91.

Em primeiro lugar, há controvérsias sobre o processo de colonização e ocupação do local onde hoje se encontra localizada a cidade, já que o município passou por vários processos de desmembramentos. O historiador Wilson Francisco de Farias defende a tese de que o povoamento de Palhoça inicia por volta do século XVII a partir da freguesia de Enseada do Brito, quando o local foi habitado pelo bandeirante paulista Domingos de Brito Peixoto. Essa região foi sendo ocupada de forma irregular até a chegada dos imigrantes açorianos lá pela metade do século XVIII, portanto, ele considera a data de elevação da Enseada do Brito à categoria de freguesia como ano da fundação do Distrito de Palhoça. Para esse historiador:

A estrutura político administrativa da comunidade de Palhoça começou a ser efetivada quando a enseada de Brito foi elevada a categoria de freguesia, em 13 de maio de 1750, ainda no período colonial, através de alvará régio do rei de Portugal D. João V.¹¹²

Os diversos livros pesquisados citam a Enseada do Brito como primeiro local de povoamento, tendo o povoamento do local onde hoje se localiza a sede do município acontecido a *posteriori*, devido ao fato de ser uma região de banhados, ou seja, manguezais. A referência a ocupação dessa região encontra-se eco no documento apresentado no primeiro livro sobre Palhoça, a *Monografia sobre o município de Palhoça* de José Lupércio Lopes. Esse documento é referido na maioria das obras como sendo a “certidão de nascimento” de Palhoça. Trata-se de uma carta datada de 31 de julho de 1793, escrita por um militar português chamado Cel. João Alberto de Miranda Ribeiro. Ele, como governador da Ilha de Santa Catarina, elogiava ao Vice-Rei do Brasil no Rio de Janeiro, as melhorias que um sujeito chamado Caetano Silveira de Mattos vinha promovendo na região:

Agora mesmo se acha atualmente empregado na factura [fabricação] de um armazém ou palhoça, que mandei construir nos matos da Terra Firme [continente], para fazer um depósito de farinha, com que possa subsistir naquele lagar [lugar], caso me seja na precisão de [necessário] me retirar a ele, depois de fazer na Ilha toda a oposição que me for pocível [possível] aos inimigos.¹¹³

O capitão declarava, portanto sua intenção de fugir caso os inimigos (no caso, os espanhóis) atacassem a ilha. É claro que isso só se daria, na sua explicação, em último caso, “depois de fazer na ilha toda oposição que me for possível.”¹¹⁴ A população era pobre e

¹¹² FARIAS, Wilson Francisco de. **Palhoça: natureza, história e cultura**. Florianópolis: Editora do autor, 2004. p. 153.

¹¹³ LOPES, José Lupércio. **Monografia sobre o Município de Palhoça**. Florianópolis: Livraria Cysne. 1919. p. 10.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 11.

carente de conhecimentos, de modo que o militar avisava no início da carta que havia muito poucos como Caetano Silveira de Mattos, aquele que no presente se encarregava de construir a palhoça. Parecia não ter conhecimentos de engenharia, como outros militares portugueses, mas era o que de melhor havia de disponível na região para ajudar na defesa da ilha. Silveira de Mattos era descrito como “activo e zeloso para o serviço, é muito trabalhador e bastantemente remediado, porque possui uns poucos de mil crusados.”¹¹⁵

A “palhoça” construída por Silveira de Mattos era descrita como “um famoso estabelecimento no interior do sertão da Terra Firme, na estrada que vai para a vila de Lages.”¹. Sobre os empreendimentos dele, o coronel observa que “conserva bastante escravatura, e grandes derrubadas, para principiar as suas plantações.”¹¹⁶ Ou seja, nos informa de que a “palhoça” foi construída com o trabalho de escravos e a madeira derrubada por eles no processo de preparação do terreno para plantação – provavelmente de cana-de-açúcar, como era costume dos colonos portugueses em todo o litoral brasileiro, mas possivelmente a algum tipo de lavoura de subsistência, como da mandioca.

A história de Palhoça se insere assim perfeitamente de acordo com a história colonial brasileira: sertão indígena, litoral escravocrata, ligado à produção de cana-de-açúcar próxima a um porto de exportação. Palhoça tornou-se um ponto estratégico para o abastecimento da ilha, situada próxima a estrada que a ligava por terra a Lages.

Entretanto, Vilson F. de Farias contesta a defesa de Caetano Silveira de Mattos como percussor da ocupação de Palhoça, pois segundo consta no livro de doação de sesmaria da Capitânia de Santa Catarina,¹¹⁷ José Luiz Marinho recebeu uma propriedade na Guarda do Cubatão em 1753 e posteriormente outras pessoas foram se instalando na região do Maruim, Massambú e Passa Vinte, todos localizados na atual sede do município de Palhoça. Sendo que nesse documento não consta o nome de Caetano Silveira de Mattos. Também apresenta uma citação do livro de Oswaldo Rodrigues Cabral¹¹⁸ dizendo das benfeitorias de José Luiz Marinho ao rei de Portugal. Por isso pode se considerar que o início da colonização do município de palhoça dá-se com a fundação da Enseada do Brito, pois a região em questão, hoje faz parte do município de Palhoça. A região denominada de “Palhoça” fazia parte do

¹¹⁵Ibidem, p. 11.

¹¹⁶Ibidem, p. 11.

¹¹⁷Vilson Francisco de Faria em seu livro: *Palhoça: natureza, história e cultura*, apresenta um quadro de doação de sesmarias pelo governo da capitania no século XVIII entre os anos de 1753 a 1800. p. 77.

¹¹⁸Ibidem, p. 76. Trata-se do livro: *As defesas da ilha de Santa Catarina no período colonial*.

município de Desterro, depois ligado a São José até ser elevada a categoria de vila (município) em 24 de abril de 1894.¹¹⁹

No decorrer dos anos a cidade foi sofrendo pequenas alterações. No entanto a partir das últimas décadas do século XX e início do século XXI ela teve um elevado crescimento populacional, sendo que o número de habitantes mais que dobrou em vinte anos, absorvendo imigrantes de diversas cidades do próprio Estado e mesmo de outras unidades da federação, principalmente dos Estados do Paraná e Rio Grande do Sul.

Observando o gráfico de crescimento populacional no site do IBGE¹²⁰, Palhoça pulou de 68.430 habitantes em 1991 para 122.471 habitantes em 2007, confrontando com o censo 2010, que aponta cerca de 137.334 habitantes, verificamos o aumento de 68.904 habitantes em apenas 19 anos, ou seja, mais que dobrou a população em menos de duas décadas. Esse crescimento nos leva a um dado interessante: mais da metade da população não são naturais do município, ou seja, provém de outros municípios do Estado ou mesmo de outros Estados como mencionamos anteriormente. Dos 137.334 habitantes, 64.423 são naturais do município e 72.911 não o são, sendo que deste total, 18.715 são naturais de outras unidades da federação.

Ao analisarmos o caso de Palhoça estabelecemos nexos com o *Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders*, no caso Winston Parva, narrado por Nobert Elias. Não sugerimos que a cidade apresenta os mesmos aspectos estudados pelo sociólogo, mas há uma referência aos que vieram “de fora”, muitas vezes culpados pelos diversos problemas que a cidade enfrenta. O discurso dos estabelecidos é pontuado pelo saudosismo, pelo idílio do tempo passado. É possível observar esse discurso na edição especial do jornal Palavra Palhocense do dia 19 de abril de 2012 em comemoração aos 118 anos de Palhoça. À página 78, esse jornal traz o seguinte texto: *Os prefeitos de Palhoça e o povo palhocense* assinado por João José da Silva e Sérgio Augusto Haeming. O texto é dividido em quadros, o primeiro denominado “divagando” relembra a cidade antes de 1970, ano que o ex-prefeito Nelson Martins assumia a prefeitura. Esse momento serve como marco divisório e nesse devaneio classifica a cidade em duas: velha e nova. Palhoça “Era muito mais bela por natureza que hoje. Era uma cidade com alma.”¹²¹ Relembra as flores do jardim da Praça 7 de setembro, os

¹¹⁹ LOPES, op. cit., p. 33.

¹²⁰ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso 12 de maio de 2012.

¹²¹ SILVA, João José da; HAEMING, Sérgio Augusto. Os prefeitos de Palhoça e o povo palhocense. **Palavra Palhocense**, Palhoça, n. 328, 19 abr. 2012. p. 78.

dois cinemas, *Cine Pax* e *Cine Sharf*, uma cidade onde todos tinham um papel importante não sendo “apenas coadjuvantes como somos hoje”,¹²² complementam os autores do texto.

Mas a cidade cresceu e deu-se um fenômeno semelhante ao que acontece com as várias cidades contemporâneas: um fluxo migratório em direção aos centros, ou às denominadas regiões metropolitanas. As pessoas buscam melhores condições, principalmente de trabalho e as possibilidades que a cidade pode lhes oferecer. Pois para Aristóteles,

toda cidade é um tipo de associação, e toda associação é estabelecida tendo em vista algum bem (pois os homens sempre agem visando a algo que consideram ser um bem); por conseguinte a sociedade política (polis), a mais alta dentre todas as associações, a que abarca todas as outras, tem em vista a maior vantagem possível, o bem mais alto dentre todos.¹²³

Essa associação a que se refere Aristóteles nem sempre acontece de forma harmônica, pois como verificamos no texto de Nibert Elias, há sempre uma disputa de poderes entre os estabelecidos presentes na localidade há mais tempo e os outsiders recém-chegados à cidade. Essa necessidade de migrar acontece quando a cidade em que a pessoa vivia não propiciava determinadas condições necessárias a esses indivíduos. Observamos esse fato em uma conversa informal com um aluno, que relatou o processo migratório de sua família, natural do Ceará, para São Paulo e que, não obtendo sucesso, voltou para seu Estado de origem, vindo depois a mudar para Santa Catarina e morar em Palhoça.

Palhoça atraiu e ainda vêm atraindo muitos migrantes de diferentes cidades. Para a maioria dessas pessoas, os motivos giram em torno da busca por melhores condições de trabalho. “Vim em busca de mais oportunidades de trabalho”¹²⁴, relata um morador do Alto Aririú proveniente de Guarujá do Sul, cidade localizada a oeste de Santa Catarina. Já um morador da Barra do Aririú veio de São Paulo “porque aqui tem mais qualidade de vida e oportunidades de trabalho.”¹²⁵

É preciso construir táticas para se estabelecer no tecido urbano, pois os migrantes nem sempre encontram as condições que supostamente esperavam. Os indivíduos possuem características diversas, mas a cidade seleciona certas características. O espaço urbano constitui uma teia onde os indivíduos circulam e buscam o que lhe é melhor ou possível. Há uma disputa por moradia, trabalho, lazer, etc. Nesse caso, a vinda dessas pessoas acaba

¹²²Ibidem, p. 78.

¹²³ARISTÓTELES. **Política**. Tradução: Pedro Constantin Tolens. 5 ed. São Paulo: Martin Claret. 2010. p. 53.

¹²⁴PALAVRA PALHOCENSE. Palhoça: **Palavra Palhocense**, n. 328, 19 abr. 2012. Opinião. p. 62. Nessa página algumas pessoas respondem a seguinte pergunta: por que você escolheu Palhoça para morar? A resposta que a nota indica é de Elmo Santiago, morador do bairro Alto Aririú, 37 anos, auxiliar de serviços gerais, mora a 4 anos em Palhoça.

¹²⁵Ibidem, p. 62. Resposta de Antônio Carlos dos Santos, morador do bairro barra do Aririú, vendedor ambulante, mora em Palhoça a 18 anos.

gerando conflitos, fazendo com os estabelecidos reivindiquem seus direitos perante ao poder público. Vejamos o depoimento do ex-prefeito Odílio José de Souza sobre o problema de Palhoça por volta do ano de 2004,

O problema de Palhoça é sério, se houver colaboração do governo pode haver solução, Palhoça não suporta mais a vinda de pessoas desempregadas que vem para cá, não tem indústrias, o que vai acontecer, é mais favelas. Palhoça vai ser um desastre, o povo tem que saber eleger os vereadores e prefeitos, aí palhoça terá futuro se não o prefeito vai ter um trabalho tremendo. Tem muita gente de fora, não tem mão de obra especializada, é onde gera as favelas.¹²⁶

Segundo o ex-prefeito, o maior problema está na vinda de pessoas desempregadas e sem especialização, pessoas com baixo nível de instrução e profissionalização que ocupam as regiões periféricas da cidade, e que conseqüentemente colaboram para o surgimento de favelas. A disputa de poder é evidente e por isso há necessidade de escolher melhor os representantes políticos capazes de resolver o problema das “gentes de fora”, sem mão-de-obra especializada. Essas palavras do ex-prefeito Odílio Jose de Souza soam estranha aos nossos ouvidos, três décadas após sua administração em Palhoça, mas em 1974, em entrevista ao jornal Zero Hora de Porto Alegre, ele afirmava que quando assumiu a prefeitura objetivava “tornar a cidade mais conhecida,”¹²⁷ empolgado com a realização do festival de música pop, o famoso Palhostock, concluía: “acho que agora ganhamos um lugar no mapa.”¹²⁸ Naquela época, Odílio tinha como prioridades: “modernizar os costumes da cidade, promover o turismo e a industrialização.”¹²⁹ Estaria ele arrependido de querer modernizar os costumes da cidade trinta ano depois? Ou trataria de frear o crescimento populacional? Ao que parece está em curso o jogo do poder político que não deve sair das mãos dos cidadãos estabelecidos.

O grupo estabelecido sente-se compelido a repelir aquilo que vivencia como uma ameaça a sua superioridade de poder (em termos de sua coesão e seu monopólio dos cargos oficiais e das atividades de lazer) e a sua superioridade humana, a seu carisma coletivo, através de um contra-ataque, de uma rejeição e humilhação contínuas do outro grupo.¹³⁰

¹²⁶ Depoimento do ex- prefeito Odílio Jose de Souza em entrevista concedida ao Historiador Wilson Francisco de Farias. In: FARIAS, Wilson Francisco de. **Palhoça: natureza, história e cultura**. Florianópolis: Editora do autor, 2004. p. 162.

¹²⁷ Depoimento do ex- prefeito Odílio Jose de Souza em entrevista a André Pereira. In: PEREIRA, André. O som da música pop invadiu Palhoça. Foi um Barato. **Zero Hora**, Porto Alegre, n. 3316, 21 out. 1974. p.25.

¹²⁸ Ibidem, p. 25.

¹²⁹ MOSMAMM, Carlos. Festival de música deixou Palhoça mais alegre. **Folha da Manhã**, Porto Alegre, ano V, n. 1497, 22 de out. 1974. p. ?.

¹³⁰ ELIAS, Nobert. Introdução: ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders. In: ELIAS, Nobert. **Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 45.

De um lado há uma especulação por parte dos responsáveis pelos grandes empreendimentos no ramo imobiliário querendo expandir seus negócios, cujos objetivos são fazer loteamentos, construir casas e apartamentos para lançá-los ao mercado. Por outro lado, existe a intenção política de propagar o desenvolvimento e crescimento da cidade, aumentar a arrecadação e atrair empresas. No meio dessa disputa encontram-se, assim como o ex-prefeito, os defensores da antiga cidade, argumentando que não há condições e infra-estrutura para que mais pessoas possam habitar a cidade. Surge então um sentimento de “pena” em relação a cidade, como podemos ler o texto no Jornal Folha Palhocense, intitulado: “Coitadinha da Palhocinha”:

Em recente ronda pelo bairro Bela Vista, onde pude ver com esses olhos diversos loteamentos em fase final para atrair mais gente para nossa cidade, pensei numa pergunta: Como vamos atender toda essa demanda? Não temos escola o suficiente, a saúde está precária e a segurança pública está uma vergonha. Os problemas estão crescendo e o que eu vejo são políticos preocupados com suas reeleições. Já está impossível transitar na antiga Terra Fraca, principalmente no trevo de acesso a Santo Amaro/Palhoça. Muitos colocam a culpa apenas no prefeito, mas quem aprova os loteamentos são nossos vereadores. É essa gratidão que recebemos daqueles que deveriam brigar por nosso povo.¹³¹

Percebemos a preocupação com a falta de infra-estrutura da cidade, falta de escolas, a saúde é precária e a mobilidade urbana. Entretanto, o que está em jogo é, mais uma vez, o poder político. Identificamos na fala acima a distinção feita por Nobert Elias entre o “nós” e o “eles”. Os loteamentos vão atrair “mais gente” para “nossa cidade”. A cidade pertence ao “nós”. São os vereadores que aprovam os loteamentos. Esses loteamentos vão ser habitados por “eles”, a “ gente de fora”. Enquanto na verdade esses vereadores são uns ingratos, pois deveriam cuidar dos interesses do “nosso povo”, ou seja, “nós”, os estabelecidos.

Essas disputas políticas não são perceptíveis ao olhar do cidadão comum, mesmo sendo travadas nas páginas de um jornal de circulação gratuita dentro do município. São discursos que tratam do processo de construção de uma identidade para a cidade. Aquilo que possa colocá-la no mapa, a exemplo de Blumenau, conhecida por sua vila germânica, através da Ocktoberfest. A identidade é construída através das raízes coloniais, mesmo que seja necessário (re)construir esse processo, inventar uma cultura, catando os fragmentos e atraindo os visitantes em determinados períodos ou épocas do ano. Na verdade, coloca-se em evidência a tentativa de produzir um sentido, uma definição do que seria a cidade; algo complicado e

¹³¹ CRUZ, Edmilson. “Coitadinha da Palhocinha.” **Palavra Palhocense**, Palhoça, n. 324, 22 mar. 2012. Caderno variedades. p. 58.

difícil para uma cidade onde mais de metade de sua população é composta por indivíduos vindos de “fora”. Entretanto, para eles, o melhor a fazer nesse caso é construir, a partir de elementos culturais herdados dos colonizadores e dos atributos naturais, um sentido a ser incorporado pelos seus habitantes.

2.2 FRAGMENTOS DO URBANO: CULTURA DILUÍDA

A cidade tem assim seu corpo significativo. E tem nele suas formas. O rap, a poesia urbana, a música, os grafitos, pichações, inscrições, outdoors, painéis, rodas de conversa, vendedores de coisa-alguma, são formas do discurso urbano. É a cidade produzindo sentidos. Como funcionam? Como flagrantes de um olhar (um corpo) em movimento. São formas de significar com sua poética, por assim dizer, incluídas na própria forma material da cidade. Não se destacam dela senão para funcionar como *lembretes* (chamadas) para o exterior. E isso é que faz com que aí se inaugurem outras formas de narratividade que não têm um narrador com seu “conteúdo”, nem são textos fechados, destacados das condições de que fazem parte.¹³²

A melhor maneira de perceber os sentidos de uma cidade, entender seu discurso urbano é caminhar por suas ruas e avenidas, praças e parques. Entrar em pontos comerciais dos menores aos maiores e conversar com as pessoas, moradores jovens e idosos. Aí se ouve seus sons: os sotaques, as gírias, as vozes. Através do olhar se vê as inscrições, umas ilegíveis, como as pichações, algumas que convidam para o consumo, os painéis coloridos e luminosos, outdoors que parecem barrar nosso caminho, outras que nos dizem em que tipo de cidade estamos, como as placas de boas vindas que nos anunciam também a identidade daquela cidade.

Semelhante a milhares de cidades do Brasil e do mundo, Palhoça constrói sua identidade, com base na sua natureza e no seu desenvolvimento. “Toda cidade e toda aldeia que não são de criação recente, reivindicam sua história, apresentam-na ao automobilista de passagem numa série de painéis que constituem uma espécie de cartão de visitas”.¹³³ Palhoça está entre as inúmeras cidades catarinenses que convidam ao turismo exibindo ao visitante esses painéis. Não é difícil para quem atravessa a BR 101 - pois Palhoça está situada na região metropolitana de Florianópolis e literalmente é atravessada por essa BR ao meio - ver os

¹³² ORLANDI, P. Eni. **Cidades dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004, p. 31.

¹³³ AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução: Maria Lucia Pereira. Campinas: Papirus, 1994. p. 65.

painéis onde se lê: “Bela por natureza”.¹³⁴ Um convite as suas belas praias, tendo como destaque a conhecida *Guarda do Embaú* e *Pinheira*. A primeira, por ser considerada o “paraíso dos surfistas”¹³⁵ e a segunda, é famosa por atrair um grande fluxo de pessoas no verão, moradores da própria cidade e turistas.

Geralmente se atribui um título a uma cidade relacionando-a com alguma atividade especial nela desenvolvida.¹³⁶ Além de “Bela por Natureza”, Palhoça se afirma como a cidade da “certeza de desenvolvimento sustentável” segundo consta em seu site oficial.¹³⁷ De acordo com informações que constam no site: <http://www.belasantacatarina.com.br>, Palhoça é “cidade que mais cresce em Santa Catarina” e recebeu o título de “município mais dinâmico do país”.¹³⁸ As mudanças que ocorreram e vem ocorrendo no município são nítidas. No campo da construção civil destaca-se a abertura de novos loteamentos com a edificação de casas e apartamentos em condomínios fechados. Esse crescimento e, digamos, essa propaganda, talvez sejam os motivos do crescimento populacional, com a vinda de milhares de pessoas de outras cidades do Estado de Santa Catarina e mesmo de outros Estados, conforme vimos anteriormente.

Entretanto a propaganda sobre o município estampada em placas e *outdoors* parece não convencer diversos moradores, pois ao folhearmos o jornal *Palavra Palhocense* encontramos na seção *Palavra do Leitor*, e mesmo em outras colunas do jornal, reclamações de moradores de diversos bairros sobre situações como: lama e buracos nas ruas, crescimento desordenado do espaço urbano e, acima de tudo, dependência da cidade em relação a capital. Em relação à esse último aspecto, destacamos um pequeno texto - bem interessante e polêmico – denominado: *O Preço da Acomodação*. Vejamos o que esse texto nos diz:

Moramos num Município aproximadamente 150 mil habitantes, situado a 15 km de Florianópolis, será esta razão de sermos extremamente dependentes da capital? Vejamos:

Não temos hospital, Floripa nos atende;

Não temos rádio AM e FM, ouvimos Floripa;

Não temos sucursal de TV, assistimos Floripa;

Não temos Vestibular, concorremos em Floripa;

Não precisamos de times de futebol profissional, torcemos por Floripa;

Não temos cinemas, assistimos em Floripa;

Não temos Shopping, compramos em Floripa;

Não temos teatro, somos expectadores em Floripa;

¹³⁴ Além de encontrarmos essa frase em vários painéis espalhados pela cidade, encontramos a mesma frase no site oficial da cidade de Palhoça. Disponível em: <http://www.palhoca.sc.gov.br/> acesso em 12 de maio de 2012.

¹³⁵ Disponível em: [WWW.palhoca.sc.gov.br/?page=YWNpZGFQ==&id=NQ==](http://www.palhoca.sc.gov.br/?page=YWNpZGFQ==&id=NQ==), acesso 07 de julho de 2012.

¹³⁶ AUGÉ, op. cit., p. 64. Sobre a reivindicação de títulos por cidades consultar Marc Augé, obra já citada.

¹³⁷ Disponível em: <http://www.palhoca.sc.gov.br/>, acesso em 12 de maio de 2012.

¹³⁸ Disponível em: <http://www.belasantacatarina.com.br/noticias/2009/06/02/Palhoca-e-o-municipio-mais-dinamico-do-pais-5033.html>, acesso 12 de maio 2012.

Não temos Escola de Samba, sambamos em Floripa;
 Não temos Estádio de futebol, vamos a campo em Floripa;
 Não temos Ginásio de Esportes descente, praticamos esporte em Floripa;
 Não temos um parque de exposição, expomos em Floripa;
 Não temos Aeroporto, voamos de Floripa;
 Não temos Rodoviária, viajamos de Floripa;
 Não temos endereço fixo, somos da grande Floripa.¹³⁹

Esse texto, segundo consta no jornal, foi enviado por e-mail e a pessoa que o enviou não se identificou. Trata-se de um desabafo e uma crítica que nos diz que Palhoça é uma cidade que não tem “nada”, nem mesmo identidade, pois pertence a Grande Florianópolis. Ao menos, hoje o cidadão pode contar com um Shopping (inaugurado em 2010) e pode ir ao cinema. Contudo, esse descontentamento não se restringe apenas ao indignado leitor, mas estende-se à diversos moradores. Durante as conversas com os entrevistados, esse fato fica nítido, principalmente quando se trata da falta de um espaço para se ouvir o “velho e bom rock n’ roll”. Entretanto muitas pessoas não são tanto acomodadas como relata o morador de Palhoça que escreveu o texto acima. Elas tomam a iniciativa de organizar eventos para que a cidade tenha algo o que fazer, embora esses eventos sejam esporádicos, eles dão sentido a certos espaços urbanos. Podemos citar como exemplos: o festival de música pop em 1974 (Palhosock), o Rock Luau em 2010 e o Ponte Stock Rock em 2012.

A cidade ao longo dos anos mudou seu aspecto, sua forma e seus traçados. Para os antigos habitantes resta o saudosismo e as imagens na memória. Especialmente quando se trata dos hábitos culturais, àqueles enraizados na tradição, nos costumes e valores herdados de seus primeiros habitantes. Trata-se de uma cidade que ao longo dos anos sofreu diversas transformações, por um lado, perdeu parte do seu território, devido a emancipação de alguns distritos; por outro, devido ao processo migratório, aumentou drasticamente sua população.

Os dados do IBGE (senso 2010) tendem a mostrar que houve um crescimento populacional nas cidades do litoral catarinense, enquanto houve queda da população em algumas cidades da região serrana e oeste do Estado. Palhoça, localizada no litoral, situa-se no primeiro caso atraindo pessoas de ambas as regiões. Quando se discute os aspectos culturais locais, Palhoça é uma cidade que oficialmente, no âmbito político, defende herança cultural açoriana. O historiador Vilson de Farias é um dos defensores da herança açoriana, no entanto, ele lamenta a dissolução desses valores culturais perante os novos produtos e valores propagados pela mídia.

¹³⁹ PALAVRA PALHOCENSE. Palhoça: **Palavra Palhocense**, n. 118, 21 a 27 fev. 2008. Palavra do leitor: o preço da acomodação. p. 2.

Nesse sentido, o universo cultural, formado sobretudo pela religiosidade, pelo patrimônio arquitetônico, pelo folclore e pela gastronomia típica, perde espaço para outros interesses. Na visão dele, é preciso inculcar nas crianças de até 12 anos as expressões da cultura popular tradicional, como o boi-de-mamão: ‘É preciso educar desde cedo as populações para o respeito à essência das tradições’, finaliza.¹⁴⁰

Entendemos que as mudanças culturais fazem parte de um processo histórico e social, como construção humana, é natural que alguns aspectos se dissolvem em detrimento da emergência de outros. Para Stuart Hall surgem novas “paisagens culturais”, as culturas locais desintegram, surgindo culturas “híbridas” que dissolvem e sobrepõe aos antigos costumes. Wilson Farias admite alguns valores foram perdidos, outros ainda permanecem. Acredita que a continuidade das manifestações da cultura popular tradicional deve ser feita pela educação através da escola. Sugere em “inculcar” esses valores nas crianças, isso seria fácil se a educação também não estivesse nesse processo de dissolução e que sofre as mesmas influências midiáticas como veremos no último capítulo.

Esse processo de dissolução dos “valores tradicionais”, mesmo de maneira menos intensa, não data dos dias de hoje. Desde a chegada do rádio, do cinema e da TV as os culturas locais foram confrontadas com culturas globais, principalmente estadunidenses e européias. “*Os fluxos culturais*, entre as nações, e o consumo global criam possibilidades de ‘identidades partilhadas’ (...)” entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo.”¹⁴¹

O cinema é um meio, talvez um dos maiores, que viabiliza os “fluxos culturais”, novos padrões identitários e ajuda a difundir novos hábitos de consumo, inclusive consumo cultural. Na década de sessenta, Palhoça possuía dois cinemas. Para Claudir Silveira o cinema lhe abriu as janelas para o mundo, colocando-o em contato com outros países, outras culturas. Segundo ele, o cinema possui essa magia de mudar a forma de se ver o mundo.

De todas as diversões ao longo da minha vida, sem dúvida alguma o cinema foi a mais importante. Não só diversão, mas também janelas para o mundo, pois foi através dos filmes que tomei conhecimento da existência de muitas coisas que as limitações daquela época me permitiam conhecer, como por exemplo, detalhes de outros países, culturas, temas universais,

¹⁴⁰ FLORES, Ana Paula. “Tenho saudade da Palhoça antiga e medo da Palhoça do futuro.” **Palavra Palhocense**, Palhoça, n. 328, 19 abr. 2012. p. 63.

¹⁴¹ HALL, op. cit., p. 74.

personalidades da história. Tudo mostrado de forma meio distorcida e manipulada por hábeis diretores e interpretado por glamurosos atores.¹⁴²

O relato é de quem dedicou alguns anos de sua juventude ao trabalho em um dos mais antigos cinemas de Palhoça, o *Cine Pax*, que fechou suas portas no final dos anos sessenta. As memórias sobre a presença do cinema em Palhoça sobrevivem em pequenos fragmentos, não havendo muita coisa por escrito e o acesso às informações é restrito. No final da década de sessenta tínhamos esses dois cinemas: o referido Cine Pax e o Cine Sharf, ambos localizados no centro da cidade, na praça 7 de Setembro, um ao lado do outro. Em seu livro sobre a Barra do Aririú, Marcos João de Matos narra que o senhor Alcino dos Navegantes Moreira, na década de quarenta, possuía um espaço para exibição de filmes em sua residência e cobrava dois réis por pessoas. Mas ao que parece, o autor coletou depoimentos de pessoas antigas do bairro para compor seu relato e não menciona nenhum documento sobre esse fato.

O mais completo encontrado relatando a história dos cinemas em Palhoça é um panfleto, ou pasquim, de Claudir Silveira¹⁴³ nomeado: *Cine Pax*. Esse panfleto foi escrito a partir de suas próprias reminiscências. Sempre preocupado em deixar informações sobre a história da cidade, Claudir Silveira colecionava jornais, fotografias, livros e panfletos diversos que circulava pela cidade. Além de colecionar esse material, também escrevia diversos textos para divulgar a cultura e a história de Palhoça.

Nesse pequeno texto verificamos, através das informações do autor, que em Palhoça as primeiras projeções foram feitas por volta de 1916 na escola alemã. Filmes alemães, exibidos exclusivamente aos pertencentes da sociedade alemã. Então, no ano de 1937, o prefeito Juliano Luchi construiu em frente a praça 7 de Setembro um prédio com finalidades culturais. O casarão possuía dois pavimentos: um serviria para o funcionamento do Clube 7 de Setembro e o outro para a realização de solenidades, inclusive para apresentação teatral. Durante a Segunda Guerra Mundial, Gerson Bandeira alugou o salão e instalou o *Cine Pax*, funcionando por certo tempo. Posteriormente, Orlando Tancredo assumiu a direção do cinema. Em um texto de Alessandra Oliveira encontrado no site: <http://ndonline.com.br>, a viúva de Orlando Tancredo, Denides Cascaes Magoli, 83 anos, explica que seu “marido

¹⁴² SILVEIRA, Claudir. *Cine Pax*. p. 7-8. O historiador amador Claudir Silveira tinha o costume de escrever panfletos sobre diversos assuntos da História de Palhoça. Muitos desses panfletos não tinham datas nem numeração de páginas. No caso do panfleto que escreve sobre o Cine Pax enumerei as páginas.

¹⁴³ Claudir Silveira é considerado um memorialista palhocense. Faleceu em 2010 deixando grande acervo contendo livros, fotografias, jornais, panfletos e informações sobre Palhoça. A prefeitura comprou esse material e contratou uma empresa para restaurá-lo. O trabalho já foi concluído, mas ainda não está disponível para consulta, segundo informações obtidas na biblioteca municipal, ainda não há um espaço adequado na biblioteca para disponibilizar o acervo para pesquisa. Este encontra-se em uma sala da secretaria municipal de educação.

herdou o estabelecimento da viúva de Gerson Bandeira. Ele manteve as portas abertas até 1971.”¹⁴⁴

O motivo do *Cine Pax* cerrar suas portas foi a concorrência com o outro cinema, o *Cine Sharf*. Ainda segundo dona Denides, “o outro tinha equipamentos e salas melhores. Fomos ultrapassados e não resistimos. O triste é que perdemos amizades especiais neste percurso.”¹⁴⁵ Ao que parece havia uma amizade entre as famílias, e essa amizade se rompeu a partir da concorrência. A viúva do proprietário ainda relata que as fotos do cinema foram perdidas durante as enchentes ocorridas em Palhoça. No *Cine Pax* as sessões aconteciam nas quartas, sábados e domingos. Além de filmes exibiam-se documentários, noticiários e seriados, como Batman, Zorro, Flash Gordon, dentre outros.

Nas memórias de Denides a sensação da cidade foi o longa *O Mágico de Oz*. “Eu sempre preferi os musicais”, confessa, lembrando do cheiro de amendoim que se espalhava pela sala com assoalho e cadeiras de madeira. A moradora de Palhoça sorri ao lembrar a alegria das crianças nas matines do *Cine Pax*. “O seriado Franz Gordon [sic] era o preferido da molecada.”¹⁴⁶

Pouco se sabe sobre o *Cine Sharf*. Segundo consta foi inaugurado em 1967 e fechou suas portas em 1973. O proprietário era Wilson Sharf e, pelo depoimento de Dona Denides, era mais bem equipado do o *Cine Pax*. Então por que teve curta duração? Pergunta sobre a qual não conseguimos encontrar uma resposta plausível. Para Walmira Martins Scharf, de 76 anos, esposa de Wilson Sharf “o *Candelabro Italiano* foi o maior sucesso do *Cine Scharf*.”¹⁴⁷ Gelci José Coelho, que foi cartazista do *Cine Sharf*, “lamenta que a memória dos cinemas esteja somente na mente de algumas pessoas. Quando o acervo do Claudir Silveira estiver recuperado, aí quem sabe teremos um museu.”¹⁴⁸ Até o momento, isso não foi possível, pois o espaço do antigo fórum, localizado no centro de Palhoça e que estava sendo cogitado para ser um espaço cultural (onde funcionaria a biblioteca municipal, um teatro, sala para exposição e acervo de Claudir Silveira) continua fechado. Segundo consta, a ideia da prefeitura é transformar o local em uma policlínica. O fato é que, durante anos, Palhoça ficou sem nenhum cinema. Então a opção era freqüentar as salas do cinema do Shopping Itaguaçu em São José. Apenas em 2010, com a inauguração do Shopping Via Catarina os palhocenses amantes da sétima arte passaram a contar com as salas de cinema.

¹⁴⁴ Disponível em: <http://ndonline.com.br/mobile/noticias/14469-palhoca-teve-dois-cinemas-mas-ficou-sem-nenhum.html>. Acesso em 10 de julho de 2012. Texto escrito por Alessandra Oliveira.

¹⁴⁵ Ibidem.

¹⁴⁶ Ibidem.

¹⁴⁷ Ibidem.

¹⁴⁸ Ibidem.

2.3 ENTRE LUGARES E ESPAÇOS: PRÁTICAS CULTURAIS NA CIDADE

Ao circular pela cidade, por seus espaços e lugares os indivíduos constroem seus trajetos; atravessam e percorrem itinerários; compõe e constroem os espaços urbanos, apropriam-se de determinados territórios que passam a ser incorporados à sua identidade. Consideramos aqui os percursos que os alunos fazem de suas casas para a escola e para outros lugares a procura de diversão ou lazer. São muitos esses lugares na cidade: praças, bares, escolas, *shopping*, etc. Para obter informações sobre as cidade muitos indivíduos se conectam ao espaço virtual através de vários sites, principalmente o site de relacionamento *Facebook*. Esses sites conectam os indivíduos ao urbano, pois fornecem notícias sobre a realização de eventos, festas e os encontros dos amigos e ou colegas de sala de aula¹⁴⁹ pizzarias, bares e em outros locais na cidade.

A Escola de Educação Básica Irmã Maria Teresa¹⁵⁰ recebe alunos de vários bairros. E para se chegar até ela é possível percorrer um itinerário a pé, de bicicleta, de carro ou de ônibus; meios de transporte que também são usados para ir a outros locais da cidade. Nossa opção pessoal pelo uso do transporte coletivo e público, nos possibilita o encontro com esses jovens e mesmo o dialogo com eles. Muitos têm que se deslocar por vários quilômetros para chegar a escola. Mesmo alguns jovens, moradores da praia da Pinheira, a cerca de 40 quilômetros do bairro Ponte do Imaruim, procuram a E.E.B. Irmã Maria Teresa para estudar.

Retomo aqui a distinção feita por Michel Certeau entre ‘lugar’ e ‘espaço’, para situarmos nas configurações do urbano: “um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições.”¹⁵¹; enquanto que “o espaço é um lugar praticado.”¹⁵² Essa definição é importante para identificarmos os lugares praticados pelos jovens em Palhoça. Durante as entrevistas quando se fez a pergunta: “Na cidade de Palhoça, quais os bares, clubes ou casas de shows tocam as música que você gosta de ouvir?” Todos os entrevistados foram unânimes em dizer que em Palhoça não há um espaço para quem gosta de ouvir rock ou variações do gênero. Sobre essa questão, Kleiton responde: “ah! não tem né? Os que existiam a polícia

¹⁴⁹ No *Facebook* tornou-se comum criar grupos para realizar churrascos ou encontros em pizzarias das antigas turmas ou turmas atuais. Exemplos: churrasco da turma 308 (formandos 2010) em tal lugar, encontro da turma 315 na pizzaria, etc.

¹⁵⁰ A escola adota o nome EEBIMT como abreviação. Muitos alunos a denominam “Maria Teresa” ou simplesmente “Maria”.

¹⁵¹ CERTEAU, op. cit., p. 201.

¹⁵² Ibidem, p. 202.

fechou.”¹⁵³ Ele refere-se ao ‘Bar do Professor’ fechado em 2007 após uma batida policial. Os lugares estão ali, mas os espaços são outros, pois quando se caminha pela cidade se diz: “aqui era o Bar do Professor, hoje é um estacionamento”; “ali era o *Avohai*, hoje é uma serralheria”.

Palhoça é uma cidade composta de uma população jovem. Segundo os dados do último censo (2010) do IBGE 31.837 habitantes situam-se na faixa etária de 0 a 14 anos e 38.381 possuem entre 15 a 29 anos, totalizando 70.218 habitantes. Ao passo que a faixa etária entre 30 a 49 anos há 43.205 e entre 50 a 100 anos ou mais há 23.911, totalizando 67.116 habitantes. Para uma cidade com um número considerável de jovens é preciso políticas culturais, tanto o parte da iniciativa pública quanto privada para o atendimento dessa população. As entrevistas nos mostraram ausência dessas políticas. Nesse sentido muitos jovens se apropriam de espaços públicos para tornarem locais de convivência. As praias para realização de luau, as praças para andar de skate e tocar violão etc. Como muitos são estudantes, aproveitam os momentos de início e término das aulas para promover esses encontros ou mesmo programá-los.

A escola E.E.B. Irmã Maria Teresa e a E.E.B. Ivo Silveira se localizam próximo a praças. A primeira escola está situada no bairro Ponte do Imaruim na Avenida Anicheto Zacch, na esquina com a Rua 31 de Março, próxima a “praçinha da Ponte”¹⁵⁴. A segunda escola, está localizada no centro da cidade, em frente a Praça 7 de Setembro.

No início e no fim de cada turno escolar – matutino, vespertino e noturno - essas praças ficam repletas de jovens, estudantes e ex-estudantes. Alguns conversando, outros namorando, alguns tocando violão, outros andando de skate. Consideramos esse espaço como um “*circuitos de jovens*”¹⁵⁵, conceito desenvolvido pelo antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, já mencionado anteriormente, para estudar o “comportamento dos jovens nos grandes centros urbanos”¹⁵⁶. A praça é um espaço urbano por excelência, ela se torna uma continuação do espaço escolar, é o ponto de encontro, conflitos e trocas. Na “praçinha da ponte” realizei três entrevistas, e tive a oportunidade de conversar com alunos, alunas, ex-alunos e ex-alunas sobre minha pesquisa e sobre assuntos diversos do cotidiano.

Jefferson Tiago, 23 anos, ex-aluno da escola EEB Irmã Maria Teresa relembra a época que se reunia com os amigos na praça.

¹⁵³ Kleiton, 20 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2012.

¹⁵⁴ Não encontrei referência ao nome da praça, não nenhuma placa indicativa, moradores do bairro e outras pessoas a denominam de “praçinha da Ponte”, ou seja, referência ao nome do bairro Ponte do Imaruim.

¹⁵⁵ MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Os circuitos dos jovens urbanos.” *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702005000200008&script=sci_arttext . Acesso 21 ago. 2009. 18 p.

¹⁵⁶ Ibidem. s/p.

Na minha época quando frequentava o ensino médio e até mesmo depois, sempre nos reuníamos na praçinha do Maria Teresa era uma forma de nos mantermos unidos e ativos. Sempre íamos lá até mesmo quando não tínhamos nada para fazer, ficávamos conversando, alguns bebendo, também praticávamos esportes como skate ou flet. Também levávamos instrumentos para tocar lá como violão mas sempre em grupo e era uma coisa diária. Hoje em dia realmente não sei como está, mas acredito que ninguém mais vai, ou até mesmo não tenha mais isso como era antigamente com outros grupos.¹⁵⁷

O primeiro fato importante é que esses encontros aconteceram durante a época em que estava no ensino médio e mesmo depois. Segundo, eles serviam para manter a união do grupo, os amigos conversavam, bebiam, tocavam violão e praticavam esportes. Isso acontecia diariamente, hoje não mais, hoje Jefferson não sabe como está a praça e acredita que não exista mais o encontro de outros grupos. Não é que Jeferson esteja errado, ele e seu grupo de amigos simplesmente não freqüentam mais a praça como faziam durante o ensino médio. Aconteceu aquilo que Maffesoli denominou de “neotribalismo” em que os grupos são caracterizados pela fluidez e dispersão. Entretanto esse grupo não formava nenhuma tribo, mas constituía-se de amigos que cursavam o ensino médio e que foram se dispersando uns dos outros na medida em que terminou essa fase escolar e entraram para o mundo do trabalho e/ou para a universidade. O motivo de Jeferson continuar freqüentar a praça mesmo algum tempo depois justifica-se pelos laços que o unia a alguns amigos que ainda continuavam na escola, como por exemplo Natália Kaminsky. É o depoimento dela que nos fornece esses indícios.

Tinha algumas que não estudavam mais, até porque nem todo mundo tinha a mesma idade. A maioria era mais velha que eu. Quando eu entrei no Maria, alguns dos meus amigos já estavam lá, uns já eram repetentes, outros já estavam se formando, tipo o Willian, quando eu entrei lá, ele já estava no terceiro ano, depois ele se formou. Outros desistiram, e eu fiquei... Aí eles iam na praça de vez em quando, mas depois todo mundo começou a trabalhar.¹⁵⁸

Como nos informa Natália, o grupo era composto por pessoas de diferentes idades, alunos e alunas do primeiro, segundo, terceiro ano e outros que já haviam concluído o ensino médio. Começar a trabalhar foi um fator apontado por ela que levou a dispersão daquelas pessoas. Na condição de estudantes compartilham seus tempos dentro e fora da escola, mas quando perdem essa condição e se inserem na condição de trabalhador não há mais tanto

¹⁵⁷ Jefferson Thiago da Silva Pereira, 23 anos. Depoimento via Facebook. Palhoça, julho de 2012. Jefferson segundo nos informou começou seu interesse pelo rock ainda no ensino fundamental. Atualmente é dos organizadores do evento Ponte Stock Rock que está em sua segunda edição no bairro Ponte do Imaruim, em Palhoça.

¹⁵⁸ Natália de Souza Kaminski, 19 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2012.

tempo a compartilhar. Nesse sentido que acontece a fluidez dos grupos, mudam as pessoas, mudam os espaços de encontros, mas alguns laços ainda permanecem.

Além dos demais ambientes urbanos - shoppings, galerias comerciais, brechós e sebos - a praça possibilita a circulação de bens culturais, tais como vídeos, músicas e diversos arquivos, através de aparelhos eletrônicos, permitindo a integração entre os jovens de diversas partes da cidade. É importante notar que, mesmo com o advento dessas novas tecnologias, as pessoas continuam a se reunir presencialmente como, por exemplo, para tocar e ouvir violão, fato muito comum, seja dentro ou fora da escola.

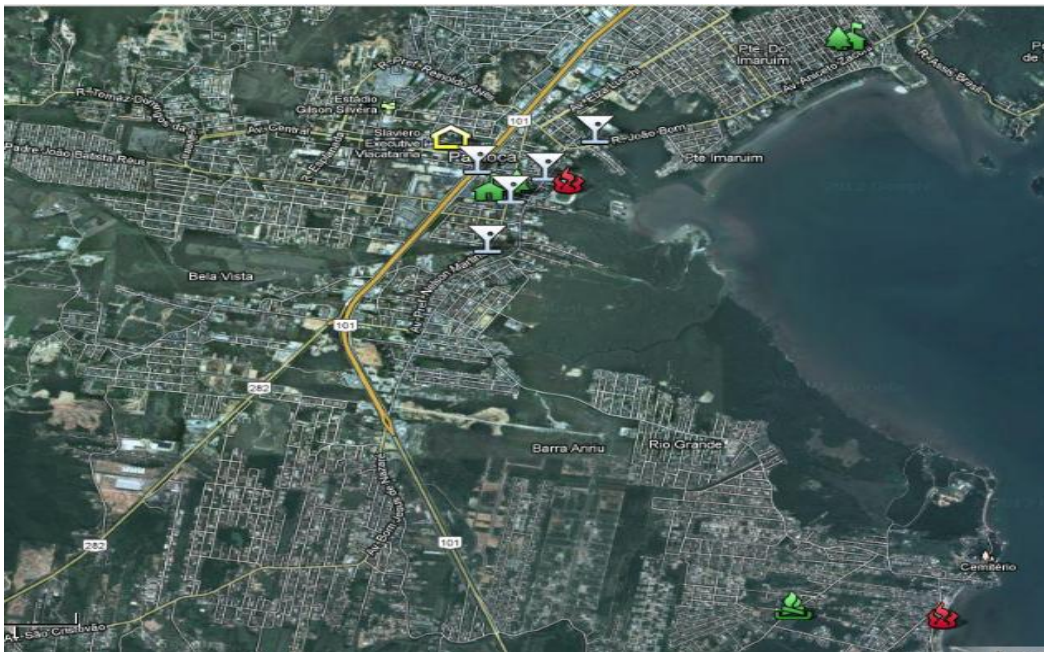
Essas trocas e vivência dos alunos transferem-se para outros ambientes. O rápido desenvolvimento tecnológico permite como nunca a aproximação dos espaços e a redução dos tempos. O contato iniciado em sala de aula continua em um ambiente virtual por meio das redes sociais, onde é possível postar vídeos, músicas, fotografias e textos. Essa troca de informações serve como ponto de partida para identificar gostos semelhantes, preferências musicais e estilos de se viver.

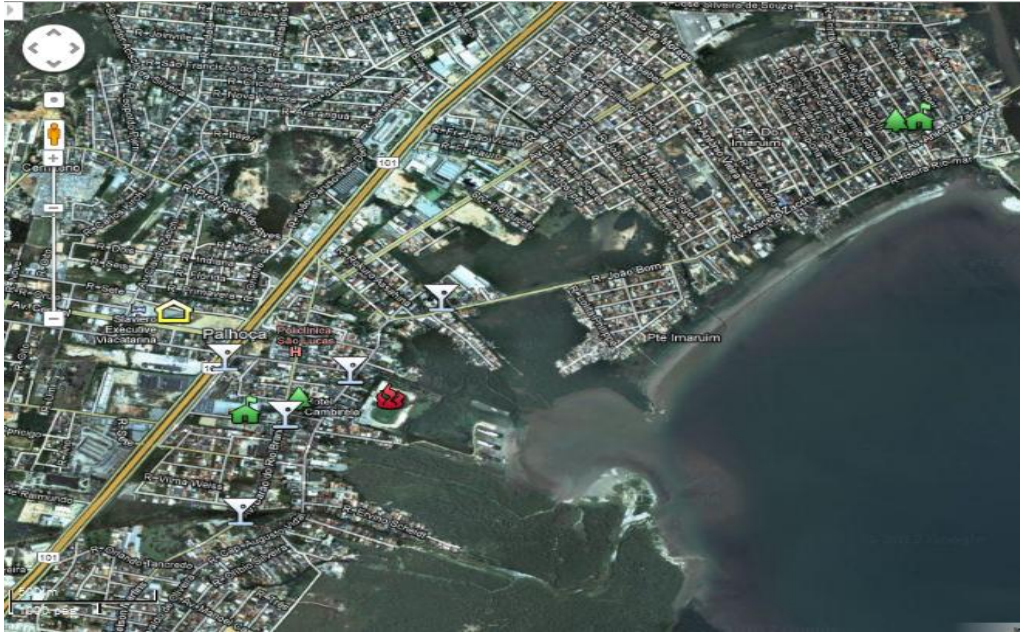
O mapa abaixo indica a localização dos lugares que mencionamos aqui: escolas, praças, shopping e bares.





Nos mapas identificamos as duas escolas: EEB Irmã Maria Teresa e EEB Ivo Silveira; as duas praças: “pracinha da ponte” e praça 7 de Setembro; os bares indicados pelos entrevistados onde tocavam onde se reuniam o público que curtiam rock e que foram: Snoopy Bar, bar do Professor e Avohai; as casas de shows que tocam outros estilos musicais: Idem Bar, May Bear e Mansão Luchi; e os lugares que foram realizados alguns eventos: estádio do Guarani (Palhostock – 1974), centro recreativo do Tomé (Rock lual -2011) e prainha da Barra lual; e o Shopping Via Catarina, onde há as salas de cinema.





2.3.1 Palhostock: música pop ao ar livre

Entre tantas outras coisas que a gente poderia falar, afinal foram muitas e muitas horas de grande loucura (e eu lá estava, acampado também), não posso me esquecer de dizer que o povo da Palhoça foi sensacional, não se espantando, em momento algum, com tão grande e ouriçado número de ‘visitantes’. – Um destaque que todos notaram: as torres prateadas da igreja combinam perfeitamente com as coloridas flores que enfeitam o bem cuidado jardim da Palhoça. Aliás, a cidadezinha, de agora em diante, poderá definir sua historia, como ‘antes e depois do Festival de Música Pop’. 1974, sem dúvida, foi um ano definitivo para as cuquinhas palhocenses.¹⁵⁹

Outubro de 1974, mais precisamente nos dias 19 e 20, sábado e domingo, acontecia o 1º Festival de Música Pop ao Ar Livre em Palhoça¹⁶⁰. Beto Stodieck teve o privilégio de presenciar os acontecimentos, participar das “muitas horas de loucura” e, assim como ele, milhares de jovens - incluindo os provenientes do Paraná, Rio Grande do Sul e outros estados

¹⁵⁹STODIECK, Beto. Um Festival de gente pop. **Folha da Manhã**. Porto Alegre. 22 out. 1974.

¹⁶⁰ Embora não faça ampla discussão sobre o festival foi de suma importância a monografia de Alexandre Martins, *Palhostock: o wodstock catarinense*, esse trabalho várias notícias de jornais da época que propagaram o evento além de apresentar em seu corpo textual depoimento de pessoas que participaram ou assistiram “bestializados” os acontecimentos.

do Brasil (alguns jornais chegaram a anunciar até mesmo a presença de “gringos”). Isso se deu devido a divulgação do festival por diversos jornais, dentre eles: O Estado, Correio Lageano, JSC Blumenau, Correio do Povo, Folha da Manhã, Zero Hora e possivelmente outros.

Sem sombra de dúvidas, foi um momento marcante. O relato poético de Beto Stodieck se insere no calor de quem estava ali para curtir o festival. É natural que nos peguemos a imaginar a sensação que aquele evento causou, tanto para as pessoas que estiveram ali, integrando o festival, quanto para os moradores da então “pacata cidadezinha”. Imaginamos a emoção dos organizadores: Edgar Scheidt, Jacob Silveira e Baldicero Filomeno Junior que empenharam esforços para a realização do festival. Beto Stodieck disse que o “povo da Palhoça” não se espantou em momento algum. Podemos até suspeitar de um pouco de exagero da parte dele, haja vista que naquela época a cidade possuía hábitos rurais, sendo que, de seus 20.652 habitantes, apenas 6.397¹⁶¹ moravam no espaço urbano, o que nos leva a pensar que Palhoça não estivesse tão preparada para receber tamanha quantidade de gente. Além disso, as pessoas dormiam cedo devido ao trabalho exaustivo “nas plantações de batata e tomate ou nas indústrias de cerâmica.”¹⁶²

Palhoça era “pequena” e “pacata”, e de repente foi invadida por “uma multidão de jovens cabeludos e roupas espalhafatosa vindos dos mais diferentes lugares.”¹⁶³ Naquela época havia pouco o que fazer na cidade, então “a turma se reunia na casa do Edgar para escutar os discos do Beatles, Rolling Stones, Janis Joplin, Jimmy Hendrix, (...), e que lá era o *point* da turma para discutir as notícias que chegavam por ultimo (...) e queriam movimentar a juventude da época (...)”¹⁶⁴ Aos moldes do que vinha acontecendo no mundo e principalmente o Woodstock, os três resolveram fazer algo inusitado para o momento. Segundo um dos organizadores do evento, Baldicero Filomeno Junior, em Palhoça “não acontecia nada’ era um marasmo na região. Como eram amigos íntimos e compartilhavam o dia-a-dia de suas vidas, (...) “éramos jovens como muitas ideias e poucos recursos para fazer acontecer, então resolvemos fazer algo diferente (...)”¹⁶⁵. Como consta os três jovens desfizeram de alguns de seus bens e tiveram que “abandonar temporariamente seus

¹⁶¹ MARTINS, Alexandre. **Palhostock**: o wodstock catarinense. Monografia. Udesc. 2001. p. 39. Segundo pesquisa do autor no IBGE, a população refere-se a década de 70.

¹⁶² PEREIRA, André. O som da música pop invadiu Palhoça. Foi um Barato. **Zero Hora**, Porto Alegre, n. 3316, 21 out. 1974. p.25.

¹⁶³ MENEZES, Cacau. Os 10 anos do /festival “Pop” de Palhoça. **O Estado**, Florianópolis, 21 out. 1984.

¹⁶⁴ MARTINS, Alexandre. **Palhostock**: o wodstock catarinense. Monografia. Udesc. 2001. p. 34. Comentário de Gelcy José Coelho, referindo que “os jovens de Palhoça e São José naquele momento, eram muitos integrados (...)”

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 34.

empregos”¹⁶⁶ para preparar o evento que tinha por finalidade a “arte e a movimentação.”¹⁶⁷ Contaram com o apoio da prefeitura municipal, o Deatur e a Pepsi.”¹⁶⁸

Como o evento foi recebido pela pequena população? Segundo o jornal Zero Hora “houve motivos de sobra para críticas acirradas; E para elogios exagerados.”¹⁶⁹ De um lado os adeptos do festival, organizadores, participantes e simpatizantes; do outro, os contrários ao evento, principalmente os que tentavam preservar os costumes tradicionais da cidade. Ao prefeito na época, Odílio José de Souza, com 36 anos, eleito pelo MDB, agradou da idéia e ele resolveu contribuir com o evento. Apresentando-se como inovador e tendo como área de prioridade do seu mandato a educação, o turismo e a industrialização, acreditava que o festival divulgaria o nome da cidade e modernizaria os costumes. Além disso, havia algumas pessoas que defendiam que o festival iria trazer dinheiro para o comércio local.

Mas nem todos estavam dispostos a modernizar os costumes da cidade. Segundo Jacob Silveira, Palhoça “sempre foi e ainda é conservadora.”¹⁷⁰ Não foram poucos, portanto, os comentários sobre os jovens que estavam presentes no festival. Uma moradora de Palhoça comentava: “eles são sujos, tem cara de gente perdida que não sabe o que quer da vida. Meus filhos não andam assim.”¹⁷¹ Alusão ao estilo de vestimenta dos jovens, o estilo hippie, associado a sujeira, a roupa estranha, à barba e os cabelos longos. Outros homens que se encontravam próximos a entrada do local onde se realizava o evento temiam “o exemplo negativo destes maconheiros e destas moças assanhadas para a juventude da cidade.”¹⁷²

Dentre todas as opiniões posteriores sobre os efeitos do festival, talvez a mais pesada seja a de Juarez Nahas, ex- promotor de justiça. Ele afirma que na realização do festival:

não ocorreu nenhum benefício cultural, enfatizando que a filosofia hippie naquela época era considerada fora dos padrões estabelecidos na sociedade, e que aquele comportamento era totalmente distorcido por seguirem as normas do sexo, drogas e rock n’ roll.¹⁷³

¹⁶⁶ O Estado. Música da pesada em Palhoça promete sacudir as estruturas do campo do guarani. Florianópolis: O Estado, ano 60, n. 17, ed. 810, 09 out. 1974, p. 16.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 16.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 16.

¹⁶⁹ Zero Hora. Os jovens enfrentaram tudo para participar do festival. Porto Alegre: Zero Hora, ano XI, n. 3316, 21 out. 1974.

¹⁷⁰ MARTINS, op. cit., p. 42.

¹⁷¹ Zero Hora. Os jovens enfrentaram tudo para participar do festival. Porto Alegre: Zero Hora, ano XI, n. 3316, 21 out. 1974.

¹⁷² MOSMAMM, Carlos. Festival de música deixou Palhoça mais alegre. **Folha da Manhã**, Porto Alegre, ano V, n. 1497, 22 de out. 1974. p. ?.

¹⁷³ MARTINS, op. cit., p. 42.

A partir de uma visão unilateral e distorcida do estilo hippie e preocupado com os costumes e valores da cidade, Juarez Nahas via naquela juventude algo de negativo, acrescentando ainda que o “Festival de Música em Palhoça, foi o grande responsável pelo aparecimento das drogas no município, e que o Palhostock é o marco da entrada das drogas na Palhoça.”¹⁷⁴ As palavras do ex-promotor são um bom exemplo de como atua a memória, avaliando o passado com os olhos do presente. Percebendo que a cidade cresceu e que, juntamente com esse crescimento, houve um aumento do consumo de drogas, ele resolve apontar aquele evento como a porta de entrada das drogas na cidade. Seu olhar se move partindo de quem se situa no espaço estriado, ou seja, representante da lei e da ordem. Assim, o festival de música parecer ser mesmo um grande divisor de águas em Palhoça: primeiro Beto Stodick afirma que a história de Palhoça poderia definir-se entre ‘antes e depois do Festival de Música Pop’ de 1974; depois, o ex-promotor afirma que foi o marco de entrada das drogas na cidade. Sem sombras dúvida, o evento teve sua importância e os organizadores os seus méritos. No entanto, não houve continuidade, foi um fragmento, assim como vem acontecendo com inúmeros outros eventos realizados na cidade.

Se não nos deixarmos levar pelos exageros da crítica do ex-promotor, veremos claramente que o festival trouxe algo mais; encantou alguns moradores, como anunciava a Folha da Manhã de 22 de outubro de 1974: o “festival de música pop deixou a cidade mais alegre”¹⁷⁵. Entre esses moradores estava Dilson Tavares Filho que afirmava: “nunca tinha acontecido nada parecido em Palhoça. Nem na minha vida. Apesar dos cabelos e das roupas, esses guris são gente educada. Cheguei até ganhar uma flor de um moço, imagine só.”¹⁷⁶ Ao que parece as roupas e os cabelos dos jovens causavam mais rebuliço que suas ações, já que muitos moradores ressaltam a educação daqueles jovens que estavam participando do festival de música. Uma observação importante vem do jardineiro Manoel¹⁷⁷ de 50 anos, que afirmava: “os meninos eram mais educados do que muita gente da própria cidade, pois nem pisaram nos jardins, nem arrancaram nenhuma flor”. A contragosto de muitos e para a felicidade de outros, o festival aconteceu e ao que parece com certa harmonia, excetuando-se “pequenos problemas criados pela embriaguês e uma detenção por causa de tóxico, em que

¹⁷⁴ Ibidem, p. 53.

¹⁷⁵ MOSMAMM, Carlos. Festival de música deixou Palhoça mais alegre. **Folha da Manhã**, Porto Alegre, ano V, n. 1497, 22 de out. 1974. p. ?.

¹⁷⁶ Zero Hora. Os jovens enfrentaram tudo para participar do festival. Porto Alegre: Zero Hora, ano XI, n. 3316, 21 out. 1974.

¹⁷⁷ MOSMAMM, Carlos. Festival de música deixou Palhoça mais alegre. **Folha da Manha**, Porto Alegre, ano V, n. 1497, 22 de out. 1974. p. ?.

um jovem de Itajaí foi preso pelo DOPS de Florianópolis.”¹⁷⁸ No mais, foi uma “loucura”, um “barato”, um “sarro”, utilizando o vocabulário hippie da época. E como afirmou Sérgio Luiz Estoril ao jornal zero hora: teve o “poder de reunir gente com mesmas roupas, mesmos gostos e os mesmos problemas.”¹⁷⁹

2.3.2 Rock e luau na Barra do Aririú

Nascidos e criados na Barra do Aririú - um dos mais antigos bairros de Palhoça - Lázaro, Felipe e Edu¹⁸⁰, amigos desde a quinta série, época que tinham como diversão jogar bola na rua cultivavam o sonho de formar uma banda de rock. O precursor desse sonho foi Felipe, quando começou a levar seu violão para a escola, “e a rapaziada começou a querer formar banda sem saber tocar.”¹⁸¹ Edu e Felipe começaram a aprender tocar em casa com pessoas da família. Felipe nos narra o início desse processo de aprendizagem,

Eu comecei quando vi o violão lá em casa, meu irmão tinha acabado de comprar, e ele entrou em uma aula de violão, aí eu vi que era massa, e comecei a aprender, peguei as coisas que ele comprava, revistas, ele me ensinava um pouco também, aí eu comecei a aprender umas notas, uns acordes.¹⁸²

O interessante cada um foi incentivando o outro e passando algo que sabia. Lázaro foi incentivado a tocar violão por Felipe. Rafael aprendeu com o Lázaro quando cursavam o terceiro ano do ensino médio na EEB Irmã Maria Teresa. Os jovens transitavam, portanto, entre os diferentes espaços, fazendo circular no espaço escolar (estriado) produtos culturais, uma aprendizagem que não restringe aos conteúdos passados em sala de aula (espaço liso). Os integrantes da banda disseram que quando começaram a tocar não tinham acesso a internet, então a forma de atualizar era comprando revistas de cifras, algum cd ou quando alguém ensinava alguma coisa. Segundo Felipe, “hoje em dia é a internet, depois que inventaram o cifra clube, acabaram com as revistinhas de cifras.”¹⁸³ Ele concordam que alguns sites como o

¹⁷⁸ Zero Hora. Os jovens enfrentaram tudo para participar do festival. Porto Alegre: Zero Hora, ano XI, n. 3316, 21 out. 1974.

¹⁷⁹ Ibidem.

¹⁸⁰ Lázaro (vocal e violão), Felipe (guitarra base) e Edu (baixo), Rafael (guitarra solo) e Juliano (Bateria) formam a Banda 4Left. Entrevistei todos os integrantes da banda no local de ensaio. Todos são moradores do bairro Barra do Aririú. Para maiores informações sobre a banda visite: http://twitter.com/SigaBanda_4Left.

¹⁸¹ Lázaro, 20 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2012.

¹⁸² Felipe, 20 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2012.

¹⁸³ Ibidem.

Youtube, Orkut e o Facebook, são importantes para aprenderem mais, conhecer outras bandas e divulgar o próprio trabalho da banda.¹⁸⁴

Geralmente esses jovens têm o costume de organizar luaus à beira da praia no bairro onde moram, sempre regados a bebidas e como dizem, uma boa música em volta da fogueira. É o momento de encontro da turma que gosta de ouvir um rock, já que Palhoça não oferece esses espaços. Pensando nesses encontros que os integrantes da banda resolveram realizar o primeiro rock luau. Segundo Lázaro foi algo simples, mas independente. O evento contou com o apoio e participação da banda *Ultrasom e Sky Route*. Para os organizadores o objetivo arrecadar grana para gravar o cd da banda, e claro proporcionar momentos de *rock n' roll* para a galera. Mas não foi fácil a realização do evento, Lázaro nos conta que enfrentou alguns dilemas.

Patrocínio que é o mais difícil de arranjar, porque acham que somos todos doidos. O que achei mais interessante nos patrocínios, é que nos mercados que eu fui e que eu achei que não iam ajudar, pois eram locais pequenos, ajudaram, e teve até pedreiro que ajudou no patrocínio. Ah! E também teve a hora de colar cartazes onde o pessoal se juntou para colar de poste em poste. Foi nós mesmos que fizemos, não pagamos ninguém para fazer. Pagar bebidas, pagar seguranças, alugar o salão e limpar o salão depois, tudo por conta nossa, tivemos até que improvisar um palco, iríamos alugar, mas o cara queria cobrar 350,00 reais na época por um palco minúsculo, então resolvemos improvisar um palco feito de bancos e uma mesa.

Todo processo de organização foi por conta da banda, desde o processo de divulgação aos investimentos na aquisição de bebidas, aluguel do salão e pagamento dos seguranças. Tiveram patrocínio de pequenos mercados e pessoas simples da comunidade. Usaram de táticas na montagem do palco, pegaram bancos emprestados da igreja e improvisaram um pequeno palco com auxílio de mesas. Lázaro acredita que as dificuldades encontradas na organização de eventos como esse é falta de credibilidade, segundo eles pensam que “somos todos doidos”. Sendo assim a falta de incentivo até mesmo de setores públicos fazem com que não aconteça a continuidade, acontece o primeiro e o segundo não vêm, assim como aconteceu com o Palhostock em 1974.

2.3.3 Bar do Professor, Avohai e outros espaços.

¹⁸⁴ Música da banda, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=DiXqBnNwmfl&feature=youtu.be> .

Durante a realização das entrevistas, a maioria dos jovens comentaram sobre a existência de dois bares, inclusive um que cheguei a frequentar: O *Bar do Professor* estava situado no centro de Palhoça à Avenida Barão do Rio Branco, próximo a praça 7 de Setembro e *Bar Avohai*, também no centro, na Avenida Prof. Nelson Martins, ambos eram frequentado por um público diferenciado. A princípio o Bar do Professor não oferecia espaços para shows, mas depois passou a contar com apresentação de bandas de rock e punk. Já o *Bar do Avohai* era realizava shows regularmente: às sextas com apresentação de rap e aos sábados rock. A casa foi fechada em um curto espaço de tempo. Abaixo, segundo informa o blog, a banda de *New Metal Emergency Exit* tocando no Bar do Avohai.



Disponível em: <http://alamsade.blogspot.com.br>

Na fotografia o olhar de quem fotografa direciona para a banda, que parece tocar para si mesma. Um dos integrantes, o baixista, toca o instrumento de costas para o público, não demonstrando interação. Os dois guitarristas direcionam o olhar para o chão ao passo que o vocalista com a mão no bolso direciona o olhar para o teto, enquanto isso o baterista parece distraído ou concentrado no seu instrumento. Mas é possível verificar alguns detalhes interessantes no ambiente. Há um pequeno sistema de iluminação, a parede é decorada com várias pinturas artísticas, quadros de tamanhos diferentes. Enquanto na platéia aparecem apenas duas pessoas.



Disponível em: <http://alamsade.blogspot.com.br/>

Essa segunda fotografia seguindo os mesmos padrões da primeira, continua centrada na banda, mas dessa vez apresentando maior interação da platéia, ainda que o baixista continua de costas e dessa vez com o capuz do molleton encobrindo a cabeça. Os jovens movem-se, ou melhor, balançam a cabeça e os cabelos ao estilo rock de dançar.

Esse bar surgiu na mesma rapidez que desapareceu. As fotografias acima não nos dão uma percepção nítida do espaço. Era um galpão comprido e tinha um declínio ao meio. O palco era a parede mais baixa, no canto direito ficava o balcão, na esquerda ficava a parte superior, onde havia uma mesa de sinuca. Segundo Natália,

O Avohai, era uma loucura, aquele bar, nem sei como abriu aquilo, quando eu vi já estava aberto, e foi relâmpago, acho que não durou nem um ano aquilo... Um monte de gente tentou investir no Avohai, mas não deu certo, até a mãe do Willian ia trabalhar ali, para levantar o lugar, o Avohai ia tudo quanto era tipo de gente, pois não era só para bandas de rock, nas sextas-feiras o espaço era para shows de rapentão ia de tudo né, não ia só roqueiros.¹⁸⁵

Ao que parece, o proprietário quis oferecer um espaço para dois públicos antagônicos, nas sextas acontecia o encontro de rappers, shows de Rap, o rapentão ao que se refere Natália. Aos sábados o espaço foi destinado a bandas de rock. Um das causas do fechamento apontadas foi a falta de organização e falta de investimentos por parte do proprietário. Frantiescole, 21anos, lembrando de sua primeira banda – *Anaxímenes*- fala da experiência adquirida através dos shows no *Bar Avohai*:

¹⁸⁵ Natália de Souza kaminski. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011.

O bom do *Bar do Avohai* foi que ganhamos experiência, às vezes nós tocávamos por dois copos de conhaque com coca-cola. Mas pra nós valeu estar ali. Foi onde adquirimos alguma experiência, um certo público. Mas foi uma banda que não fluiu, às vezes pela dificuldade de se locomover, ou de não ter instrumentos apropriados pra casas de shows, mas não queríamos saber disso. Queríamos saber de fazer nosso trabalho apesar de não ter dado muito resultado, mas valeu a pena as lembranças, as fotos, os shows, isso não vai ser apagado de nossas memórias.¹⁸⁶

Segundo Frantiescole a banda *Anaxímenes* durou por mais ou menos uns dois anos, suas maiores influências eram as bandas *Tequila Baby* e *Blink*. Fizeram vários shows no *Avohai*, porém a banda acabou devido ao vocalista torna-se membro de uma igreja evangélica. Até tentaram dá sequencia ao trabalho, porém não encontraram alguém que pudesse dar continuidade ao que já vinha fazendo e com as mesmas influências que tinham.

Frantiescole não chegou a freqüentar o *Bar do Professor*, mas Natália conhecia os dois, pois além desses bares “não tinha muitos lugares na Palhoça para sair.”¹⁸⁷ O bar era bem antigo naquele local, passando por diversos donos. Segundo Natália, desde que sua mãe estudou na Palhoça na EEB Ivo Silveira, o bar já existia, de acordo com seus cálculos deveria ter uns vinte anos ou mais. Antes o “bar não tinha espaço para shows, antes era um barzinho para ir beber alguma coisa e acho que até comer; e de dia, não era um espaço noturno, não sei como ocorreu a mudança, mas quando eu fui, já existia o espaço de bandas.”¹⁸⁸ Após abertura para bandas e shows o bar passou a ser frequentado por determinado grupos juvenis que Natália classifica com: os “*punkzinhos da Palhoça*”, “*Emos*”, os “*Metaleiros*”, dentre outros tipos de pessoas.

Kleiton (*Mad*), como é mais conhecido no grupo, foi um dos jovens entrevistados que mais freqüentou o *Bar do Professor*. Para ele era um lugar de “muita loucura”, de curtir a roda punk, beber com os amigos e encher o saco das pessoas que passavam por perto,

Era legal, nós íamos para lá com uma galera, comprava umas bebidas de repente ficava no meio da roda punk, acabávamos saindo machucado as vezes, ficávamos lá na frente bebendo, enchendo o saco de todo mundo que passava, era bem legal, tem bastante história pra contar, muita loucura na verdade, o cara não pode mentir, é muita loucura.¹⁸⁹

¹⁸⁶ Frantiescole Pefan, 21 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2012. Natural do Paraná, é morador do bairro Ponte do Imaruím em Palhoça, trabalha em uma empresa de reciclagem na cidade de São José. Atualmente toca bateria em uma banda *cover* dos Raimundos. Além da bateria também toca violão e gaita de boca.

¹⁸⁷ Ibidem.

¹⁸⁸ Ibidem.

¹⁸⁹ Kleiton, 20 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011.

De acordo com o depoimento de Diego¹⁹⁰, 23 anos, foi feito um abaixo-assinado pelos moradores do centro de Palhoça para o fechamento do bar. Lembro-me do ultimo dia de funcionamento, estavam ali várias pessoas, em sua maioria adolescente, muitos sentados na calçada quando uma viatura da Policia Militar - GRT (Grupo de Resposta Tática) - inesperadamente estacionou próxima a porta do bar, além das armas traziam em suas armados o spray de pimenta e mandou todos irem para suas casas. Para consolidar minha pesquisa fui até a Delegacia da Policia Civil de Palhoça procurar informações sobre o suposto fechamento, fui atendido pela pessoa que cuida da parte dos alvarás. Essa pessoa me informou que não havia nenhum documento referente ao encerramento das atividades daquele estabelecimento. Ainda informou que conhecia o dono daquele local e que o motivo da inexistência do bar era devido os interesses do proprietário em vender a propriedade para a construção de um edificio. O fato foi que com o fim do Bar do Professor, findou-se também o ultimo reduto *underground*, onde se reunia os “punkzinhos”, os “emos”, os “metaleiros”, além de outras pessoas.

Na falta de um espaço, a maioria dos jovens entrevistados citaram a casa de amigos como espaço de encontros para ouvir, tocar, trocar informações sobre seus gostos musicais e falar das coisas cotidianas. Esses encontros são importantes para formação de opiniões e ideias, principalmente nas trocas culturais. Discutem as maneiras de vestir, os cortes de cabelos e as bandas preferidas. Os espaços urbanos são construídos, definidos por meios de táticas. As entrevistas foram importantes, pois indicaram como acontecem a construção desses espaços em Palhoça.

Messinho, baterista da banda Ultra Som¹⁹¹, aluno do terceiro ano do ensino médio da escola Irmã Maria Teresa diz: “que o estilo de som que eu escuto, hoje em dia não está tão na moda, sendo que abrange bastante gente, tem um pessoal que curte esse estilo, geralmente o pessoal mais antigo, muitos pais e tal, mas tem uma galera jovem que curte esse estilo de som.”¹⁹² Esse estilo ao qual Messinho refere trata do Rock clássico como enumera no inicio de sua conversa e lista algumas bandas de sua preferência: “*Guns n' roses, Aerosmith, Pink Floyd, Dazaranha, Legião, Titãs, Cazuzá*.”¹⁹³. Estilo de música herdado da influência paterna ou mesmo de amigo do grupo que convive. Para ele “hoje em dia tá difícil um evento assim,

¹⁹⁰ Diego, 23 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011. Diego foi integrante do coral da escola EEB Irmã Maria Teresa, onde atualmente desenvolve juntamente com o Professor Edmilson, ambos de forma voluntária, as oficinas de teatro e aulas de violão.

¹⁹¹ Vídeos da Banda Ultrasom tocando. <http://www.youtube.com/watch?v=ADsv9ztB0dA&feature=related>

¹⁹² Emerson Gonçalves, 19 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011. Conhecido popularmente por Messinho entre os amigos, é integrante da banda Ultrasom, desempenhado a função de batedor, também toca violão. Mora no bairro Barra do Aririú.

¹⁹³ Ibidem.

esse estilo musical tá raro, porque a moda agora é sertanejo, então qualquer loja e nos lugares por ai, escutam muito sertanejo.”¹⁹⁴ Ou seja o evento a que se refere é um festival ou locais que promovam shows voltados para a cultura rock.

Na cidade a alguns bares e casas de shows como indicamos no mapa anteriormente, porém não são locais preferidos pelos jovens entrevistados. O *May Bear* é um espaço conhecido tradicionalmente por ser frequentado por “pessoas velhas”, onde se dança o sertanejo e a música gauchesca, entretanto a casa também oferece espaço para o funk e música eletrônica. O *Idem Bar* é uma casa de show que se caracteriza por um espaço que oferece o estilo sertanejo universitário. Então quando se trata dos lugares que frequentam na cidade, onde buscam lazer ou diversão, lugares para encontro com os amigos, sempre se referem a lugares alternativos e construídos por eles mesmos.

na cidade não costumo frequentar muita casa noturna, frequento mais quando eu toco, e com a rapaziada pra curtir, nós vamos mais a praia mesmo, ou na casa de alguém da galera...e não costumo frequentar casas noturnas até porque nas casas noturnas da Palhoça não toca muito o som que curtimos, geralmente é sertanejo, pagode, ai como não é muito a nossa "praia" não costumamos sair muito pra "baladas".¹⁹⁵

Como as casas noturnas não tocam rock, seus encontros acontecem nas praias e casas de amigos, onde realizam “luaus” e rodas de violão. Esses eventos são comuns entre os jovens entrevistados moradores da Barra do Aririú, dentre eles Messinho e Lázaro. E Messinho é enfático ao dizer que para ouvir, curtir e discutir a música na cidade, o ponto de encontro é geralmente a casa dos amigos que curtem o mesmo estilo de som, eles se reúnem para tomar tocar e tomar cerveja ou outra bebida.

Para Brenda, também aluna do terceiro ano, é pouco comum ouvir a música que gosta em qualquer lugar, ou seja, é mais fácil encontrar as pessoas que compartilham a mesma preferência musical. “Nós conseguimos achar pessoas na rua que gostam desse estilo, mas, por exemplo, nós não vemos tocando em lugares públicos.”¹⁹⁶ Como as casas noturnas sempre acompanham os ritmos do momento, o mais comum de se ouvir tocar são o sertanejo universitário, pagode ou música eletrônica. Aquele tipo e música que consegue agradar uma parcela maior da população.

Nesse sentido os jovens procuram estabelecer vínculos, mapear locais de encontros. Natália ex-aluna da EEB Irmã Maria Teresa, cita a praça como ponto de referência para encontro com os amigos. “Nós conversávamos no colégio, trocávamos ideias, começamos a

¹⁹⁴ Ibidem.

¹⁹⁵ Ibidem.

¹⁹⁶ Brenda W., 18 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011.

sair e ir pra show juntos.”¹⁹⁷ O grupo trocava ideia no colégio, um grupo menor, mas aumentava quando encontrava-se na praça “ Ah! Eram umas sete, no colégio era menos, mas tinha a pracinha, e tinha mais amigos que não estudavam e que nos esperavam e nos encontravam na pracinha, e eram em média umas dez pessoas quando saíamos todos juntos.”¹⁹⁸ Percebemos a importância da forte ligação com os amigos, na troca de informações e material musical: “nós só falávamos de músicas, mostrávamos músicas um para o outro, íamos um na casa do outro, ou mesmo nos mp3, onde compartilhávamos as músicas, eles tocavam também, o Will tocava instrumentos, mostrava revistas, Cds.”¹⁹⁹

Segundo Natália o Willian ou Will, não levava instrumentos para a escola, pois “o Will morava ali do lado do colégio então sempre íamos na casa dele.”²⁰⁰ Sua residência ficava a próxima a escola e a praça. “Ficávamos direto na praça, íamos todos os dias, mas tinha dia que nem tinha aula e íamos para a praça.”²⁰¹ A praça servia de interstício entre a escola, a casa do William e demais lugares.

Nesse sentido os “*circuitos jovens*” são móveis e fluídos, não possuem uma rigidez, mas isso acontece não porque as pessoas querem, mas pela própria dinâmica da constituição dos espaços, disputas por territórios, ação do poder público e formas de resistência dos jovens ao padrão massificado.

¹⁹⁷ Natália de Souza kaminski, 19 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011.

¹⁹⁸ Ibidem.

¹⁹⁹ Ibidem.

²⁰⁰ Ibidem.

²⁰¹ Ibidem.

3 VISUAL, ESTILO, GOSTO E INFORMAÇÕES: MEIOS DE CIRCULAÇÃO DE CULTURA NO ESPAÇO ESCOLAR

Meu nome é Kleiton, tenho 20 anos, minha profissão é marceneiro. Gosto de tocar música, gosto de curtir uma balada, gosto de ir pra praia tocar um violão. Gosto de andar de skate, é o meu *hobbie* preferido, gosto de compor músicas também. Gosto de *rock and roll*, todas as variações do *rock and roll*, eu gosto de *reggae*, gosto de MPB, Gilberto Gil, *Black Sabbath*, gosto de *Papas da Língua*, *Natiruts*, gosto das bandas antigas de *rock and roll*, Cazuza, Lobão, *Mutantes*, gosto também de algumas internacionais como *Black Sabbath*, *AC/DC*, *The Puple*, *The Who*, *Led Zepelin*.²⁰²

Nesse terceiro capítulo discutimos as transformações que vêm ocorrendo em nossa sociedade a partir da emergência das tecnologias da informação e comunicação. À maneira de Pierre Lévy, pensamos “que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura.”²⁰³ Para nossa compreensão formulamos três objetivos: primeiro, identificar as mudanças no espaço escolar com os usos dessas tecnologias; segundo, mostrar como acontece a circulação de produtos culturais na cidade e na escola; e finalmente apontar as mudanças e permanências nas formas de circulação de produtos culturais na década de noventa e primeira década do século XXI, ou seja, antes e após a popularização da internet.

Para pensarmos em termos de Brasil na última década do século XX e primeira do século XXI, voltamos aos anos 80. Naquela década o país passa por transformações sociais e políticas, que podem ser percebidas através do *Diretas Já!*, quando uma série de manifestações culturais começam a ocorrer no cenário nacional. Diversos grupos sociais, trabalhadores do setor industrial, camponeses e também estudantes lutam por seus direitos exigindo eleições diretas no país. O início dos anos oitenta culmina com tais movimentos, porém o fim dessa década vem acompanhado de mudanças. Primeiro o fim da ditadura militar, depois a eleição para a Presidência da República e a Assembléia Constituinte com a promulgação da constituição de 1988. Um cenário de mudanças vivido por diferentes pessoas em diversas regiões, estado ou cidade do país. Nas pequenas cidades, mudanças bruscas, pouco aparentes, nas capitais e grandes centros urbanos, fervor de movimentos, realização de passeatas.

Nesse contexto, a escola também passa por mudanças, são implantadas políticas educacionais para a juventude, e a grande guinada foi a publicação da Lei de Diretrizes e

²⁰² Kleiton, 20 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2012.

²⁰³ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 22.

Bases da Educação, em 1996. A proposta é a construção de uma escola pública e gratuita para todos, mesmo para aqueles que não tiveram acesso no tempo adequado.

Paralelamente à democratização do ensino, a década de noventa vivenciou a abertura do mercado às importações, durante o governo de Fernando Collor o país foi invadido por uma série de produtos, desde bonés dos times de basquetes americanos, passando pelas latas de cerveja, chegando aos carros importados. Os grandes conglomerados inauguram a democracia do consumo. As propagandas repassam as maneiras de como alcançar a felicidade. Nas catedrais do consumo sempre há o mais sofisticado eletro-eletrônico que lhe amplia o prazer de viver. Nesse contexto, a circulação de produtos culturais no espaço escolar toma impulso através das novas tecnologias, emergindo novas formas de relacionamento e mesmo de funcionamento da escola.

O aumento da circulação desses produtos midiáticos e de consumo primeiramente nos grandes centros urbanos e posteriormente se estendendo para as cidades do interior forja novas formas de comportamento. As informações adquiridas através da música, do cinema, das revistas em quadrinhos, dentre outras, são transportadas para o espaço escolar. Elas colocam em prática novas maneiras de estar no mundo, novas vivências e convivências, rompendo barreiras tradicionalmente aceitas. A cada dia percebemos em nossas salas de aulas situações que nos mostram essas novas convivências, principalmente quando se trata do uso dos aparelhos eletrônicos.

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem das casas dos pais para um dia qualquer voltarem; abandonam os estudos para os retomar tempos depois, encontram um emprego e em qualquer momento se vêem sem ele; suas paixões são como 'vôos de borboletas', sem pouso certo; casam-se, não é certo que seja para toda a vida.²⁰⁴

Como as estruturas sociais são fluidas, variáveis, assim as informações e comunicações também permitem mais fluidez na vida cotidiana dos jovens. Tanto as tecnologias são fluidas, mutantes quanto os produtos culturais que circulam por elas também são moventes. A cada dia uma música diferente, uma foto nova, um vídeo inusitado. Como já mencionamos no capítulo anterior, se supõe que esses novos elementos provocam uma crise da escola. Toda

²⁰⁴ PAIS, José Machado. Busca de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 8.

cultura transmitida pela escola, os valores, normas e conhecimentos estão perdendo sentido diante do novo e do efêmero. Há uma ideia do senso comum que acredita na substituição do professor pelo computador. Diante desse cenário cambiante e híbrido produz-se um novo tipo de cultura, ou seja, da junção de elementos próprios da escola com o que vem de fora há conflitos, confrontos e encantos.

Para que possamos entender essa interseção entre os diversos elementos produzidos em campos bastantes diferentes, precisamos entender o conceito de cultura escolar. Para tratar esse tema é preciso recorrer ao texto de *A Cultura Escolar como Objeto Histórico*²⁰⁵ de Dominique Julia, um dos pioneiros a pesquisar essa temática. Para ele a cultura escolar é

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).²⁰⁶

Além desse conjunto de práticas Dominique Julia entende que as práticas pedagógicas e as culturas infantis desenvolvidas nos pátios escolares também estão inseridas na cultura escolar. Então há uma subdivisão na construção da cultura escolar: parte dela proveniente de uma cultura oficial, ou seja, um conjunto de conhecimentos, valores e normas a serem inculcadas, correspondendo ao que classificamos como apolíneo, estruturada na ordem; outra parte proveniente de fora da estrutura escolar, o elemento dionisíaco, constituída de caracteres do cinema, da música, dos jogos eletrônicos, da cultura midiática.

A cada dia novos elementos passam a ser inseridos na cultura escolar. Um exemplo que vem se tornando problemático é o uso dos aparelhos celulares em salas de aula, pois mudou radicalmente a relação das pessoas com esse aparelho, antes por causa da sua inexistência e ou pouco acesso a ele nos anos 90, mas a partir da primeira década do século XXI, sua difusão e acessibilidade fez dele um item de necessidade básica e presente em todos os lugares.

Para muitos autores esses elementos que entram na escola pela porta dos fundos estão minando as estruturas escolares, provocando o que denominamos de crise da escola. Os grandes ídolos de bandas de rock e astros do cinema de Hollywood são capazes de seduzir mais que os heróis históricos, pintores, romancistas, escultores e filósofos.

²⁰⁵ JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Tradução Gizele de Souza. Revista brasileira de história da educação. Campinas-SP: Autores Associados. nº 1, jan/jun. 2001. p. 9-43.

²⁰⁶ Ibidem, p.10.

3.1 VISUAL E ESTILO

Eu percebo esse olhar diferente todo dia que eu saio pra fora de casa, 90% das pessoas me olham como se eu fosse de outro planeta ou sei lá o quê, mas eu não me importo com isso nenhum um pouco.²⁰⁷

É sob a mira dos curiosos que Paula, 27 anos, a “metaleira das trevas” caminha pela cidade. O estilo de música preferido de Paula é o *heavy metal*, uma variação do rock. Vestida de preto, com sua maquiagem, *piercings* e tatuagem provoca a indagação de muitos, geralmente é questionada sobre seu estilo. Em algumas vezes é insultada, alguns dizem que ela escuta “música do capeta”. Mas Paula não fica preocupada com isso, “as pessoas são muito alienadas com o padrão.”²⁰⁸ Então “só dou risadas mesmo.”²⁰⁹

Ela não está sozinha nesse universo de olhares estranhos. Diversos jovens que adotam um visual extravagante, através do uso das maquiagens, dos cortes e cores dos cabelos, das marcas nos corpos através de tatuagens, adereços, *piercings* e alargadores de orelha, que são vistos com estranheza por muitas pessoas. Esses estilos fogem às maneiras tradicionais e levam os indivíduos a criar rótulos, tratando o outro como um ser exótico, ou seja, “ex-óptico”, que não é visto comumente, algo fora da óptica da normalidade”²¹⁰. Essa percepção, de acordo com José Machado Pais, é construída na maioria das vezes pelos meios de comunicação de massa, pois possuem “uma notável capacidade de criar etiquetas,”²¹¹ originando assim “realidades representacionais, discursivas, mitificadas”²¹².

“A cidade é o lugar do olhar.”²¹³ É também o lugar de ser visto. Faço minha essa afirmação de Canevacci. Ela compõe-se de um aglomerado de pessoas, de construções, seus signos e símbolos. Andar por ela significa entrar em contato com seu funcionamento, uma teia de circuito formada por ruas, avenidas, praças e bairros; significa encontrar com a cidade, estar exposto ao perigo e às circunstâncias inusitadas. “A cidade nos apresenta polifônica

²⁰⁷ Paula, 27 anos. Entrevista concedida feita via facebook, julho de 2012. Paula tem preferência pelo *Black metal*. Seu perfil no facebook é Metalera Das Trevas. <http://www.facebook.com/metalera.dastrevas>

²⁰⁸ Ibidem.

²⁰⁹ Ibidem.

²¹⁰ PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva (orgs.) **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume. 2004. p.10.

²¹¹ Ibidem, p. 9.

²¹² Ibidem, p. 9.

²¹³ CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica: ensaio sobre antropologia da comunicação urbana**. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993. p. 43.

desde a primeira experiência que temos dela.”²¹⁴ Jefferson Thiago, 23 anos, nos relatou uma experiência um tanto singular e “constrangedora,” quando andava por uma rua da cidade de Palhoça. “Uma vez andando na Ponte do Imaruim, próximo ao centro comunitário, uma criança começou a juntar pedra do chão e jogar em mim e dizer: - Roqueiro!”²¹⁵ Para Jefferson foi uma cena marcante por se tratar de uma criança. Ele acredita que sempre há discriminação em relação ao seu estilo, pelo fato de ter cabelos longos e sempre usar roupas pretas. Entretanto, comenta que já foi bem pior, principalmente no seu tempo de “rebeldia,” ainda quando frequentava a escola. Na época tinha o cabelo colorido de preto e vermelho, usava maquiagem pesada e muitos *spikes*. Segundo ele hoje, está mais “normal no modo de vestir”²¹⁶ o que torna “a visão mais agradável para os outros.”²¹⁷ Acredita que as pessoas tendem a generalizar bastante o estilo, atribuindo características que não condizem com a sua maneira de ser. Excetuando essas situações, que não o incomoda, é jovem sério e responsável e sempre teve o respeito dos colegas de trabalho, amigos e mesmo dos seus “superiores” - na medida em que o conhecem.

Quando Jefferson afirma que todos nós passamos por fases, justifica sua mudança de um estilo “rebelde” e impactante para um estilo mais ameno, poderíamos interpretar como uma aceitação do discurso social vigente. Porém sua justificativa condiz com a interpretação feita por Canevacci, quando ele argumenta que o modo de vestir juvenil “é uma forma pela qual o sujeito-jovem estabelece não apenas módulos de aceitação, mas também de produção do seu eu”²¹⁸. Embora o estilo seja inspirado em integrantes das bandas prediletas, existe um processo de construção de identidade que produz sentido, sendo fundamental para a relação com o grupo de amigos. Mas a identidade não é fixa, é “uma identidade móvel, fluída”²¹⁹, podendo mudar e se moldar de acordo com as circunstâncias.

O cinema e a música são fundamentais nesse processo. Na tentativa de conquistar um público os canais televisivos “criam novos públicos”, e as “cadeias musicais como a MTV produzem sugestivas identificações de gerações, vinculações muito fortes entre estéticas emergentes e estilos de vida.”²²⁰

²¹⁴ Ibidem, p. 15.

²¹⁵ Jefferson Thiago, entrevista concedida via facebook. Julho de 20012.

²¹⁶ Ibidem.

²¹⁷ Ibidem.

²¹⁸ CANEVACCI, Massimo. **Cultura Extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 34.

²¹⁹ Ibidem, p. 34.

²²⁰ MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os Exercícios do ver**: Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. Tradução Jacob Gorender. São Paulo: Senac, 2004. p. 71.

Buscando atrair os jovens que necessitam consumir músicas e vídeos, canais de TV desenvolvem séries específicas para esse público. O canal MTV e *Multi Show* destacam-se nesse ramo de produção, pois em suas grades de programação destacam-se programas que tratam da temática musical. A título de ilustração, observamos a série tribos do canal *Multi Show*²²¹, apresentado por Daniele Suzuki. Pesquisando no site, eis a definição do programa:

Programa de Comportamento do *Multishow*. Windsurfe, viajar com a mochila nas costas ou curtir uma banda *Emo*? Dani Suzuki te leva para conhecer as manias e curiosidades das tribos urbanas: como surgiram, onde se encontram, como se divertem.²²²

A proposta do programa é conhecer as tribos urbanas, no entanto ao que parece, o produtor, os roteiristas, nem mesmo a apresentadora do programa leva a sério a discussão sobre o conceito de tribos. Percebe-se que o objetivo é criar rótulos para alargar as possibilidades de não esgotamento do programa. Para que isso seja possível, enlata e empacota na mesma série de programas grupos diversos, encerrando-os na categoria tribos, tais como: skatistas, paraquedistas, góticos, comissários de bordo, garçons, taxistas, emos, etc.. Todos os programas são produzidos nos mesmos moldes: realização de entrevistas, ida aos locais de encontro dessas denominadas “tribos”.

Além do empacotamento e uniformização, certas categorias trabalhistas também adquirem o mesmo sentido. Como se trata de um canal fechado e pago, nem todas as pessoas têm acesso de imediato a esses programas, mas é possível assisti-los no *Youtube* ou em outros sites disponíveis na internet. Esses vídeos são postados por alguém que de certa forma tem alguma afinidade com o tema tratado ou com o programa. No primeiro momento esses vídeos são assistidos por um público mais restrito, possuidor de TV a cabo, mas no segundo momento ele é difundido para um grupo mais amplo, nesse sentido ele circula por ambientes diferentes através de cópias reproduzidas que podem ser transmitidas via aparelhos móveis.

A vantagem da circulação desses produtos culturais através do *youtube*²²³ é a viabilidade de gerar uma lista de discussão. No caso do episódio sobre a tribo dos góticos, produzido pelo canal *Multi Show*, quando postado no *youtube*, produziu um embate discursivo através dos comentários de vários usuários, principalmente criticando a produção do programa e o conteúdo veiculado. O usuário *Shadow010*, por exemplo, argumenta que o termo gótico é um rótulo construído pela mídia, coisa que ele abomina.

²²¹ Mais informações acesse o site: <http://multishow.globo.com/Tribos/Sobre-o-Programa/>

²²² In: <http://multishow.globo.com/Tribos/Sobre-o-Programa/>.

²²³ <http://www.youtube.com/watch?v=oaG-DYyocQs> vídeo postado em julho de 2006.

Esse rótulo é uma construção midiática para se referir às bandas de post-punk com temas mais "fúnebres" dos anos 80, realmente abomino esse rótulo, não há movimento algum nisso, as bandas da época que faziam esse tipo de som, como sisters of mercy e bauhaus, nunca se chamaram assim, pelo contrário, nunca gostaram desse rótulo, pois sabiam que era algo midiático para tentar "denegrir" a imagem de seu som.²²⁴

Outro comentário interessante sobre o episódio foi o de Giuliavf²²⁵. Segundo ela “a mídia estraga a imagem dos góticos... e não só ela. Os posers também.”²²⁶ Esse comentário mostra bem o embate nesse campo discursivo, ou seja, a apropriação midiática das manifestações juvenis. Mas não é apenas a mídia que contribui para depreciar ou descaracterizar a imagem dos góticos, mas os *posers* também. *Posers* é uma expressão negativa, usada no sentido pejorativo, o termo está ligado a uma pessoa inautêntica que usa o “visual” de um determinado grupo juvenil de maneira superficial, apenas para obter reconhecimento e popularidade, já que não conhece a fundo as idéias e valores do grupo. Geralmente tende a seguir sempre a moda. Beatriz Sarlo relaciona bem essa apropriação das manifestações juvenis pelo mercado midiático. Para ela o *rock* deixou de ser um “desafio juvenil”²²⁷ fundamentado em uma postura subversiva com um programa libertário para “transforma-se num estilo.”²²⁸ Ao passar por esse processo é tomado pelo mercado.

Existem diversas maneiras de apropriação dessa cultura juvenil pelo mercado para transformá-la em coisas úteis ao consumo. Como exemplo, cito a indústria voltada à produção de material escolar que une o útil ao rentável e lança linhas específicas para atrizes e atores, bandas de rock, personagens de desenhos animados, etc. A fabricante de cadernos Credeal, recentemente baseando-se nos conceitos de moda, irreverência, estilo de vida e posicionamento diante do mundo, lançou três coleções: *Iron Maden*, *Metálica* e *The Beatles*. Vejamos o que a fabricante diz sobre as coleções:

O Heavy metal é mais que um gênero musical, é também um estilo de vida que representa atitude e irreverência. A linha Iron Maiden vai ao encontro deste público que curte um estilo mais radical de se posicionar perante o mundo. [...] Atitude, irreverência, energia, assim é o universo do Rock. A linha Metallica trás uma das bandas mais importante deste gênero musical. Ela é voltada ao público que se identifica com a energia vibrante do Heavy Metal. [...] A banda mais icônica de todos os tempos que faz parte do imaginário afetivo de todos nós. Símbolo musical e visual de uma época de

²²⁴ Comentário feito pelo usuário Shadow010. Para ver os vídeos do seu canal: <http://www.youtube.com/user/shadow0106/feed>. Acesso julho de 2012.

²²⁵ Esse é link do canal de Giuliavf no youtube. <http://www.youtube.com/user/Giuliavf/featured>

²²⁶ Ibidem. In Comentário sobre o vídeo.

²²⁷ SARLO, op. cit., p.35.

²²⁸ Ibidem, p.35.

revolução e renovação artística. Além de agradar os amantes do rock, a linha The Beatles pega carona na moda retrô que esta cada vez mais forte.²²⁹

O argumento do fabricante remete as palavras de Beatriz Sarlo, transformação do *rock* em estilo e a apropriação mercadológica. O objetivo desse tipo de produções é atrair o público juvenil ávido pelas inovações. Apela para uma necessidade, ou seja, o uso de um produto necessário ao dia-a-dia de quem frequenta a escola. Aquele jovem que tem em suas preferências musicais algumas dessas bandas apresentadas, não podendo ele frequentar as aulas com a camisa de sua banda, pode demonstrar seu gosto musical através da capa do caderno.

Há uma necessidade de criar os rótulos tanto por parte do mercado que lança produtos destinados a um público jovem quanto por parte da mídia que também produz produtos culturais visando esse público. Embora os jovens adotem certos comportamentos no vestir, no uso de adereços, muitos deles, ao serem entrevistados dizem serem ecléticos e não se encaixar em nenhum estilo.

Na verdade eu tenho um estilo muito próprio mesmo meu, gosto de vestir com camisas de times, é, tênis às vezes não de marca, mas que eu gosto de usar, que eu me sinto bem, roupas que eu me sinto bem, não copio estilo de ninguém, acho que cada um tem o seu estilo, eu tenho o meu.²³⁰

Sabemos que dentro da escola pouco se discute sobre essas questões do estilo, gostos musicais e maneiras de viver. Algumas disciplinas, as denominadas humanas, (História, Filosofia, Sociologia, Literatura e Artes) tratam ao menos de leve nesses assuntos. Na maioria das vezes essas discussões entram pelas portas dos fundos, chegam às nossas salas de aulas justamente através dos alunos. Priscila Santos relata que foi deixada de lado muitas vezes menosprezada pelos professores e colegas apenas pelo seu jeito de vestir e pelo gosto musical, segundo ela, sempre há preconceitos por parte das pessoas que se julgam “normais”.

3.2 MÚSICA: ELEMENTO DE IDENTIFICAÇÃO JUVENIL

Antes de adentrar propriamente na discussão sobre a circulação da música no espaço escolar, para facilitar nossa compreensão, iniciemos nossa conversa tratando das transformações ocorridas na canção com o advento das mídias eletrônicas a partir do século XX. Esse constante aperfeiçoamento propiciou modificações nas maneiras de produzir,

²²⁹ <http://www.credeal.com.br> acessado em 12 set. 2011.

²³⁰ Frantiescole Pefan, 21 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2012.

reproduzir e ouvir as canções. Talvez um dos aspectos mais marcantes foi a possibilidade de levar a canção para fora do seu local de produção. A chegada do disco, do rádio, do cinema, da TV e recentemente do celular e da internet permitiu a canção viajar por toda esfera terrestre e alçar vôos espaciais rumo a outras galáxias.

Paul Zumthor, estudioso da poesia oral, aponta o impacto dos meios eletrônicos na vocalidade. Falando sobre esse impacto e comparando-os com o surgimento da escrita, apresenta duas questões importantes: as mídias “abolem a presença de quem traz a voz” e “saem do puro presente cronológico”, construindo um espaço artificial, abolindo a espacialidade da “voz viva”, presente simultaneamente junta ao corpo. Essa mediação eletrônica abole o que Zumthor denomina “tactilidade”²³¹.

Antes da reprodução técnica midiática a canção estava associada a determinado lugar: ópera ou teatro. Após as mídias ela passou a ser reproduzida em diversos ambientes modificando a paisagem sonora. Trata-se de diversas formas de produzir, reproduzir, escutar e transmitir a canção, possibilitando cortes, mixagens e colagens. É possível fazer do erudito popular e vice-versa. As mídias alteram canções originais, eliminam seu contexto histórico, dessacralizam canções canonizadas. As grandes produtoras usam e abusam dos inúmeros recursos disponíveis para aumentar seus rendimentos. Por outro lado, possibilitam o resgate de canções antigas, melhora o acesso e a divulgação do que antes era restrito a poucos.

Heloísa Valente, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, foi outra pesquisadora que se interessou pelo “estudo da canção a partir do surgimento das mídias”. Para ela a canção é um gênero musical presente há séculos no ocidente, porém esse gênero vem sofrendo várias transformações. Em seu estudo a autora também se apropria dos conceitos desenvolvidos por Zumthor: movência, nomadismo e performance. Esses conceitos são fundamentais na medida em que contribuem para nossa compreensão sobre a circulação da música no espaço escolar e na cidade.

“A movência é a capacidade de deslocamento da canção, adaptando-se em diversos ambientes e perdurando ao tempo”²³². É possível perceber o deslocamento, por exemplo, quando os aparelhos celulares permitem ouvir as músicas preferidas, ou mesmo ouvir uma emissora de rádio através do mesmo aparelho. Para que isso seja possível “eu trago sempre o

²³¹ ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosacnaify, 2007. p. 14-15.

²³² VALENTE, Heloísa de A. Duarte. Canção artística, canção popular, canção das mídias: movência e nomadismo. In: **Música e Mídia: novas abordagens sobre a canção** (Org. Heloísa de A. Duarte). São Paulo: Via Lettera/Fapesp, 2007. p. 79.

celular com músicas, a rádio às vezes, rádio no celular no caso.”²³³ Ouvir a música quando o professor permite ou mesmo titubeia na sala de aula, e lá está o aluno a viajar em sua canção, coisa recente e problemática para muitos que convivem com essa situação. “A música dos novos devotos não conhece nem classe nem nação. Está disponível vinte quatro horas por dia, em toda parte. Não existe lugar algum que possa evitar que os estudantes comunguem com sua Musa.”²³⁴

Além da movência Heloisa Valente busca em Laplantine e Nouss o conceito de mestiçagem, “um pensamento da mediação que se desenrola nos intervalos e nos interstícios a partir dos cruzamentos e das trocas” ela é “confrontação, o diálogo”²³⁵. Esse novo tipo de canção, midiaticizada tecnicamente, denominada por Heloisa Valente de “canção das mídias”, se constitui

dentro desse mosaico-prosaico de possibilidades técnicas e estéticas, incluindo fragmentos de repertório da música erudita, dissociada de seu contexto integral, bem como a adaptação e apropriação de temas oriundos do repertório oral (folclórico) de acordo com o padrão estético do momento.²³⁶

Esse tipo de apropriação e adaptação leva ao conceito de nomadismo, capacidade constante de transforma-se, mover-se do erudito ao popular e vice-versa. A “canção midiaticizada” passa a compor o cenário. A velha canção deixa seu território, deixa um corpo e uma voz, é regravada, remodelada, reescrita, reestilizada por outros corpos e outras vozes ou até mesmo artificialmente por processo de remasterização. A exemplo da canção *C'era Un Ragazzo Che Come Me Amava I Beatles e I Rolling Stones* de Mauro Lusini, cantado por Gianni Morandi e posteriormente regravada em português pelos *Incríveis* e na década de 90 pelo grupo *Engenheiros do Hawaii*. Para muitos jovens ficou marcada a gravação feita pelos *Engenheiros*, ou seja, em outro contexto histórico do que aquele de sua composição original.

Desse processo de reprodução e novas maneiras de recepção, por diferentes vozes e diferentes épocas, advém novos sentidos de perceber e ter contato com a canção. Em muitos casos há alterações efetivas da canção. Não se trata de fazer julgamentos de valores, mas que em alguns contextos modifica-se o sentido original de produção, a exemplo de uma música de concerto usada como toque para celulares. É nesse cenário que as grandes gravadoras,

²³³ Brenda W., 18 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2011.

²³⁴ GREEN, Bill & BIGUM, Chris citando BLOOM. In: GREEN, Bill & BIGUM, Chris. *Alienígenas na sala de aula*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 8 ed. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 224.

²³⁵ VALENTE, op. cit., p. 92-93.

²³⁶ *Ibidem*, p. 85.

chamadas *majors* inventam, lançam a cada dia novos produtos como estratégias de *marketing*, para ser apreciado e consumido pelo público.

São as diversas maneiras que esse público irá receber essa canção que vai constituir a performance que de acordo com Zumthor é um:

Termo antropológico e não histórico, relativo, por um lado, às condições de expressão, e da percepção, por outro, performance designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira imediata. Nesse sentido, não é falso dizer que a performance existe fora da duração. Ela atualiza virtualidades mais ou menos numerosas, sentidas com maior ou menor clareza. Elas as faz 'passar ao ato', fora de toda consideração pelo tempo.²³⁷

O conceito de performance sugere a presença do corpo, é uma ação complexa envolvendo gestos teatrais. O assistir um show ao vivo nos coloca em contato direto com a performance do cantor, ali também se desenvolve a nossa. Com o advento das mídias e sua evolução tecnológica permitiu-se numerosos desdobramentos da performance. Ela não foi eliminada, apenas desespacializada e destemporalizada. Os novos equipamentos eletrônicos eliminaram as fronteiras e possibilitaram uma constante movência. Ao embalo da canção o corpo segue seu ritmo, balança, caminha, canta junto. Os meios eletrônicos são nossas Musas pós-modernas, a revelação e rememoração das canções que acompanham nossas vidas.

Estamos inseridos nesse turbilhão de mudanças e novidades, negá-las é uma ação imatura. A evolução da informática e da eletrônica trouxe-nos maneiras ímpares de produzir, reproduzir e receber músicas. Sabemos que referências são perdidas, a originalidade é colocada em questão, os direitos autorais são burlados pelas facilidades de pirataria. Uma dessas revoluções foi a capacidade de gravar a música em algum dispositivo eletrônico, mais comumente chamado de baixar ou fazer um download. Após ser perguntado se usa desse mecanismo, o professor de artes responde: “Sim, sim direto, embora isso acaba complicando o lado do cantor né, a questão da pirataria, etc, mas acho que daqui uns dias isso nem vai ser considerado pirataria, todo mundo já tá baixando.”²³⁸

Embora ainda se discuta a questão da pirataria, aspecto complicado a meu ver, pois a grande quantidade de dados que circulam pela rede foge ao controle, há mais argumentos a favor da difusão gratuita de música disponível, em decorrência da facilidade de acesso aos

²³⁷ ZUMTHOR, op. cit., p. 50.

²³⁸ Edemilson, 36 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2011. Edemilson é Professor de Artes, já desenvolveu diversos projetos na EEB Irmã Maria Teresa, como coral e os festivais de música, teatro e vídeo. Atualmente desenvolve, voluntariamente, juntamente com Diego a oficina de teatro e as aulas de violão.

diferentes gêneros de diferentes épocas. É possível rever aquela gravação de décadas passadas, podemos compará-las com suas mestiçagens, viver momentos de nostalgia e alegrar-nos com as canções que marcaram algum momento em nossas vidas.

De fato as “*canções das mídias*” passaram a fazer parte do cenário, onde memória e esquecimento dialogam, onde a “*escuta pensante*, atenta, aberta é que irá permitir estabelecer os parâmetros dos códigos musicais que se quer preservar ou não; o que deve permanecer e o que deverá esquecer...”²³⁹.

No entanto, a interação entre canção e mídia amplia nossos horizontes de escuta. Levamos a canção e sua performance em nosso bolso, não há fronteiras para sua transmissão. Podemos nos utilizar de inúmeros recursos, dialogar com diversos gêneros musicais e aumentar nosso conhecimento sobre canções de outros lugares diferentes e distantes geograficamente. Aos músicos e estudiosos da música, cabe nesse cenário pós-moderno, transitar entre o local e o global e articular as diversas possibilidades de produzir, reproduzir e transmitir a canção. Pois

A música aproxima as relações e aproxima também o aluno do conteúdo. A gente teve uma oficina de historia da música de mil novecentos e oitenta e mil novecentos e noventa, os alunos trouxeram um vídeo do *Rock in Rio* de 1995 e contextualizaram e tipo discutiram, tipo pode entrar um pouco dentro da história, e falar da política daquele período, sobre as coisas que estavam acontecendo naquele momento, então a música ela tem um poder muito forte tanto em termos de conhecimento, como de entretenimento, como de divulgação, de comercial e etc.²⁴⁰

Esse poder da música, essa importância em aproximar as pessoas vem desde os tempos imemoriais. Os gregos, através do *aedo* (poeta) viam “na palavra cantada o poder de ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais, um poder que só lhes é conferido pela Memória (Mnemosyne) através das palavras contadas (Musas).”²⁴¹ No presente esse poder é conferido pelas memórias eletrônicas, ou seja, “os suportes de gravação e leitura automáticas de informações”²⁴². Graças ao desenvolvimento da informática o ciberespaço definido aqui como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial

²³⁹ VALENTE, op. cit., p. 96-97.

²⁴⁰ Edemilson, 36 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2011.

²⁴¹ TORRANO, op. cit., p. 16.

²⁴² LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 34. Para o autor a “informação digital pode ser armazenada em cartões perfurados, fitas magnéticas, discos magnéticos, discos óticos, circuitos eletrônicos, cartões com chips, suportes biológicos etc. Desde o início da informática, as memórias têm evoluído sempre em direção a uma maior capacidade de armazenamento, maior miniaturização, maior rapidez de acesso e confiabilidade, enquanto seu custo cai constantemente.” p. 34.

dos computadores e das memórias dos computadores.”²⁴³ É possível ter acesso a uma infinidade de gêneros musicais. “Hoje tá muito mais fácil, músicas que antigamente era considerada, vamos supor, raridade, ser difícil de ser achada, hoje na internet você consegue baixar quase tudo.”²⁴⁴ Como isso é possível?

O computador é um equipamento capaz de armazenar arquivos, uma ferramenta que ampliou a produção, reprodução e recepção da canção. O advento da internet possibilitou a capacidade de trocar informações, transmitir e receber arquivos de texto, imagem, áudio e vídeo. Os modernos sites de compartilhamento permitem ouvir, fazer *downloads* e compartilhar músicas. A música viaja por e para todos os lugares. De um computador do outro lado do mundo ela chega às caixinhas de som do meu quarto, podendo ser baixada e gravada em um desses modernos aparelhos celulares possuidores de diversas funções, ela toma as ruas, chega aos transportes públicos, às salas de aula, ao acampamento, explode nos portas-malas dos veículos “tunados”. Ela transcende, plena de sua dimensão mágica, leva alegria e ritmo às mais recônditas e remotas paisagens.

Todo mundo pode ter acesso né, desde que eu tenha um computador em casa, tem internet e o cara pode, hoje acho o computador tá igual televisão a um tempo atrás, o cara às vezes não tem o que comer, mas tem computador em casa, tem internet. eu vejo isso lá na comunidade que trabalho. Então cada vez tá mais complicado para o cantor certa forma fazer sucesso, porque tem muita gente, a concorrência é muito grande e o cara fica famoso em uma semana, duas semanas para alguns e o cara tem que ser muito bom mesmo, tem que ter de certa forma uma grana, uma verba para divulgar na internet, mas isso acho que é ótimo né cara, excelente porque pode ter acesso da música de 1910 e a música atual, pode buscar, pode resgatar vários estilos musicais, pode curte de tudo e muito mais.²⁴⁵

Em um de meus passeios pelas comunidades do *Orkut*, deparei-me com uma comunidade intitulada, “*Eu não vivo sem música*”²⁴⁶, tal comunidade chamou minha atenção por dois motivos: primeiro, pelo número de membros (117.104); segundo, por essa frase “*Sem música, a vida seria um erro*”²⁴⁷ do filósofo alemão Fredrerich Nietzsche, referindo-se à música como essência da vida. O interessante é que existem diversas comunidades com título

²⁴³ Ibidem. p. 94.

²⁴⁴ Emerson, 19 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2011.

²⁴⁵ Edemilson, 36 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2011.

²⁴⁶ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=4230227>. Acesso em 28 agot. 2011 as 15:24 h. É interessante observa que o número de participantes da comunidade muda constantemente, podendo aumentar ou diminuir ou mesmo a comunidade pode deixar de existir. Para ter acesso a comunidade é preciso ser cadastrado no site Orkut.

²⁴⁷ Esse trecho é parte do aforismo 33 do livro *Crepúsculo dos Ídolos*: “Quão pouco é preciso para ser feliz! O som de uma gaita de foles. – Sem música a vida seria um erro. O alemão imagina o próprio Deus cantando canções.” p. 23.

igual ou semelhante, *eu não vivo sem música* ou *não consigo viver sem música*, contei mais de cem, mas creio que a quantidade delas ultrapassam a casa dos milhares. A partir da observação dessas redes sociais percebemos a dimensão da música na vida das pessoas, compartilhando uma mesma ideologia em uma comunidade virtual. Mas também percebe-se o poder desse novo meio de comunicação, onde as pessoas podem trocar informações e compartilhar seus arquivos. Podemos perceber isso nas palavras de um aluno estudante do terceiro ano do ensino médio:

Eu costumo discutir isso com meus amigos, assim, na internet também tem, dá pra ti, assim, ver bastante coisas do teu estilo musical, até vamos supor no Orkut tem comunidades e tal que tu podes participar e discutir sobre a banda que tu curte, sobre o estilo que tu curte, sobre seus ídolos e assim vai...²⁴⁸

Muitas dessas comunidades propiciam o compartilhamento dos arquivos. São milhares de possibilidades, permitindo trocas de arquivos provenientes de diversas partes do mundo. A música tornou-se virtualmente viajante. Assim você assiste um vídeo da banda, ouve a música, baixa algumas ou todas e faz diversos usos, como podemos perceber nos critérios adotados pela aluna do terceiro ano do ensino médio: “Eu geralmente escuto primeiro, vejo no *youtube*, se eu gosto eu baixo, mas quando é algo que eu gosto mesmo, gosto de todas as músicas da bandas ai eu compro o cd, eu gosto de ter assim.”²⁴⁹ Além da facilidade de assistir os vídeos, é possível como vimos fazer comentários, realizar downloads dos vídeos disponíveis através de programas piratas e também postar novos vídeos.

3.3 CIRCULAÇÃO DE PRODUTOS CULTURAIS NA ESCOLA

Iniciamos com uma pergunta: como acontece a circulação de produtos culturais no ambiente escolar? Para respondê-la utilizo como suporte a memória de alunos, alunas, ex-alunos e ex-alunas que cursaram o ensino médio nos anos noventa e primeira década do século XXI. Tanto a escola quanto a cidade são entendidas como lugar, espaço de circulação praticado por diversos jovens, um local público e palco da ação de indivíduos que consomem bens culturais. Como parte do cenário urbano a escola é importante, pois além ser considerada um local de ensino e aprendizagem, também propicia outras práticas como as relações de

²⁴⁸ Emerson, 19 anos, aluno do terceiro ano do ensino médio, baterista da banda de rock Ultrasom. Entrevista concedida.

²⁴⁹ Brenda W., 18 anos. Aluna do ensino médio. Entrevista concedida. 2011.

amizade e namoro entre os jovens. Não há fronteiras entre escola e cidade, existe uma extensão, uma continuidade uma da outra.

Ao realizar as entrevistas foi perceptível as maneiras de como jovens que estudaram nos anos noventa e os jovens que cursaram o ensino médio na primeira década do século XXI faziam circular material cultural, principalmente concernente à música no espaço escolar. A primeira pista nos é fornecida pela professora de língua portuguesa, que cursou o ensino médio nos anos noventa. Segundo ela não havia troca de material cultural no espaço escola.

Só as que ou meus amigos passavam ou meus irmãos que também gostavam do mesmo estilo, principalmente de guitarristas, eu lembro, é uma revista, eu acho, da década de 80, *Bizz*, e essa era uma revista que circulava muito entre nós, mas não na escola, no espaço escolar não tinha nada. (...) nas conversas informais do recreio ou antes de entrar para a sala de aula havia algumas troca, mas era a respeito do que estávamos ouvindo, do que é bom e o que não é, esses tipos de coisas.²⁵⁰

Mesmo não havendo trocas no espaço escolar, havia a circulação de uma revista, no caso a revista *Bizz*, essas discussões que aconteciam entre amigos e irmão, ou seja, no ambiente da cidade e no familiar acabavam sendo levadas para o espaço escolar, elas vinham à tona no momento de entrada para a sala de aula e no recreio. Isso configura que assuntos que iniciam no espaço urbano continuam no espaço escolar na cultura escolar. Essas práticas vão contra a estrutura linear proposta pela escola, às vezes inflexível, com currículos fechados, horários definidos, uniformes tradicionais e “fora de moda”, muitas escolas não percebem as transformações radicais que vem ocorrendo com o jovem nesse cenário pós-moderno. Bill Green e Chris Bigum consideram “a juventude como sujeito *par excellence* do pós-modernismo, especialmente em sua inflexão tecno-cultural.”²⁵¹

Esse sujeito por excelência, que de acordo com suas habilidades e interesses alia instrumentos diversos e os levam para a sala de aula. Alguns dos integrantes da banda formada por amigos de infância e sala de aula falam sobre suas experiências, táticas e punições sofridas quando levava seus violões para a sala de aula.

Levava na sexta e sétima aí na oitava a diretora aqui da escola da barra proibia a gente entrar com violão e tinha que deixar na diretoria para depois pegar. O meu violão ficou acho umas vinte mil vezes lá na diretoria, por que

²⁵⁰ Adriana, 35 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2012. Adriana concluiu seu ensino médio nos anos noventa. Atualmente é professora de Língua Portuguesa na EEB Irmã Maria Teresa. Desde o ensino médio gosta de ouvir o rock clássico.

²⁵¹ GREEN, Bill & BIGUM, Chris citando BLOOM. In: GREEN, Bill & BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 8 ed. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 217.

eu levava e o professor começava a explicar. Eu tava (...) para o professor, começava tocar o violão e o professor se incomodava não pelo fato do barulho do violão e sim porque eu não tava prestando atenção nenhuma pro que ele tava falando (...) aí o pessoal que tava ao redor de mim também desconcentrava assim sabe, por mais que tá baixinho, o pessoal, a aula já é chata e tem um louco tocando violão, vamos ouvir ele tá massa, e o professor ficava puto com aquilo, e várias vezes meu violão, apesar que eu não sabia tocar (...) nenhuma, foi pego e ficou lá na diretoria. (...)²⁵²

Percebemos algumas questões interessantes nessa fala dos estudantes, o costume de levar o violão para a sala, aproveitar algumas aulas para tocar, em especial a de educação de física, e a repreensão por parte de alguns professores e da própria diretoria, no caso da apreensão do violão. O instrumento permitia a troca da música, afinal, os amigos paravam para ouvir a música. Por outro lado ao levar o rádio para a aula, isso implicava diretamente nas questões escolares, pois esse aparelho permite que a cultura midiática adentre à escola. Essas atitudes quebram com as normas tradicionais imposta pela escola. Por sua inserção nesse ambiente tecno-cultural, os jovens adquirem certas habilidades, que influenciam seu comportamento e as maneiras de relacionar com outro. São maneiras diferentes, não melhores ou piores.

Eu tinha mania de levar um rádio, o meu primeiro salário cara, meu primeiro salário eu comprei um violão e aparelho de som, um radiozinho pequeno assim bem piquinim e toda vez que eu ia pro colégio tinha aula de educação física que é uma coisa que a gente nunca faz direito e eu levava o violão e o rádio, ouvia a música e ficava fissurado, não sabia o que fazer se ouvia a música, se ficava tocando ou se fazia os dois ao mesmo tempo.²⁵³

Uma mania um tanto quanto estranha para uma aula de educação física. Mas parece que essa prática enfatiza o que Anne Marie Chartier denomina de “disciplinas gratuitas” ou “não rentáveis”²⁵⁴, ou seja, não possuem a mesma importância das disciplinas científicas que de certa forma oferecem possibilidades de sucesso. Para a autora a partir dos anos de 1960 houve uma desvalorização da cultura das letras em detrimento das matemáticas, que passou a “ser disciplina-rainha”²⁵⁵. Artes e história, eu amplio a lista com a educação física, filosofia, sociologia etc, tornaram disciplinas sem valor, e em muitos casos, principalmente no interior do país são lecionadas por professores não habilitados.

Nesse sentido acreditamos que os aparelhos eletro-eletrônicos móveis e as tecnologias da informação ampliaram a circulação de produtos culturais no ambiente escolar. Essa prática tornou-se cada vez mais comum em nosso cotidiano, cada vez mais associadas à rebeldia e

²⁵² Lázaro, 21 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2011.

²⁵³ Filipe e Lázaro. Em entrevista e explicando o mesmo tema ao mesmo tempo. Palhoça, 2011.

²⁵⁴ Para mais detalhes consultar CHARTIER, op. cit., p. 21.

²⁵⁵ Ibidem. p. 21.

desvio de comportamento dos jovens, acenderam debates nos ambientes escolares e no campo acadêmico. Tais mudanças foram possíveis graças à emergência da internet, responsável pela facilitação da circulação de diversos produtos culturais. A internet funciona como ligação entre os jovens, a escola e a cidade, pois a partir das redes sociais podem se tecer comentários sobre as aulas, até mesmo postar fotos ou vídeos gravados em sala, trocar informações sobre datas das provas e mesmo fotografar a ata do conselho de classe final, contendo os nomes dos alunos aprovados e reprovados, disponibilizando-a no Facebook.

É o espaço de troca de experiências, de indicação de lugares de lazer na cidade, realização de compras de produtos para uso pessoal ou coletivo. Vejo a internet como um elo na fronteira entre a escola e a cidade. As várias possibilidades de cópia, adaptações, colagens e montagens de todo material disponível na rede se inserem no cotidiano de milhares de jovens, desde a simples práticas da cópia dos trabalhos escolares, passando pelo baixar músicas e vídeos e chegando à produção de sites, blogs, onde disponibilizam seus próprios produtos culturais. Essas práticas tornaram-se uma constante, não somente de jovens, mas de milhares de pessoas no mundo.

Tanto que para quem viveu sua juventude nos anos noventa, sente-se surpreso com a imensa possibilidade de circulação cultural nas escolas, é possível postar da própria sala de aula comentários em sites de discussão, através de listas onde pessoas de diversas partes do mundo podem dizer o que pensam.

Não, não tinha nada, até hoje como professora, eu fico bem surpresa e até acho uma coisa positiva, principalmente nessa escola a questão da música na vida dos alunos, porque no meu tempo a minha discussão, a troca de materiais era com meu grupo de amigos, que limitava se a cinco ou seis pessoas, mas na escola não tinha nada.²⁵⁶

Antes as trocas eram realizadas fora do ambiente escolar, com os amigos. Na nossa sociedade contemporânea, diferente de outras épocas, permite-se tecer uma rede de encontros com maior fluidez. O ambiente escolar é um espaço que pressupõe o encontro de indivíduos na mesma faixa etária, e assim, nesse lugar, locus do jovem por excelência é possível vivenciar certas experiências próprias do universo juvenil, ligadas a música, jogos e paquera.

Nas entrevistas percebemos que o violão apareceu como um instrumento ora como vilão, atrapalhando as aulas, ora como aliado e ferramenta pedagógica, possibilitando a

²⁵⁶ Adriana, 35 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2011.

aproximação de colegas de sala, professor e aluno, ou seja alguns professores, principalmente da disciplina Arte apostam nessa possibilidade.

Tem professor na escola que incentiva os alunos a tocar, por exemplo nós tínhamos o professor Silvio de Artes, quando eu chegava com dúvida sobre violão, ele era formado em música também, quando eu chegava com dúvida sobre nota, sobre acordes, sobre escala eu sempre perguntava pra ele, ele sempre respondia tudo, me ajudava. Tinha também a professora de ensino religioso que levava o violão pra sala, ela também tocava..²⁵⁷

Também na escola Irmã Maria Teresa através do projeto de oficina de violão, desenvolvida pelo professor de arte, há um grande incentivo para os alunos a procurarem aprender a tocar o instrumento. O projeto é desenvolvido por um voluntário, o Edemilson em parceria com o Diego. Esses projetos nunca estavam dentro da função dele de professor, mas eram desenvolvidos à parte, fora do horário de aula.

A oficina de violão o que chama muito a atenção por que o violão aproxima o grupo, reúne, tem um cara ali tocando violão, já chega dois três quatro, quando vê já tem toda uma galera e por isso eu acho q chama bastante aluno pra aprender, pra tocar ate porque de certa forma também, eu vejo por parte dos adolescentes que é a idade da fama né! o violão para os meninos chama meninas, e as meninas gostam de cantar, gostam de viver aquelas historias apaixonadas, acho que é por ai.²⁵⁸

No início e no fim das aulas, no intervalo do recreio e também entre um turno e outro é comum ver os alunos reunidos em grupos tocando violão e cantando acompanhado pelos colegas. Segundo o Professor Edmilson, o violão tem esse poder de unir e reunir as pessoas. Enquanto os demais aparelhos como celulares e ou mp3 são voltados para o individual, ou seja, cada um na sua com seu fone de ouvido, o violão tende para o múltiplo, para o grupo, seja pra chamar a atenção das meninas, seja para destacar perante os outros.

Não se ouvia música na sala de aula, mesmo havendo um instrumento que possibilitasse isso, no caso do walkmann, pois se ouvia mais música em casa.

não em sala de aula, sempre antes, é bem interessante né, hoje fazendo esse paralelo eu vejo o quanto isso é recorrente. Na época não, até por que ouvia se muito em casa, era o tempo do vinil. Depois que veio o discman, o cd player, essas coisas, era o tempo das pessoas se reunirem nos finais de semana e ouvir o som do vinil.²⁵⁹

²⁵⁷ Filipe e Juliano, 19 anos. Em entrevista explicando o mesmo tema. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2011. Juliano toca bateria na banda *4left*, mora no bairro Barra do Aririú.

²⁵⁸ Edmilson. 36 anos. prof. de arte Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2011.

²⁵⁹ Adriana. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, 2011.

Muitos jovens, devido às suas condições econômicas não tinham acesso a essas tecnologias. Entendemos a juventude como uma “construção social e cultural”²⁶⁰, havendo diferenças no tempo e no espaço. Diferenças sociais, econômicas e culturais que separam jovens ricos e pobres, operários e não operários, do meio rural e do meio urbano. Nos anos noventa muitos jovens estudantes não tinham acesso a essas tecnologias

Não tinha esse acesso não, até por que na época eu nem tinha condições de comprar um walkman, era bem pobre, mal tinha dinheiro pra pagar minha passagem. No ensino médio eu não trabalhava, a minha mãe que sustentava a casa, eu ficava o dia inteiro na escola, porque era uma escola particular e que era integral, aula manha e a tarde.²⁶¹

Segundo Edmilson, na época que cursou o ensino médio não levava nenhum instrumento para a sala de aula, pois não tinham condições de comprar um walkman. Ele começou estudando na EEB Ivo Silveira, mas depois se transferiu para uma escola particular. Como membro da igreja adventista conseguiu uma bolsa de estudo para cursar o segundo e terceiro ano do ensino médio nesse colégio. Ele acredita que hoje popularizou o acesso as tecnologias, embora muitos jovens continuam sem acesso às tecnologias mais avançadas.

As TICs, tecnologias da informação e comunicação mudaram radicalmente as maneiras das pessoas se relacionarem, ao mesmo tempo que une quem está distante, separa quem está próximo. A mídia permeia, atravessa esses ambientes, ela permitindo os laços que unem a diversidade de jovens no cotidiano. Alguns alunos, por exemplo usam a internet para publicar vídeos, fotografias, textos, (poesias contos²⁶²) e desenhos²⁶³ em blogs como forma de expressar sua arte. Por outro lado, alguns fazem uso da mesma ferramenta para outros tipos de publicações, seja elogiando ou falando mal de algum professor. É o caso das inúmeras comunidades do orkut referindo-se ao ódio ou amor por algum professor. São novas formas de comportamento que rodam nosso dia-a-dia, precisamos ter cautela ao lidar com elas. Em ambos os casos podem nos servir de inspiração: no primeiro, aproveitando as habilidades desses alunos, levando essas experiências para dentro da sala de aula; no segundo, buscando aprender com as criticas e elogios, avaliar a dimensão e fundamentação de tais críticas, se são válidas ou não

²⁶⁰ LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens: Da Antiguidade à Era Moderna**. Tradução: Claudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, 1996. p. 8.

²⁶¹ Edemilson, 36 anos. Entrevista concedida em áudio por Helio Camilo. Palhoça, 2011.

²⁶² Blog de minha ex-aluna, atualmente estudante de Jornalismo: <http://guriasmulheres.blogspot.com>. Publicação de contos, poesias e crônicas.

²⁶³ Ver o exemplo do blog de um aluno do segundo ano do ensino médio que produz desenhos e caricaturas: <http://hudsondesenhosvariados.blogspot.com>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Procurei-me a mim mesmo.”

Heráclito

Na medida do possível, penso que todo texto é uma tentativa de encontro consigo mesmo. Durante o curso de Mestrado em História do Tempo Presente elaborei alguns objetivos e hipóteses que possuíam relação com as minhas experiências no campo educacional. Há alguns anos lecionando no ensino médio em diversas escolas públicas de Estados, fiz contato com vários educadores e estudantes, ouvi e discuti diversas questões educacionais. Dentre essas questões, a mais intrigante girava em torno da compreensão das táticas utilizadas para apropriação dos espaços urbanos e escolares, fazendo circular por esses espaços produtos culturais diversos. A partir dessa questão pesquisei as maneiras como os jovens construíam suas preferências musicais e os estilos de vestir, minha atenção voltou-se para os jovens, cuja influencia maior era o rock e outras variações do gênero.

Consideramos a juventude, à maneira de Beatriz Sarlo, em sua estética cotidiana, na produção e consumo de bens culturais tendo a música como elemento constitutivo de identificação. Tomamos a escola como referência, pois é marcante a presença juvenil nesse espaço, além de existir um conjunto de práticas e sociabilidades estabelecidas nesse ambiente. Embora seja um lugar público, não são todos que possuem acesso ao espaço escolar. Se o leitor for atento irá observar que as escolas urbanas são cercadas por muros altos. Uma espécie de proteção, mas não apenas da violência e dos perigos da cidade. Há também uma proteção no sentido ideológico. A escola é o centro do saber, é onde se produz e reproduz conhecimento. É o lugar da ordem e da disciplina. Por fora do muro é o lugar da desordem e das práticas ligadas às dinâmicas do urbano.

Nesse ponto, está pesquisa é importante pelo fato de colocar em pauta a discussão sobre a circulação por esses espaços - escolar e urbano. Procuramos dissertar sobre processos de ensino aprendizagem, as táticas adotadas pelos estudantes para burlar a regras escolares e relações estabelecidas entre eles. Isso foi feito por meio da coleta de depoimentos orais através de entrevista partindo da perspectiva da história oral, aliada a experiência em sala de aula e o contanto direto com os jovens.

Algumas contribuições da pesquisa giram em torno de perceber as maneiras de como são construídos os discursos sobre a juventude. Os discursos midiáticos constroem rótulos e propagam através do mercado idéias e produtos para serem consumidos pela juventude, entretanto nem todos jovens concordam com esses rótulos.

Foi possível mapear esses circuitos e identificar os processos de construção de identidades. Abrimos novas perspectivas de pesquisas, já que algumas questões ficaram em aberto. Como diversas cidades, Palhoça possui suas particularidades, a exemplo do elevado crescimento populacional nos últimos anos. Ela é um campo aberto para pesquisas em diversas áreas do conhecimento, mas há de encontrar dificuldades no encontro com as fontes de pesquisa, pelo fato de ainda não ter uma preocupação por parte do poder público em manter organizados os arquivos. A biblioteca municipal não possui uma sede própria, é itinerante, sempre mudando de lugar. Não um museu na cidade, nem um local adequado onde estejam disponíveis documentos sobre a história da cidade. São poucos os que procuram estudar e compreender a história de Palhoça.

Essa dificuldade no encontro com as fontes foi desde início o ponto vulnerável da nossa pesquisa. Optamos pelas fontes orais, mas foi preciso outras fontes para estabelecer o diálogo. Entendo que em alguns momentos seria preciso o enriquecimento do diálogo entre as fontes utilizadas e as concepções teóricas adotadas. Seria necessário maior empenho para mapear a estruturação e circulação de produtos culturais entre a Juventude de Palhoça em até quatro gerações. Como jovens dos anos sessenta a noventa produziam e consumiam produtos culturais midiáticos, contrastando com outras práticas culturais existentes na cidade.

Percebemos que Palhoça é um microcosmo que está inserida nesse processo de mudanças que vem ocorrendo acontecendo em todo mundo, um processo global capaz de atingir os pontos mais remotos do planeta. No entanto, existe um processo refratário que tenta frear as manifestações desses grupos.

Fontes

Jornais pesquisados:

Folha da Manhã, Porto Alegre. Out. 1974

O Estado, Florianópolis, out. 1974.

PALAVRA PALHOCENSE. Palhoça-SC, 2005-2012.

Zero Hora, Porto Alegre, out. 1974.

Entrevistas realizadas

Adriana, 35 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, novembro de 2011.

Brenda, 18 anos. Entrevista concedida, gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa, novembro de 2011

Diego Filipe, 23 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011.

Edemilson, 36 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011

Edu, 20 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011.

Emerson Gonçalves (Messinho), 19 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011.

Frantiescole Pefan, 21 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2012.

Jefferson Tiago, 23 anos. Entrevista concedida feita via facebook, julho de 2012.

João Paulo, 20 anos. Entrevista concedida feita via facebook, julho de 2012.

Juliano, 19 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011.

Kleiton, 20 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011.

Lázaro, 20 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011.

Natália de Souza Kaminski, 19 anos. Entrevista concedida gravada em áudio por Hélio Camilo. Palhoça, março de 2012.

Paula, 27 anos. Entrevista concedida feita via facebook, julho de 2012.

Priscila Santos, 21 anos. Entrevista concedida feita via facebook, julho de 2012.

Rafael, 20 anos. Entrevista gravada em áudio por Hélio Camilo Rosa. Palhoça, 2011.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História**. Bauru: Edusc, 2007.
- ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.
- BENJAMIM, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.
- _____. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 223-231.
- BRANDÃO, Antônio Carlos & DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais da Juventude**. 4º Ed. São Paulo: Moderna, 1991.
- CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica: ensaio sobre antropologia da comunicação urbana**. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- _____. **Cultura Extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópolis**. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade**. Tradução: Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Anne-Marie. Escola, Culturas e Saberes. In: XAVIER Libânia Nacif, CARVALHO Marta Maria Chagas de, MENDONÇA Ana Waleska & CUNHA Jorge Luiz da. (Orgs). **Escola, Culturas e Saberes**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 9-28.
- SILVEIRA, Caludir. **Município de Palhoça-SC**. Florianópolis: edição do autor. Impressão Artymagem, 1999.
- FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. IN: BUARQUE de Holanda, H (org) **Pós-modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidades e Procedimentos**. 2º.ed.. São Paulo: Humanitas, 2006.
- GARCÍA, I. PEÑA-LÓPEZ, I; JOHNSON, L., SMITH, R., LEVINE, A., & HAYWOOD, K.. **Informe Horizon**: Edición Iberoamericana. Austin, Texas: The New Media Consortium, 2010.
- GREEN, Bill & BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 8 ed. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 208-243.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. DP&A Editora, 2001.
- HERÁCLITO DE ÉFESO. In: **Os Pré-socráticos: Fragmentos, doxografia e comentários**. Traduções: Wilson Regis, José Cavalcante de Souza e Ernildo Stein. São Paulo, Nova Cultural Ltda, 1999. p. 92.
- HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Estudo e tradução de Jaa torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- HOMERO. **Odisséia**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- _____. **Ilíada**. Tradução: Manoel Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**. Tradução: Maria Elisa Cevasco. São Paulo. Ática. 2007. p. 31.
- LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens: Da Antiguidade à Era Moderna**. Tradução: Claudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, 1996.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LIPOVESTSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LOPES, José Lupércio. **Monografia – Município de Palhoça**. Florianópolis: Livraria Cysne. 1919.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, Germán. **Os Exercícios do ver: Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. Tradução Jacob Gorender. São Paulo: Senac, 2004. p. 67-105.
- MATOS, Marcos João de. **Barra do Aririú como você nunca viu**. Florianópolis: Gráfica Life, 2010.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo II: Necrose**. Colaboração de Irene Nahoum, tradução de Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro, Florense-Universitária, 1977. 206p.

- NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre História**. Apresentação, tradução e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Puc-Rio, São Paulo: Loyola, 2005.
- ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 45.
- PAIS, José Machado. Introdução. In: PAIS, José Machado & BLASS, Leila Maria da Silva (org.). **Tribos Urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 9-21.
- _____. Busca de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 7-21.
- PEREIRA, Simone Luci. Escutando memórias: uma abordagem antropológica para o estudo da canção das mídias. In: **Música e Mídia: novas abordagens sobre a canção** (Org. Heloísa de A. Duarte). São Paulo: Via Lettera/Fapesp, 2007. p. 147-173.
- RONSINI, Veneza V. Mayora. **Mercadores de Sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, artes e vídeo-cultura na Argentina**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 40.
- VALENTE, Heloísa de A. Duarte. Canção artística, canção popular, canção das mídias: movência e nomadismo. In: **Música e Mídia: novas abordagens sobre a canção** (Org. Heloísa de A. Duarte). São Paulo: Via Lettera/Fapesp, 2007. p. 79-97.
- VALENTE, Heloísa de A. Duarte. **As vozes da canção na mídia**. São Paulo: Via Lettera/Fapesp, 2003. p. 29-92.
- FARIAS, Vilson Francisco de. **Palhoça: natureza, história e cultura**. Florianópolis: Editora do autor, 2004.
- VITELLI, Celso. Relações entre jovens, consumo, estética e shopping centers. In: PINTO, Michele de Lavra & PACHECO, Janie K. (orgs.). **Juventude, consumo & educação**. Porto Alegre: ESPM, 2008.
- WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução: Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova cultural, 2003. p. 28.
- ZACHI, Giancarlo Philippi. **Retratos de Palhoça**. Florianópolis: Classic, 1991.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosacnaify, 2007.

Sites visitados:

<http://www.youtube.com/watch?v=ADsv9ztB0dA&feature=related>

<http://www.facebook.com/metalera.dastrevas>

<http://multishow.globo.com/Tribos/Sobre-o-Programa/>

<http://www.youtube.com/watch?v=oaG-DYyocQs>

<http://pt.scribd.com/doc/51219446/Entre-Memoria-e-Historia-a-Problematica-Dos-Lugares-Pierre-Nora>.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm.

WWW.arnaldogodoy.com.br/2009/pdf/revista_2007.pdf Acesso em 25 de julho de 2012

http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=6&Itemid=3

<http://www.belasantacatarina.com.br/noticias/2009/06/02/Palhoca-e-o-municipio-mais-dinamico-do-pais-5033.html>,

<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/legislação>

WWW.palhoça.sc.gov.br/?page=YWNpZGFQ==&id=NQ==

<http://www.palhoca.sc.gov.br/?page=YWNpZGFkZQ==&id=Nw==>

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

<http://ndonline.com.br/mobile/noticias/14469-palhoca-teve-dois-cinemas-mas-ficou-sem-nenhum.html>.

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702005000200008&script=sci_arttext

http://twitter.com/SigaBanda_4Left .

<http://www.youtube.com/watch?v=DiXqBnNwmfI&feature=youtu.be> .

<http://alamsade.blogspot.com.br>